

**Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do
Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde**

CARLA DOS SANTOS FELTMANN

**IGREJA DA PENHA: SUBSÍDIOS PARA O PLANO DE CONSERVAÇÃO
PREVENTIVA**

**Rio de Janeiro
2021**

CARLA DOS SANTOS FELTMANN

**IGREJA DA PENHA: SUBSÍDIOS PARA O PLANO DE CONSERVAÇÃO
PREVENTIVA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural.

Orientador:
Profa. Dra. Carla Maria Teixeira Coelho

**Rio de Janeiro
2021**

CARLA DOS SANTOS FELTMANN

**IGREJA DA PENHA: SUBSÍDIOS PARA O PLANO DE CONSERVAÇÃO
PREVENTIVA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Carla Maria Teixeira Coelho (Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz) – Orientadora

Prof. Dr. Renato da Gama-Rosa Costa (Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Profa. Dra Claudia Carvalho Leme Nóbrega
(Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – PROARQ / FAU / UFRJ)

**Rio de Janeiro
2021**

Ficha Catalográfica

F325i Feltmann, Carla dos Santos.

Igreja da Penha : subsídios para o plano de conservação preventiva /Carla dos Santos Feltmann ; orientada por Carla Maria Teixeira Coelho.

– Rio de Janeiro: s.n., 2021.
221 f.

Dissertação (Mestrado em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa deOswaldo Cruz, 2021.

Bibliografia: 187-193f.

1. Patrimônio Cultural. 2. Conservação Preventiva. 3. Catolicismo .
4. Brasil.

CDD 363.69

Catálogo na fonte - Marise Terra Lachini –
CRB6-351

Para honra e glória de Deus Pai, todo poderoso, e de Maria
Santíssima sob o título de Senhora da Penha de França.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela minha vida e pela oportunidade de desenvolver este trabalho. Que beneficie a Sua Igreja na Penha e aqueles que dela fazem parte.

Aos meus pais, Clementina e Carlos, por todo o amor incondicional, suporte, apoio e paciência. Em especial, a minha mãe pelo exemplo acadêmico.

Ao meu namorado, Jeferson, pelo incentivo e apoio constantes na busca por ser hoje sempre alguém melhor do que ontem.

A minha orientadora e xará, Carla, por ter lapidado este trabalho e demonstrado empenho, disponibilidade e gentileza durante todo o percurso.

Ao Padre Thiago Sardinha, reitor da Basílica da Penha, sempre muito solícito, por ter aberto o caminho para este trabalho permitindo visitas constantes, inclusive ao acervo, e indicando aqueles que poderiam melhor ajudar de acordo com a necessidade. O senhor é show de bola!

À Jussara Cestari, museóloga, por ter me guiado pela história da Basílica e seu acervo, indicando de maneira certa qual livro conteria a informação da qual eu precisava.

A todos os participantes das entrevistas, sejam eles identificados ou não, pelo seu tempo e disponibilidade. Vocês me fizeram compreender que este trabalho tem uma dimensão muito maior do que aquela relativa apenas à conservação do patrimônio. Esta Igreja é algo muito além de um bem tombado, é a nossa casa, onde reside nossa família e o próprio Deus. Lá pedimos aquilo de que necessitamos e recebemos muito mais do que poderíamos merecer. Temos grande carinho por ela porque sabemos em nossos corações que é muito mais do que um edifício. Obrigada por me fazerem perceber esta realidade que sempre estive bem na frente de meus olhos!

Aos meus amigos, por aguardarem pacientemente que este trabalho fosse concluído para que eu pudesse mais uma vez estar presente na vida deles.

RESUMO

A Igreja da Penha faz parte da paisagem da cidade do Rio de Janeiro e da vida de moradores e turistas desde 1635. É patrimônio cultural tombado pelo Instituto Rio Patrimônio da Humanidade - IRPH, lugar de memória e um dos berços do samba. Tem sua importância histórica, arquitetônica e espiritual reconhecida inclusive pelo Vaticano. Atualmente apresenta estado geral de conservação regular e danos pontuais mais graves que, ao evoluir, podem prejudicar a integridade da edificação. A manutenção, embora constante, funciona de forma reativa, num sistema de resposta à demanda, não havendo rotinas de conservação implementadas. O projeto de restauro foi concluído, mas sem previsão para o início das obras.

Este trabalho tem o objetivo de reunir subsídios para desenvolver um plano de conservação preventiva que possa orientar as ações de funcionários e voluntários da Igreja e melhor instruí-los a respeito de manutenção do edifício visando a sua durabilidade. A metodologia utilizada contou com revisão bibliográfica na área da conservação preventiva; pesquisa histórica, arquivística, bibliográfica e de fontes orais; análises in loco; mapeamento de atores que exercem influência sobre o bem e sua conservação e entrevistas semiestruturadas.

O trabalho desenvolve-se com uma discussão teórica sobre o conceito de conservação preventiva e exemplos de sua aplicação; caracterização da Igreja da Penha –incluindo história, materiais construtivos, intervenções anteriores, informações sobre o sítio, mapeamento de atores que interagem com o edifício e valores atribuídos à Igreja; diagnóstico da edificação e, finalmente, diretrizes gerais para conservação preventiva e conservação programada, ações de educação patrimonial, sistematização de orientações para a conservação do prédio e sensibilização daqueles que trabalham ou frequentam a Igreja da Penha sobre sua importância enquanto patrimônio cultural.

Palavras-chave: conservação preventiva, patrimônio cultural, Igreja da Penha.

ABSTRACT

The Penha Church is part of the city of Rio de Janeiro's landscape and the life of its residents and tourists since 1635. It is a cultural heritage site listed by the Instituto Rio Patrimônio da Humanidade – IRPH; a place of memory and one of the birthplaces of samba. Its historical, architectural and spiritual importance is recognized even by the Vatican.

Currently, its general state of conservation is considered regular with punctual and more serious damage that, when evolving, can impair the integrity of the building. Maintenance, although constant, works in a reactive way, in a system that responds to a demand, with no maintenance routines implemented. The restoration project has been developed, but there are no plans to start the work anytime soon.

This paper aims to gather subsidies to develop a preventive conservation plan that can guide the actions of Church employees and volunteers, to better instruct them about building maintenance, aiming at its durability. The methodology used included a review in the area of preventive conservation literature; historical, archival, bibliographical and oral sources research; on-site analysis; mapping of actors that influence the property and its conservation and semi-structured interviews.

The paper contains a theoretical discussion about the concept of preventive conservation and examples of its application; characterization of the Penha Church – including history, construction materials, previous interventions, information about the site, mapping of actors who interact with the building and values attributed to the Church; diagnosis of the building and, finally, general guidelines for preventive conservation and programmed conservation, heritage education actions, systematization of guidelines for the conservation of the building and sensitization of those who work or attend the Penha Church about its importance as a cultural heritage building.

Key words: preventive conservation, cultural heritage, Penha Church.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Frontão sobre o altar mor

Figura 2 – Altar-mor da ermida de 1935 e imagem de Nossa Senhora do Rosário

Figura 3 – Assinatura da Princesa Isabel e de seu marido, Conde D’Eu no Livro de Visitantes (1888).

Figura 4 – Foto e assinatura da Princesa Dona Esperanza e sua família

Figura 5 – Nota de agradecimento pelo broche recebido de Monsenhor Alves da Rocha

Figura 6 – Assinaturas de membros da família imperial no Livro de Visitantes

Figura 7 – Assinaturas do prefeito Pereira Passos no Livro de Visitantes

Figura 8 – Assinatura do prefeito Paulo de Frontin no Livro de Visitantes

Figura 10 – Convento da Penha, Vila Velha, ES. Construído no alto da rocha de 154m entre duas palmeiras

Figura 11 – Igreja da Penha em Salvador, BA.

Figura 12 – Basílica da Penha em Recife, PE.

Figura 13 – Capela depois da reforma de 1728

Figura 14 – Igreja da Penha após as alterações de 1870

Figura 15 – Planta recentemente restaurada da reforma pela qual a Igreja da Penha passou em 1870

Figura 16 – Vista aérea da Igreja da Penha (2019).

Figura 17 – Detalhe do terraço construído em 1938

Figura 18 – Escadaria antes do alargamento

Figura 19 – Escadaria depois do alargamento (2019).

Figura 20 – Fiéis subindo a escadaria da Igreja da Penha

Figura 21 – Fiel subindo a escadaria de joelhos. Setembro de 2021

Figura 22 – Fiéis em procissão com a imagem de Nossa Senhora da Penha

Figura 23 – Fiéis em procissão com a imagem de Nossa Senhora da Penha

Figura 24 – Pórtico de entrada da ladeira da Penha durante a Festa da Penha. Outubro de 1972

Figura 25 – Barracas na ladeira da Penha durante a Festa da Penha. Outubro de 1972.

Figura 26 – Vendedores na Festa da Penha. Outubro de 1972

Figura 27 – Fiéis e barracas na ladeira da Penha durante a Festa da Penha. Outubro de 1972.

Figura 28 – Fiéis subindo a escadaria em direção à Igreja da Penha durante a Festa da Penha. Outubro de 1972.

Figura 29 – Procissão de encerramento da 384ª Festa da Penha, comemorada no ano de 2019

Figura 30 – O cantor Elymar Santos em sua live transmitida da Basílica da Penha

Figura 31 – Largada da segunda edição do Desafio Escadaria da Penha, 2019

Figura 32 – Parte do percurso do Desafio Escadaria da Penha, 2019

Figura 33 – Participantes durante o Desafio Escadaria da Penha, 2019.

Figura 34 – Participantes durante o Desafio Escadaria da Penha, 2019.

Figura 35 –Localização das estradas de ferro na área metropolitana do Rio de Janeiro, com destaque para o bairro da Penha.

Figura 36 – Grupo de romeiros a cavalo durante a Festa da Penha. Outubro de 1909

Figura 37 – Região do bairro da Penha onde se encontra o complexo.

Figura 38 – Imagem aérea do complexo.

Figura 39 – Parque Shanghai

Figura 40 – Colégio Nossa Senhora da Penha, década de 1920

Figura 41 – Colégio Nossa Senhora da Penha, década de 2020.

Figura 42 – Salão de Festas São João Paulo II, interior.

Figura 43 – Bazar da Caridade Santa Irmã Dulce dos Pobres

Figura 44 – Alunos do Instituto Igor Chatubinha no pátio da Igreja e em sala reformada para prática de luta.

Figura 45 – Concha acústica Jerry Adriani durante celebração de missa e Festa Junina

Figura 46 – Cruzeiro da Universidade

Figura 47 – Inauguração e acervo do Museu da Venerável Irmandade

Figura 48 – Acervo do Museu: sino da ermida e da capela de 1728

Figura 49 – Acervo do Museu: registros da ligação com a família imperial brasileira.

Figura 50 – Acervo do Museu: fardas militares

Figura 51 – Acervo do Museu: vestidos de noiva

Figura 52 – Acervo do Museu: antigo mobiliário do Colégio Nossa Senhora da Penha, mimeógrafo e mantos de N. S. da Penha.

Figura 53 – Acervo do Museu: objetos da época da escravidão

Figura 54 – Acervo do Museu: parte de um dos altares antigos, vestes litúrgicas, objetos litúrgicos.

Figura 55 – Acervo do Museu: fotografias do bairro e da Igreja.

Figura 56 – Acervo do Museu: sala dos milagres

Figura 57 – Acervo do Museu: cruz carregada por um devoto enquanto subia a escadaria.

- Figura 58 – Capela Sagrado Coração de Jesus
- Figura 59 – Administração e casa paroquial
- Figura 60 – Coreto
- Figura 61 – Luiz Moraes Júnior
- Figura 62 – Fachada Oeste (2019)
- Figura 63 – Fachada Norte – lado Olaria (2019)
- Figura 64 – Fachada Sul – lado Penha (2019)
- Figura 65 – Fachada Leste da Igreja da Penha (2019)
- Figura 66 – Basílica a noite, com iluminação
- Figura 67 – Planta do primeiro pavimento da Igreja da Penha (2019)
- Figura 68 – Altar lateral removido para abertura de vão.
- Figura 69 – Interior da Basílica: teto, coro e lustres.
- Figura 70 – Alvenaria autoportante em pedra argamassada.
- Figura 71 – Vista área da cobertura da Basílica.
- Figura 72 – Estrutura da cobertura
- Figura 73 – Forro das áreas externas em gesso.
- Figura 74 – Revestimento externo das paredes.
- Figura 75 – Elementos quadrados que decoram o forro em madeira da sacristia.
- Figura 76 – Forro em lambris de madeira nas galerias.
- Figura 77 – Forro da nave com aplicação de estuques.
- Figura 78 – Lioz e granitos na nave.
- Figura 79 – Mármore branco nos degraus de acesso ao presbitério.
- Figura 80 – Revestimento em mármore branco no interior da nave da Igreja.
- Figura 81 – Azulejos na área de atendimento ao público.
- Figura 82 – Azulejos na área de atendimento ao público.
- Figura 83 – Azulejos da sacristia
- Figura 84 – Parede da circulação lateral revestida em azulejos.
- Figura 85 – Mosaico em ladrilho hidráulico encontrado na sacristia.
- Figura 86 – Ladrilho hidráulico na área de atendimento ao público.
- Figura 87 – Pastilhas hexagonais na circulação lateral, próximas ao presbitério.
- Figura 88 – Ladrilhos hidráulicos na circulação lateral, próximo à sacristia.
- Figura 89 – Porta lateral e janela.

Figura 90 – Estuque do batistério.

Figura 91 – Forro da nave principal, em madeira com aplicação de estuques ornamentais.

Figura 92 – Fissura na parede do fundo da igreja, pavimento térreo.

Figura 93 – Trinca na parede do fundo da igreja, pavimento superior

Figura 94 – Fissuras na fachada de fundos da igreja, próximo aos terraços.

Figura 95 – Fissura na fachada de fundos da igreja, próximo aos terraços

Figura 96 – Fissura na fachada de fundos da igreja, próximo aos terraços.

Figura 97 – Fissuras no guarda corpo dos terraços.

Figura 98 – Peça de madeira deteriorada.

Figura 99 – Escadaria que leva ao pavimento superior, 2018.

Figura 100 – Escadaria que leva ao pavimento superior, 2021.

Figura 101 – Primeira escada e piso intermediário, torre Olaria.

Figura 102 – Segunda escada, torre Olaria.

Figura 103 – Marcas de ferrugem da laje do nível dos sinos.

Figura 104 – Acesso ao coro.

Figura 105 – Perda de elementos e instalações elétricas irregulares.

Figura 106 – Assoalho solto, com partes faltantes e perda de camada protetiva.

Figura 107 – Foto de 2018 quando o guarda corpo ainda não apresentava nenhum elemento faltante, embora alguns já se apresentassem bem danificados.

Figura 108 – Fiações expostas.

Figura 109 – Fiação em calhas.

Figura 110 – Macha negra, umidade e presença de vegetação.

Figura 111 – Instalações elétricas irregulares no madeiramento da estrutura.

Figura 112 – Alçapão de acesso à cobertura.

Figura 113 – Forro das galerias laterais exteriores

Figura 114 – Manchas na pintura por aplicação incorreta de tinta.

Figura 115 – Estufamento de pintura.

Figura 116 – Perda de material do reboco.

Figura 117 – Descolamento de pintura nos arcos das galerias externas.

Figura 118 – Descolamento de pintura na fachada Olaria

Figura 119 – Descolamento de pintura.

Figura 120 – Manchas de umidade.

Figura 121 – Descolamento de pintura sob o forro da torre sineira Olaria, proveniente

Figura 122 – Manchas negras na fachada Olaria.

Figura 123 – Manchas negras no guarda corpo do terraço, lado Olaria.

Figura 124 – Ferrugem proveniente da estrutura de fixação da iluminação de silhueta.

Figura 125 – Ferrugem proveniente da estrutura metálica do mobiliário para depósito de ex-votos.

Figura 126 – Presença de vegetação no embasamento (esquerda) e na platibanda (direita).

Figura 127 – Desplacamento.

Figura 128 – Preenchimento com material incompatível (direita).

Figura 129 – Exemplo dos diversos insetos encontrados no exterior da edificação.

Figura 130 – Oxidação dos douramentos.

Figura 131 – Trincas.

Figura 132 – Trincas.

Figura 133 – Manchas de umidade, descolamento de pintura.

Figura 134 – Manchas de umidade, descolamento de pintura.

Figura 135 – Pintura incorreta das cenas exibidas no forro da nave

Figura 136 – Pintura incorreta das cenas exibidas no forro da nave

Figura 137 – Perda de material de revestimento sobre a porta principal.

Figura 138 – Forro em gesso sob o coro.

Figura 139 – Descolamento de pintura pontual.

Figura 140 – Diferença de tons entre os dois níveis.

Figura 141 – Janelas de prospecção no presbitério.

Figura 142 – Detalhe da pintura decorativa encoberta por pintura lisa no presbitério.

Figura 143 – Instalações elétricas irregulares.

Figura 144 – Preenchimento com material compatível.

Figura 145 – Perfurações.

Figura 146 – Perfurações e preenchimento com material incompatível.

Figura 147 – Presença de adesivos.

Figura 148 – Desgaste por uso contínuo.

Figura 149 – Elementos soltos.

Figura 150 – Manchas na pintura.

Figura 151 – Elementos quebrados.

Figura 152 – Material incompatível.

Figura 153 – Marcas de infiltração e descolamento de pintura pavimento térreo.

Figura 154 – Marcas de infiltração e trincas no pavimento térreo.

Figura 155 – Marcas de infiltração e descolamento de pintura no pavimento superior.

Figura 156 – Descolamento de pintura no pavimento térreo.

Figura 157 – Descolamento de pintura, pavimento superior.

Figura 158 – Manchas de umidade no pavimento térreo.

Figura 159 – Machas de umidade e descolamento de pintura no pavimento superior.

Figura 160 – Fissuras e perda de reboco no pavimento térreo.

Figura 161 – Fissuras e perda de reboco no pavimento superior.

Figura 162 – Trincas e perda de rejunte.

Figura 163 – Perda de parte do azulejo e exposição do reboco da parede.

Figura 164 – Perda de vidro.

Figura 165 – Reconstituição com material incompatível.

Figura 166 – Salinização.

Figura 167 – Os azulejos que quase foram destruídos para substituição de encanamento em funcionamento

Figura 168 – Alteração cromática.

Figura 169 – Perda de camada protetiva.

Figura 170 – Piso cerâmico substituindo o piso anterior em madeira.

Figura 171 – Perda de elementos.

Figura 172 – Tábuas soltas.

Figura 173 – Perda volumétrica e fissuras devido à exposição ao tempo.

Figura 174 – Perda camada pictórica devido à impacto

Figura 175 – Excessivas de camadas de pintura.

Figura 176 – Perfurações na cercadura para fixação de portão.

Figura 177 – Preenchimento com material incompatível.

Figura 178 – Marcas de ferrugem.

Figura 179 – Marcas de ferrugem.

Figura 180 – Substituição de porta.

Figura 181 – Marcas de ferrugem e vidro quebrado na porta de acesso à sacada.

- Figura 182 – Marcas de ferrugem e vidro quebrado na porta de acesso à sacada.
- Figura 183 – Ataques de xilófagos.
- Figura 184 – Douramento coberto por pintura.
- Figura 185 – Antiga sacada.
- Figura 186 – Altar-mor do rito extraordinário, visão geral.
- Figura 187 – Altar-mor do rito tridentino.
- Figura 188 – Detalhe do altar-mor do rito tridentino.
- Figura 189 – Perda cromática no altar do rito ordinário.
- Figura 190 – Trinca no altar do rito ordinário.
- Figura 191 – Mobiliário de uso no presbitério.
- Figura 192 – Altar da prieira ermida, visão geral.
- Figura 193 – Antes e depois do teste de limpeza.
- Figura 194 – Perdas cromáticas.
- Figura 195 – Batistério com imagem do batismo de Jesus e pia batismal
- Figura 196 – Perdas volumétricas e cromáticas.
- Figura 197 – Utilização de material incompatível.
- Figura 198 – Elos oxidados.
- Figura 199 – Partes quebradas.
- Figura 200 – Púlpito.
- Figura 201 – Bancos originais.
- Figura 202 – Despejo de efluente de gordura sobre a pedra.
- Figura 203 – Instalações elétricas passando por tubulação de águas pluviais.
- Figura 204 – Instalações elétricas passando por tubulação de águas pluviais.
- Figura 205 – Instalações elétricas irregulares.
- Figura 206 – Instalações elétricas irregulares.
- Figura 207 – Captor.
- Figura 208 – Cordoalha.
- Figura 209 – Cordoalha.
-
- Figura 210 – Breve histórico da Igreja da Penha, parte 1 de 2.
- Figura 211 – Breve histórico da Igreja da Penha, parte 2 de 2.
- Figura 212 – Localização das figuras presentes do subitem de materiais e sistemas construtivos, pavimento térreo.

Figura 213 – localização das figuras presentes no capítulo Diagnóstico de Conservação, pavimento térreo.

Figura 214 – localização das figuras presentes no capítulo Diagnóstico de Conservação, pavimento superior.

Figura 215 – localização das figuras presentes no capítulo Diagnóstico de Conservação, cobertura.

Figura 216 – Registro do Livros de Obras da Igreja do ano de 1900 onde é possível identificar a assinatura de Luiz Moraes.

Figura 217 – Registro do pagamento de funcionários presente no Livro de Obras da Igreja (1900).

Figura 218 – Danos identificados no Livro de Obras da Igreja (1900)

Figura 219 – Danos identificados no Livro de Obras da Igreja (1900)

Sumário

Introdução	1
Capítulo 1: Uma discussão teórica sobre conservação preventiva.....	6
1.1 Conservação preventiva no Brasil.....	11
Capítulo 2: Caracterização da Igreja da Penha.....	16
2.1 História da Igreja da Penha	16
2.2 A venerável Irmandade de Nossa Senhora da Penha de França.....	19
2.3 Outras Igrejas dedicadas à Nossa Senhora da Penha de França no Brasil	23
2.4 Intervenções na Igreja da Penha.....	25
2.5 Proteção e títulos	30
2.6 A famosa escadaria da Igreja da Penha.....	32
2.7 Eventos religiosos e culturais	33
2.8 Os sambas da Penha	45
2.9 O sítio.....	48
2.10 O arquiteto.....	65
2.11 A Arquitetura	68
Implantação	68
Fachada Oeste	69
Fachadas Norte e Sul.....	71
Fachada Leste.....	75
2.12 Materiais e sistemas construtivos	82
3.1 Fundação e estrutura.....	102
3.2 Cobertura.....	111
3.3 Revestimento externos	115
3.4 Revestimento internos	124
3.5 Esquadrias	148

3.6 Bens integrados	156
3.7 Instalações	167
Capítulo 4: Diretrizes para o plano de conservação preventiva	174
4.1 Planejamento das intervenções arquitetônicas.....	174
4.2 Diretrizes gerais para a edificação	177
4.3 Diretrizes gerais para os bens integrados	179
4.4 Diretrizes gerais para os bens móveis.....	179
4.5 Segurança	180
4.6 Diretrizes Gerais para Ações Sociais.....	181
4.7 Diretrizes gerais para a educação patrimonial.....	182
4.8 Diretrizes Gerais para o Turismo	183
4.9 Diretrizes gerais para a conservação do meio ambiente	184
Conclusão	185
Referências	187
Apêndice I.....	194
Apêndice II - Conservação programada.....	198
Apêndice III	212
Apêndice IV	214
Apêndice V.....	215
Anexo 1 – Imagens do Livro de Obras da Igreja da Penha de 1900 - 1902.....	218

Introdução

A Igreja da Penha é patrimônio cultural tombado pelo Instituto Rio Patrimônio da Humanidade/IRPH, órgão da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro; marco da paisagem da Zona Norte da cidade, vista desde o Aeroporto Internacional Tom Jobim; símbolo do bairro da Penha; reconhecida por muitos como um dos berços do samba; palco da festa religiosa mais antiga da cidade e de outros tantos eventos religiosos e culturais de grande importância para a comunidade católica e local em geral.

Popularmente conhecida como Igreja da Penha é, atualmente, Basílica Santuário Arquidiocesano Mariano de Nossa Senhora da Penha de França e, apesar de sua importância para o bairro e para a cidade, não conta com um plano de conservação preventiva que possa sistematizar e orientar ações de manutenção, o que contribuiria para evitar que a edificação se deteriore e para que gerações futuras tenham acesso à Igreja da Penha.

Moradora do bairro da Penha durante toda a vida, sempre tive uma relação próxima com a Igreja. Posso vê-la de minha casa, escuto as badaladas dos sinos a cada meia hora e posso ouvir até mesmo as missas. Assisto de local privilegiado – o terraço de minha residência – às queimas de fogos que acontecem na virada do ano. Esta é a Igreja que frequento aos domingos e onde faço parte do corpo de voluntários, além de ter uma relação pessoal com funcionários, voluntários e membros da administração. Quando comecei a me especializar em conservação e restauro de bens culturais, escolher a Igreja como objeto de estudo foi, para mim, muito natural e, para os demais envolvidos com a Igreja, motivo de alegria.

Construída por ordem de Baltazar de Abreu, em 1635, no alto de uma rocha de mais de 100 metros de altura, como agradecimento por um milagre recebido, a Igreja passou por três grandes reformas até chegar à configuração que possui hoje. O acesso é feito pela famosa escadaria com 382 degraus, dos quais 365 foram talhados na própria rocha. Acumulando entre outros títulos os de basílica e santuário, a Igreja da Penha é ainda palco de diversos eventos culturais e religiosos na cidade, sendo um de seus pontos turísticos.

A conservação do edifício, exemplar de arquitetura eclética, não foi o foco das gestões anteriores. Atualmente, este apresenta marcas de infiltrações, elementos danificados pelo ataque de cupins, problemas na rede elétrica, além de outros problemas resultantes da escassez de verbas e inexistência de estratégias de longo prazo para sua preservação.

Diante da importância da edificação e da falta de um sistema de manutenção, faz-se imperativa a definição de estratégias para conservação e restauro. Atualmente, a Irmandade, grupo responsável pela administração da Igreja, reconhece esta necessidade, tendo contratado empresa especializada para desenvolvimento de projeto de restauração¹. O projeto compreende exclusivamente o edifício, seu entorno imediato, cruzeiro frontal, chegada do bondinho (plano inclinado), velário e sanitários. Contempla restauração dos materiais construtivos; adequação às normas de acessibilidade; revisão das instalações; e reforma do acesso ao plano inclinado, banheiros e velário e foi concluído em dezembro de 2019. As próximas etapas serão a preparação da planilha orçamentária, captação de recursos e contratação de empresa para realização das obras. Não há previsão para o início das obras nem orçamento disponível. A verba da Igreja para estas ações é proveniente de doações de fiéis e do rendimento obtido com realização de festas, venda de artigos religiosos e aluguel de imóveis pertencentes à Irmandade, além da busca de patrocinadores por meio das leis de incentivo à cultura.

De acordo com Guichen (1999), conservação é qualquer ação humana, direta ou indireta, que tem por objetivo aumentar a expectativa de vida de um bem intacto ou danificado. Já restauração, é qualquer ação humana que visa a assegurar que um objeto danificado recupere sua integridade estética, física ou histórica. Ainda segundo o autor, a conservação subdivide-se em conservação curativa e conservação preventiva. A primeira é aplicada quando um bem já se encontra sob a ação de um ou mais agentes de deterioração e, a segunda – conservação preventiva – pretende evitar que um bem, independentemente de seu estado atual de conservação, venha a sofrer danos por qualquer agente de degradação natural ou humana.

Reconhecendo a necessidade de um processo de sensibilização de membros da administração, funcionários, voluntários e visitantes sobre a importância da Igreja e sua promoção como bem cultural, e com a intenção de melhor instruí-los a respeito de formas adequadas de utilização do espaço, este trabalho reuniu subsídios para um plano de conservação preventiva a ser desenvolvido visando evitar maiores desgastes na edificação e garantir a sua conservação em longo prazo, inclusive após as obras de restauro, para maior durabilidade das intervenções.

¹ O projeto foi desenvolvido pelo escritório Astorga Arquitetura e Restauração, sob coordenação do arquiteto Jorge Astorga.

Este trabalho apresenta informações teóricas sobre conservação preventiva e exemplos de casos para embasar as decisões tomadas ao longo do desenvolvimento, reúne informações para desenvolvimento da caracterização da igreja e do sítio onde está localizada; análise dos danos presentes na edificação e proposição de diretrizes para a conservação preventiva, conservação programada e educação patrimonial para a Igreja da Penha.

A metodologia aplicada inclui revisão bibliográfica no campo da conservação preventiva, pesquisa histórica, análises *in loco*, mapeamento de atores e entrevistas semiestruturadas.

A revisão bibliográfica possibilitou um melhor embasamento das decisões tomadas no desenvolvimento das diretrizes para o plano de conservação preventiva. Já a pesquisa histórica, feita por meio de pesquisas arquivísticas, bibliográficas e de fontes orais, permitiu obter e sistematizar informações sobre a edificação, os acontecimentos que fazem parte de sua biografia, construção, intervenções anteriores e uso.

Foram levantados, no acervo da Igreja da Penha, documentos como atas de reuniões, cadernos de visitantes, fotografias de eventos antigos e atuais e notícias de diversos jornais, além de relatórios de visitas técnicas e levantamento cadastral feito por escritório de arquitetura. Durante as etapas iniciais da pesquisa foi possível perceber a importância da documentação (e a falta que ela faz). Segundo a museóloga da Igreja, Jussara Cestari, diversos documentos que contam a história da Basílica ficaram confinados em uma sala sem condições adequadas para a conservação, inviabilizando sua consulta. Apenas recentemente estes documentos vêm sendo analisados e compilados em um documento interno que reúne informações sobre a história da Igreja.

Também foi realizada busca no acervo da Biblioteca Nacional. Fontes como Arquivo da Cidade e IRPH não puderam ser consultados devido à suspensão de algumas atividades por conta da pandemia de COVID-19. Durante busca na base digital do Arquivo Nacional foi possível encontrar fotografias e reportagens de jornais além de registros de sambas que falam da Igreja da Penha, da Festa da Penha ou do Bairro em suas letras.

Foram consultados também em periódicos e anais de eventos artigos científicos sobre conservação preventiva e experiências de sua implantação para a conservação de edifícios históricos.

As análises *in loco*, compostas por visitas periódicas à Igreja com o intuito de identificar os materiais construtivos e monitorar os processos de deterioração, permitiram a

reunião de dados que foram, então, compilados e analisados possibilitando a correlação entre danos e seus respectivos agentes de deterioração, para, em seguida, propor medidas para a conservação preventiva.

Mapearam-se os atores que exercem influência sobre o bem e sua conservação, como reitores da Basílica, funcionários, voluntários, frequentadores, visitantes e moradores do bairro, e foram realizadas entrevistas semiestruturadas com o objetivo de levantar informações sobre a história e percepção desses atores a respeito da igreja.

A pandemia de COVID-19 teve grande impacto no desenvolvimento deste trabalho. Diversos acervos que seriam consultados fecharam temporariamente e, até a conclusão deste trabalho, ainda não reabriram. A Igreja da Penha permaneceu fechada por vários meses, não sendo possível visitá-la, acessar o acervo ou conversar com funcionários. Muitas das entrevistas que seriam feitas preferencialmente de maneira presencial precisaram ser adiadas ou realizadas de maneira remota.

O trabalho foi estruturado em quatro capítulos. O primeiro capítulo trata do escopo, da metodologia e do referencial teórico adotados. Contempla uma discussão teórica sobre o conceito de conservação preventiva para edifícios históricos e apresenta os exemplos adotados como referência para desenvolvimento da proposta de plano de conservação preventiva.

O segundo capítulo consiste na caracterização da Igreja da Penha. Foram reunidas informações sobre sua história, materiais que a compõem e intervenções anteriores, através de pesquisa histórica e bibliográfica, levantamentos *in loco* e entrevistas. Foram apresentadas ainda informações sobre o sítio onde está implantada. Essa etapa inclui o mapeamento dos diferentes atores que interagem com o edifício e os valores atribuídos à Igreja.

O terceiro capítulo compreende o diagnóstico de conservação da edificação. Elaborado a partir das informações levantadas para a caracterização, avalia o estado de conservação dos elementos e materiais da edificação e busca estabelecer relações de causa e efeito entre os problemas encontrados e os agentes de deterioração. Nesta etapa, comparou-se o levantamento da situação atual da edificação com outro elaborado pela autora em 2018 durante um curso de especialização *lato sensu* na área de restauração do patrimônio edificado. O levantamento foi elaborado através de observação e de registro fotográfico feito durante visitas de inspeção programadas e frequentes, compilando, posteriormente, as

informações sobre o estado de conservação dos elementos da edificação em forma de relatório.

O quarto capítulo contempla as diretrizes para conservação preventiva do edifício, incluindo orientações relacionadas à conservação programada e a educação patrimonial. O objetivo dessa última etapa é sistematizar orientações visando tanto a conservação do prédio em longo prazo quanto à sensibilização daqueles que trabalham ou frequentam a Igreja da Penha, tanto sobre sua importância enquanto patrimônio quanto a respeito da importância da conservação e do patrimônio em geral.

Capítulo 1: Uma discussão teórica sobre conservação preventiva

Para melhor embasar as decisões tomadas ao longo do desenvolvimento deste trabalho, faz-se oportuno analisar as publicações sobre conservação preventiva, conceito que pode ser encontrado em trabalhos escritos no século XIX, dando início à discussão sobre o tema. Em meio à diferentes abordagens, muitas vezes antagônicas, a importância da conservação como estratégia de preservação e ação preferível ao restauro (que deveria ser aplicado apenas em último caso), se faz presente.

John Ruskin, já no século XIX, ressaltava as vantagens da conservação em relação à restauração e escrevia “cuide bem de seus monumentos e não precisará restaurá-los” (2008 [1849], p. 81-82). Reconhecia a conservação como maneira de prolongar a vida dos monumentos e acrescentava ainda que “algumas chapas de chumbo colocadas a tempo num telhado, algumas folhas secas e gravetos removidos a tempo de uma calha, salvarão tanto o telhado com as paredes da ruína” (RUSKIN, 2008 [1849], p.81-82).

Segundo o autor, a restauração seria “a mais total destruição que um edifício pode sofrer” (RUSKIN, 2008 [1849], p.79) e deveria ser evitada a todo o custo, pois removia a pátina do tempo (beleza proveniente da passagem do tempo que dava ao edifício o caráter pitoresco tão admirado por Ruskin) sendo apenas uma imitação da obra original. Para ele, o “dia fatal [do monumento] por fim chegará; mas que chegue declarada e abertamente, e que nenhum substituto desonroso e falso prive o monumento das honras fúnebres da memória” (RUSKIN, 2008 [1849], p. 82).

Contemporâneo de Ruskin e antagônico a ele, Viollet-le-Duc, adepto do restauro estilístico, pregava a eliminação de características e estilos diferentes dos da época da construção “para repor na totalidade [do edifício] sua forma antiga, mesmo que nunca tenha sido assim” (2013 [1875]).

Embora antagônicos, pode-se encontrar, no trabalho de ambos, conceitos atuais como a importância da pesquisa histórica minuciosa, defendida por Viollet-le-Duc, e a manutenção constante do edifício para evitar sua morte precoce, defendida por Ruskin.

No século seguinte, Cesare Brandi defendia que, antes de se colocar em prática ações de restauração ou mesmo de prevenção, seria necessário reconhecer a obra de arte como tal: produto especial da atividade humana que tem dupla polaridade – estética e histórica (2017

[1963], p. 103). De acordo com Brandi a obra de arte que deveria condicionar a restauração, não ao contrário.

Uma vez reconhecida como obra de arte, o dever de conservá-la e transmiti-la para gerações futuras torna-se imperativo e, a partir deste reconhecimento, deveria ser adotada, de maneira preferível à restauração, a restauração preventiva – “tutela, remoção de perigos, asseguração de condições favoráveis” – que deve levar em conta, primeiramente, a compreensão da imagem e, em seguida, o estado de conservação dos materiais que a compõem (BRANDI, 2017 [1963], p.99). Além disso, ainda segundo Brandi (2017 [1963], p. 102), a restauração preventiva tem, também, o objetivo de impedir restaurações de extrema urgência, que dificilmente poderiam salvaguardar completamente a obra de arte.

Além dos autores expostos anteriormente, a abordagem preventiva vem sendo defendida desde os primeiros documentos internacionais sobre preservação de bens culturais. De acordo com a Carta de Atenas (IPHAN, 1931, p. 1), é necessário adotar “manutenção regular e permanente, apropriada para assegurar a conservação dos edifícios”.

Já a Carta de Veneza (ICOMOS, 1964), expõe que os monumentos são testemunhos vivos de tradições seculares e é necessário preservá-los para que possam ser transmitidos em plenitude e autenticidade às gerações futuras. Para sua conservação é preciso, antes de tudo, manutenção permanente.

A Carta do Restauro italiana (1972), menciona a possibilidade de propor novos usos para edifícios históricos como uma maneira de evitar o abandono do edifício. Para isto, ressalta que o novo uso não deve ser incompatível com os interesses histórico-artísticos do monumento e que as obras de adaptação devem limitar-se ao mínimo, conservando as formas externas e evitando alterações significativas na tipologia, na organização estrutural e na sequência dos espaços internos (MINISTÉRIO DE INSTRUÇÃO PÚBLICA, 1972).

Documentos como a Carta de Burra (ICOMOS AUSTRÁLIA, 2013), o Documento de Nara (ICOMO, 1994), o Principles for the Analysis, Conservation and Structural Restoration of Architectural Heritage (ICOMOS, 2003) e o SPRECOMAH Conclusions Guidelines (2009), ressaltam a importância da cultura e da população locais em relação ao patrimônio edificado.

A Carta de Burra (ICOMOS AUSTRÁLIA, 2013), em seu artigo 12, diz que a conservação deve permitir a participação dos atores para os quais o bem tem significado ou com o qual eles têm responsabilidades sociais, espirituais ou culturais.

Já o Documento de Nara (ICOMOS, 1994), afirma que o patrimônio de uma sociedade é constituído por suas expressões tangíveis e intangíveis e que "a responsabilidade por este patrimônio e seu gerenciamento pertence, em primeiro lugar, à comunidade cultural que o gerou, e secundariamente àquela que cuida dele".

O documento *Principles for the Analysis, Conservation and Structural Restoration of Architectural Heritage* (ICOMOS, 2003), explica que o valor e a autenticidade do patrimônio cultural não podem ser baseados em critérios fixos porque o respeito devido a todas as culturas também exige que o patrimônio tangível seja considerado dentro do contexto cultural ao qual ele pertence.

A UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) possui, no campo da preservação, uma cátedra específica chamada PRECOMOS (Preventive Conservation, Monitoring and Maintenance of Monuments and Sites), cujo objetivo é realizar pesquisas na área de monitoramento e manutenção e promover a disseminação deles como estratégia de conservação preventiva, tornando-a sustentável tanto técnica quanto socialmente (VAN BALEN, 2011).

De acordo com SPRECOMAH Conclusion Guidelines (2009) – evento realizado no âmbito do PRECOMOS, a conservação preventiva começa com as pessoas, os habitantes locais que utilizam a edificação e são responsáveis por atividades de manutenção primária. É necessário sensibilizá-las não apenas quanto à importância e ao valor da edificação, mas também, quanto à importância e ao valor de suas próprias atividades de manutenção, mantendo vivo o interesse pelo edifício e as atividades dos habitantes locais, contribuindo, assim, para o desenvolvimento cultural contínuo e o reforço da tradição.

Guichen (2013) afirma que a conservação preventiva trouxe com ela uma profunda mudança no modo de trabalho, no entanto, trouxe também certa confusão quanto à terminologia. Diversos profissionais utilizavam expressões diferentes para tratar do mesmo assunto. Finalmente, o ICOM, em sua 15ª conferência trienal em Nova Deli em 2008, definiu conservação preventiva como:

todas as medidas e ações destinadas a evitar e minimizar a deterioração ou perda futura. Eles são realizados no contexto ou no entorno de um item, mas mais frequentemente em um grupo de itens, qualquer que seja sua idade e condição. Essas medidas e ações são indiretas – não interferem nos materiais e estruturas dos itens. Eles não modificam sua aparência.

O princípio da conservação preventiva foi conceituado no decorrer do século XX. A partir de 1950 começa a ser utilizado no ambiente dos museus com a investigação de agentes

de degradação que afetavam coleções. Nos anos de 1990 sua aplicação é ampliada para bens imóveis. Nesta mesma década, no Brasil, o conceito e sua aplicação no patrimônio arquitetônico começam a ser difundidos (COELHO, 2019).

No ambiente dos museus, em muitos casos é possível conservar o patrimônio móvel controlando o microclima ao redor dele. No caso de bens imóveis – como conjuntos urbanos, sítios arqueológicos, edifícios, interiores de edifícios históricos – intervir no ambiente é muito mais complicado, sendo necessária outra abordagem: conservar o máximo possível (VAN BALEN, 2011, p. 3).

As dimensões, escala, função e uso do patrimônio edificado compreendem desafios conceituais e técnicos para a sua conservação preventiva, que “envolve inspeções frequentes e informadas, intervenções mínimas e soluções que minimizem os riscos”. No entanto, o maior desafio constitui-se numa mudança de mentalidade, onde a conservação preventiva deixa ser um conjunto de ações “singulares e espaçadas no tempo” para se tornar processo contínuo que necessita do desenvolvimento de ferramentas apropriadas, de suporte tecnológico e de políticas adequadas de tutela e gestão (CARVALHO, 2015).

Instrumentos legais, políticas, aplicações de campo, ferramentas e técnicas apropriadas vão surgindo à medida que a demanda por informação cresce. Esta demanda, por sua vez, é fomentada pelos profissionais da área que, compreendendo a conservação preventiva “como uma filosofia proativa que tem como objetivo garantir a longevidade do patrimônio construído”, têm seu interesse pelo assunto despertado (CARVALHO, 2015).

Como o patrimônio edificado não se encontra envolto em uma membrana de proteção nem pode ser separado de seu entorno – ele faz parte de um contexto com edificações vizinhas, está inserido em uma cidade, ele está sujeito “a variações climáticas, ao efeito dos processos acelerados de urbanização e ao envelhecimento natural dos materiais que a compõem” (IPHAN, s/d.).

Conservar o máximo possível, como sugerido por Van Balen (2011, p. 3), se faz necessário, em especial no caso do patrimônio edificado, porque o valor dele não está apenas na sua aparência, mas também na integridade de todos os seus componentes como um produto único de uma tecnologia de construção específica daquele tempo (ICOMOS, 2003). Práticas como remover as estruturas internas mantendo somente as fachadas, recorrente nas edificações históricas do centro da cidade do Rio de Janeiro, não se encaixam no critério de conservação.

Para conservação preventiva, informação é crucial. É preciso compreender a edificação desde seu princípio: as técnicas usadas na sua construção, as alterações que ela sofreu ao longo do tempo e os efeitos delas, os possíveis danos que a afetaram e, finalmente, o seu estado atualmente (ICOMOS, 2003).

Os edifícios históricos, pelo passado complexo e pelas particularidades que possuem, necessitam de um sistema organizacional claro, possuindo, inclusive, semelhanças com a medicina. A mesma organização em etapas precisas utilizada na medicina é utilizada na conservação preventiva.

Estas etapas são anamnese ou caracterização, diagnóstico, terapia e controle e, correspondem respectivamente a pesquisa por informações relevantes sobre a história do edifício; identificação das causas dos danos; escolha da melhor medida corretiva, que deve atingir a causa e não o sintoma, e, controle da eficiência das intervenções (ICOMOS, 2003).

Para alcançar o melhor custo-benefício e o menor impacto na edificação utilizando o orçamento disponível de maneira racional, é normalmente necessário que as etapas acima sejam repetidas em um processo iterativo (ICOMOS, 2003).

Segundo o Icomos (2003), nenhuma ação deve ser efetivada sem antes ter-se avaliado os riscos e benefícios para a edificação. A exceção se dá quando medidas necessárias para a segurança precisam ser tomadas urgentemente, normalmente para evitar colapso iminente da estrutura. Quando possível, no entanto, essas medidas devem evitar modificações irreversíveis no edifício.

A conservação preventiva é uma área multidisciplinar, necessitando, portanto, de uma equipe multidisciplinar que, normalmente, é determinada de acordo com o tipo e escala do problema e que deveria trabalhar em conjunto desde o início do estudo (ICOMOS, 2003).

Ainda sobre a multidisciplinaridade, Carvalho (s/d.) diz que conservação não é mais um assunto apenas para conservadores. Cada vez mais arquitetos, engenheiros, químicos, físicos, biólogos, administradores e vários outros profissionais vêm ocupando novos espaços no que tange a preservação do patrimônio.

De acordo com May Cassar (apud CARVALHO, s/d.), diversas pessoas estão envolvidas com a conservação do bem e, é preciso que, além de ter competência técnica, a seja capaz de trabalhar em conjunto, combinando experiência técnica, científica, de gerenciamento e de comunicação. Os benefícios da interdisciplinaridade na conservação preventiva, além de numerosos, encorajam a interdependência e aumentam o envolvimento de cada profissional.

No contexto internacional destaca-se a iniciativa do Monumentenwacht, organização não governamental fundada na Holanda em 1973, com filial na Bélgica desde 1991, que visa dar suporte aos responsáveis por edifícios históricos para prevenir deterioração através de inspeções e manutenção regulares. As informações coletadas a partir das inspeções permitem documentar, comparar e monitorar o estado dos edifícios, podendo ser usada como ferramenta de gerenciamento que, em paralelo com a manutenção regular, pode prevenir graves danos, colaborar para a definição de orçamentos e evitar maiores gastos com restauração, mostrando-se, em longo prazo, mais barata do que intervenções emergenciais (VAN BALEN, 2011, p. 1, 2).

1.1 Conservação preventiva no Brasil

A trajetória da conservação preventiva no Brasil se inicia na década de 1990. Uma das iniciativas mais expressivas do período foi o Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos (CPBA), cujo objetivo era “ampliar o conhecimento a preservação dos acervos documentais por meio de um programa de informação e intercâmbio” (BECK, 2001).

Idealizado em 1994 por um grupo de pessoas preocupadas com a preservação dos acervos documentais brasileiros que percebiam a necessidade da elaboração políticas continuadas de conservação preventiva, reconhecida como opção mais viável em termos de custos e de resultados (BECK, 2001).

Porque a conservação preventiva era uma prática pouco difundida, considerou-se que seria necessário desenvolver um amplo processo de informação e conscientização sobre sua importância. Assim, além de identificar textos técnicos estrangeiros sobre temas prioritários para tradução, durante sua existência, o Projeto CPBA reuniu e disseminou em uma página da internet conhecimento atualizado sobre a preservação de documentos e registros em papel, som, filme, fotografia e meio digital (BECK, 2001).

Em 1997, o Projeto CPBA publicou uma seleção de 53 títulos sobre a conservação preventiva de livros e documentos, de filmes, fotografias e meios magnéticos. No mesmo ano, o Projeto iniciou o processo de difusão por meio de seminários organizados por todo o Brasil estimulando a prática da conservação preventiva nas instituições. Esse desdobramento é o mais importante resultado do projeto CPBA (BECK, 2001).

Com mais de 130 eventos realizados em todo o país e somando mais de 6.000 pessoas envolvidas, o Projeto CPBA encerrou suas atividades em 2001 quando encerraram-se também os apoios financeiros que recebia de diversas instituições internacionais (BECK, 2001).

Ainda recente no Brasil (embora não seja uma novidade), a conservação preventiva não é amplamente aplicada. Geralmente, costuma-se recorrer a restauração depois que o edifício chega a um alto nível de degradação, demonstrando como o conceito de prevalência da conservação sobre a restauração não está ainda disseminado no país (KLÜPPEL; CABRAL, 2000).

Na tentativa de mudar esta realidade e de sensibilizar e reeducar técnicos e usuários, o IPHAN lançou o Manual de Conservação Preventiva para Edificações (2000). Este manual é a primeira publicação do IPHAN que trata da conservação preventiva e visa, através de linguagem simples, auxiliar, em especial, proprietários de edificações históricas a conhecerem seus imóveis, além de orientá-los sobre como recuperar e manter a edificação, usufruindo dela da melhor maneira possível e conservando-a para que permaneça de pé.

No manual são apresentadas informações necessárias à prevenção e identificação de problemas que possam causar danos ao edifício; fornecidos subsídios para o conhecimento dele e a execução de pequenos serviços de reparo; indicadas características que permitem a identificação de problemas mais sérios que podem necessitar da ajuda de profissional especializado, neste caso, apresenta endereços onde estes profissionais podem ser encontrados (IPHAN, 2000).

Com ilustrações esquemáticas, o manual aborda os temas de rotinas de inspeção; diagnóstico de problemas; materiais e sistemas construtivos; procedimentos de limpeza; execução de pequenos reparos; onde pedir ajuda. Reforça a importância de inspeções periódicas e sistematizadas e alerta para o fato de que a restauração possui riscos e por isso deveria ser utilizada de maneira excepcional, sendo a conservação preventiva a principal escolha para manutenção dos edifícios históricos (IPHAN, 2000).

Dentre os exemplos de instituições brasileiras que vêm se dedicando ao desenvolvimento de pesquisas e ao estabelecimento de protocolos que constituam uma metodologia para a execução das ações de conservação preventiva estão a Fundação Casa de Rui Barbosa, da Fundação Oswaldo Cruz e do Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada.

Na cidade do Rio de Janeiro, a Fundação Casa de Rui Barbosa, primeiro museu-casa do Brasil, foi instituída em 1930 e é um dos primeiros monumentos nacionais a ser tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 1938, quando teve valor histórico e artístico reconhecido – o edifício é um notável “exemplar da arquitetura urbana de matriz classicizante e abriga importante acervo, com destaque para a coleção bibliográfica composta por mais de 30.000 títulos” (CARVALHO, 2015).

Depois de diversas intervenções pontuais e duas intervenções de maior porte com caráter restaurador, uma na década de 1970 e outra na de 1980 (CARVALHO, 2015), a Fundação Casa de Rui Barbosa aplica, desde o final da década de 1990, os conceitos da conservação preventiva (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 2020).

A Fundação conta com um plano de conservação preventiva que visa “mitigar as causas de deterioração e reduzir as vulnerabilidades do conjunto”. Este plano se desenvolve de maneira prática através de ações multidisciplinares, técnicas e organizacionais, além de parcerias e cooperações técnicas no campo da pesquisa para preservação do patrimônio (CARVALHO, 2015).

Sua elaboração contou com etapas de elaboração de diagnóstico de conservação, identificação de problemas e ações corretivas; elaboração de projetos executivos para estas intervenções; elaboração de plano de manutenção para evitar maior deterioração; treinamento da equipe de funcionários (CARVALHO, s/d.).

Segundo Carvalho (2017, p. 2), uma ação importante do plano de conservação preventiva para o Museu Casa de Rui Barbosa foi o desenvolvimento de um processo contínuo de documentação que reúne, de forma sistematizada, informações sobre a edificação (tais como sua história, valor enquanto patrimônio, materiais, intervenções anteriores e condições atuais do bem) gerando um “instrumento de monitoramento e controle da qualidade para sua preservação, gerenciamento e uso”.

As pesquisas realizadas têm foco na “identificação dos riscos sobre bens culturais e no desenvolvimento de métodos que reduzam ou eliminem esses riscos, a partir de uma abordagem sustentável”, constituindo, assim, “instrumentos para o conhecimento do edifício, de sua constituição e sua história, além de análises, diagnósticos e planejamento de futuras intervenções sem emergência, evitando assim os trabalhos fragmentados e urgentes” (CARVALHO, 2015).

De acordo com a experiência da instituição, é possível programar as intervenções necessárias e prevenir, ou até mesmo evitar, intervenções de grande porte; acompanhar o

estado dos materiais constituintes da edificação, suas características técnicas e interação com o entorno; além de reduzir custos de manutenção ao evitar reparos de emergência (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 2020).

Outro projeto brasileiro de relevância para a pesquisa é o plano de conservação preventiva para o Pavilhão Mourisco da Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz, edificação construída entre 1905 e 1918, em Manguinhos, Rio de Janeiro e tombado pelo IPHAN em 1981. A estrutura deste plano segue as orientações previstas no Programa de Conservação e Restauração da Política de Preservação e Gestão de Acervos Culturais das Ciências e da Saúde e conta com as etapas de caracterização, diagnóstico, avaliação de riscos e procedimentos/estratégias (FIOCRUZ, 2017).

No caso do Pavilhão Mourisco, foi feito um levantamento de intervenções anteriores criando uma base de dados alimentada frequentemente com informações sobre a edificação, permitindo a identificação de pontos vulneráveis. O levantamento feito *in loco* contou com registros fotográficos e foi dividido em grupos: estruturas; alvenarias; cobertura; revestimentos e bens integrados.

Para a análise de riscos foi aplicada o Método ABC, que conta com cinco etapas onde os riscos são estabelecidos, identificados, analisados, avaliados e tratados, além de serem comparados em uma escala de perda de valor causada pelos impactos de cada risco (COELHO *et al.*, 2019).

Ainda em âmbito nacional tem-se o Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada (CECI), cuja missão é “desenvolver a consciência, o conhecimento e a prática social da conservação integrada do patrimônio cultural e ambiental nas cidades, dentro da perspectiva do desenvolvimento sustentável” (CECI, s/d, a). Entre seus objetivos estão a disseminação da conservação integrada e da proteção do patrimônio através de conferências, seminários e encontros; o desenvolvimento de teorias, métodos e instrumentos de planejamento além de organização de um centro de documentação; e prestação de serviços à comunidade.

Em contrato com a Província de Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil – PRONEB, o CECI implementou o plano diretor da Basílica da Penha (Recife, PE) que compreendia orientações técnicas para as intervenções físicas a serem realizadas no edifício. Foram registradas as degradações nas estruturas e nos elementos construtivos registrados da Basílica de Recife, suas principais patologias e suas causas (CECI, s/d, b).

A partir da análise dessas iniciativas é possível perceber que a documentação é um importante instrumento para a conservação preventiva. Segundo Carvalho (2017, p. 02), um sistema de informações apropriado e atualizado, com métodos estabelecidos de documentação e alimentado por profissionais capacitados, possibilita monitoramento, manutenção e compreensão do bem, elementos necessários para sua preservação.

O patrimônio cultural material tem sua existência ameaçada por inúmeras situações de risco, desde exposição a agentes naturais até atos de vandalismo. A conservação preventiva deveria ser considerada a base de qualquer política de preservação, uma vez que, ao mitigar os riscos que afetam o patrimônio, constitui-se um meio eficaz e econômico de preservar a integridade física dos bens culturais, minimizando a necessidade de intervenções de restauro.

Capítulo 2: Caracterização da Igreja da Penha

2.1 História da Igreja da Penha

A história da Basílica é repleta de fragmentos do passado e relatos orais, são poucas as informações documentadas. Estas, em sua maioria, vêm de fontes primárias como livros de atas e relatórios da Irmandade. Segundo Martins (2005, p. 10)

são fragmentos de um passado não muito rico em dados concretos, quando analisados separadamente, mas que, unidos em um todo, podem dar-nos uma ideia, quase que completamente fiel, do que foi e é a Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Penha de França e do Santuário Mariano Arquidiocesano.

No início do século XVII, a região que hoje compreende a Penha e os bairros vizinhos formava a Fazenda Grande, uma sesmaria jesuítica. Parte destas terras foi doada, no ano de 1613 (PREFEITURA, 1990), ao fidalgo português Baltazar de Abreu, como pagamento por feitos militares durante a invasão holandesa de 1624 na Bahia (MARTINS, 2005). Acostumado, segundo a tradição oral local, a subir até o alto da pedra para ver sua plantação, foi surpreendido por uma cobra pronta para dar o bote e rogou pela proteção de Nossa Senhora. Naquele instante, um lagarto apareceu, atacou a cobra, e Baltazar aproveitou a oportunidade para escapar.

Por isso a iconografia da Igreja do Rio de Janeiro mostra, aos pés de Nossa Senhora, Baltazar sendo defendido de uma cobra por um lagarto (Figura 1). Numa tentativa de um dos párocos locais de aproximar o milagre do povo que visitava a igreja, Baltazar aparece no frontão sobre o presbitério com pés descalços e vestimenta simples. Esta, porém, não seria a realidade da época: um fidalgo como Baltazar provavelmente não andaria em trajes tão simples.



Figura 1 – Frontão sobre o altar mor. Nele, Baltazar aparece de pés descalços.
Fonte: acervo pessoal da autora, 2020.

Embora existam documentos que comprovem a existência de Baltazar, os relatos referentes ao milagre são todos orais, no entanto, provavelmente verídicos, uma vez que ainda hoje é possível encontrar cobras e lagartos nos arredores da Igreja (CESTARI, s/d.).

Mais tarde, Baltazar, ao reconhecer que o lagarto apareceu por milagre com a intercessão de Nossa Senhora, mandou construir ali, no alto da pedra, em 1635, uma ermida para honrá-la com o título de Senhora do Rosário, em voga naquele momento. Esta ermida

[...] era composta de um altar mor abobadado, tendo no trono a imagem de Nossa Senhora do Rosário. Construção em alvenaria com vinte palmos de circunferência, com a frente voltada para o mar, possuía uma pequena sacristia que continha uma urna, banquetas e outros objetos para realização do culto. (BASÍLICA, 1859-1876)

O altar-mor e a imagem de Nossa Senhora do Rosário, vinda de Portugal no século XVII (Figura 2), encontram-se ainda hoje na sacristia da igreja.



Figura 2 – Altar-mor da ermida de 1935 e imagem de Nossa Senhora do Rosário. Encontra-se atualmente na sacristia da Basílica. Fonte: acervo pessoal da autora, 2021.

Embora a autoria desta ermida seja atribuída ao Capitão Baltazar de Abreu Cardoso, este, segundo Coaracy (citado por Carvalho, s/ d.), nasceu somente doze anos depois de sua construção. O verdadeiro idealizador teria sido o avô materno do capitão, e seu homônimo, Baltazar de Abreu, nascido em Portugal, na Ilha da Madeira, e falecido no Rio de Janeiro em 1659 (BARATA, 2004).

O Capitão Baltazar, neto de Baltazar de Abreu, o provável construtor da ermida, teria sido benfeitor da Igreja na Penha e feito doações para a primeira grande reforma ocorrida em 1728, daí a confusão (CARVALHO, p. 62, s/ d.).

As notícias do milagre espalharam-se rapidamente pela comunidade que passou a referir-se a ele como obra de Nossa Senhora do Alto do Penhasco. Foi provavelmente a partir daí que o título de Senhora do Rosário foi substituído por Senhora da Penha.

A devoção a Nossa Senhora da Penha de França data do século XV e é originária da região de Salamanca, na Espanha, onde, numa serra chamada Penha de França, Simão Vela, residente de um convento franciscano na aldeia de Puy, França, encontrou, em 19 de maio de 1434, uma imagem de Nossa Senhora (COLUNGA, 1990).

Simão, depois de ouvir falar de uma imagem de Nossa Senhora deixada em um monte na Espanha por franceses em combate com muçulmanos, passou a procurá-la levando cinco anos até que a encontrasse, dando início a devoção à Maria sob o título de Senhora da Penha de França (MARTINS, 2005, p. 10).

Ainda segundo Martins (2005, p. 10), o primeiro milagre aconteceu no mesmo local onde a imagem foi encontrada: um grupo de fugitivos, perseguido por bandoleiros, depois de invocar Nossa Senhora da Penha, viu-se livre de seus perseguidores. O milagre tornou-se conhecido e atravessou fronteiras, chegando até mesmo a Portugal, onde o então rei, Dom Sebastião, depois de uma cura milagrosa, mandou erguer, em Lisboa, uma igreja em honra de Nossa Senhora, até hoje uma das maiores paróquias da capital portuguesa.

2.2 A venerável Irmandade de Nossa Senhora da Penha de França

O grupo de fiéis que compunha a Irmandade era, de início, formado apenas por portugueses, uma vez que a comunidade portuguesa do bairro era de grande influência na região. Hoje, independente da nacionalidade, a Irmandade é formada por leigos participantes nas atividades da Basílica que completou, em 2019, 290 anos de existência.

Desde sua fundação em 1729 a Irmandade teve papel importante no desenvolvimento do bairro da Penha, doando o terreno para a construção da Estrada de Ferro do Norte (posteriormente Estrada de Ferro Leopoldina), o que facilitou o deslocamento dos romeiros (MARTINS, 2005).

Destaca-se também no desenvolvimento do arraial a figura do Rev. Pe. Ricardo Silva, que toma posse do cargo de Capelão da Irmandade em 1882 e permanece nele até 1907, quando é substituído pelo Cônego Dr. Luiz Ferreira Nobre Pelinca. Os esforços do Pe. Ricardo foram responsáveis pela instalação de uma fonte de água com quatro bicas na região, possibilitando maior conforto para os moradores. (MARTINS, 2005).

Ainda de acordo com Martins (2005), Pe. Ricardo, abolicionista e amigo de José do Patrocínio, frequentemente dava abrigo aos escravos fugidos (ainda não havia sido abolida a escravatura) no que era conhecido como Quilombo da Penha.

A Irmandade chegou a ter uma relação próxima com a família imperial brasileira, tendo recebido visitas de seus membros durante e depois do império. D. Pedro II, segundo imperador do Brasil, em 1839 foi declarado Protetor Perpétuo da Venerável Irmandade de N. S. da Penha. As assinaturas de sua filha, Princesa Isabel, e do marido dela, Conde D'Eu, constam no Livro de Visitantes com a data de 25 de abril de 1888 (Figura 3), quando o Pe. Ricardo Silva era capelão. O casal imperial visitou a Igreja da Penha acompanhado de grande comitiva e renderam homenagens à Nossa Senhora da Penha, diz-se que para pedir bênçãos para uma resolução que seria efetivada poucos dias depois e mudaria a história do Brasil: a assinatura da Lei Áurea, que se deu em 13 de maio do mesmo ano e que aboliu a escravidão no Brasil (Martins, 2005).

Consta também no Museu a nota que a Princesa Dona Esperanza enviou em agradecimento pelo broche recebido de Monsenhor Alves da Rocha, pároco da Igreja da Penha por volta dos anos de 1940, quando ele a visitou em Petrópolis (Figuras 4 e 5).

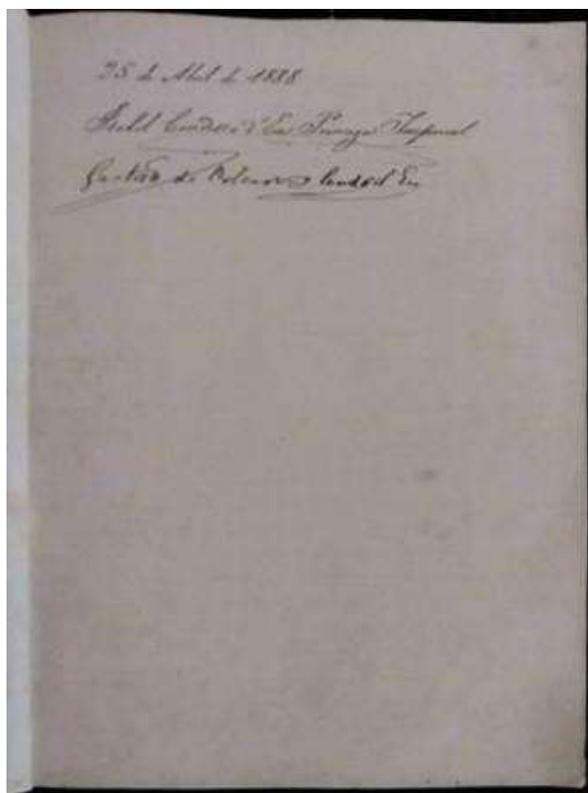


Figura 3 – Assinatura da Princesa Isabel e de seu marido, Conde D'Eu no Livro de Visitantes (1888).
Fonte: Museu da Venerável Irmandade de N. S. da Penha de França.



Figura 4 – Foto e assinatura da Princesa Dona Esperanza e sua família.

Fonte: Museu da Venerável Irmandade de N. S. da Penha de França

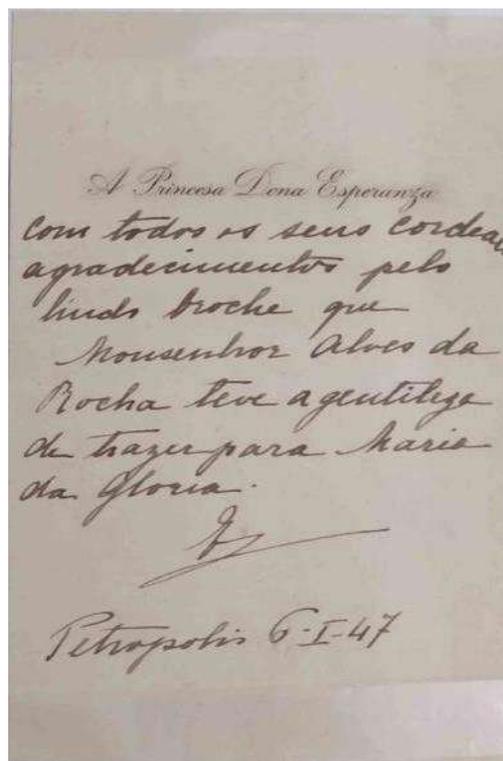


Figura 5 – Nota de agradecimento pelo broche recebido de Monsenhor Alves da Rocha.

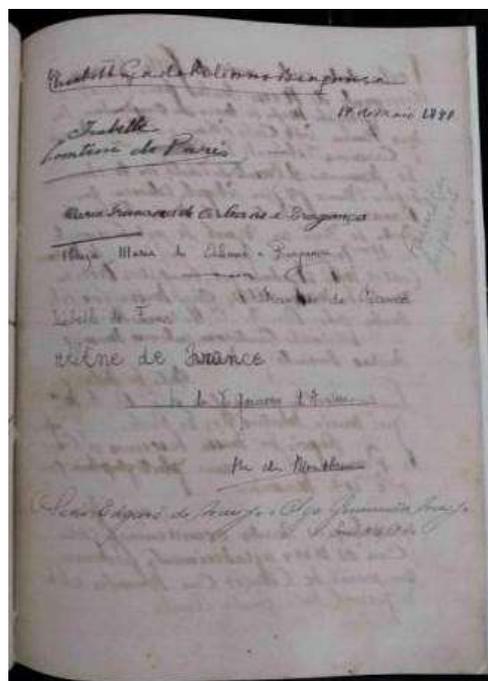
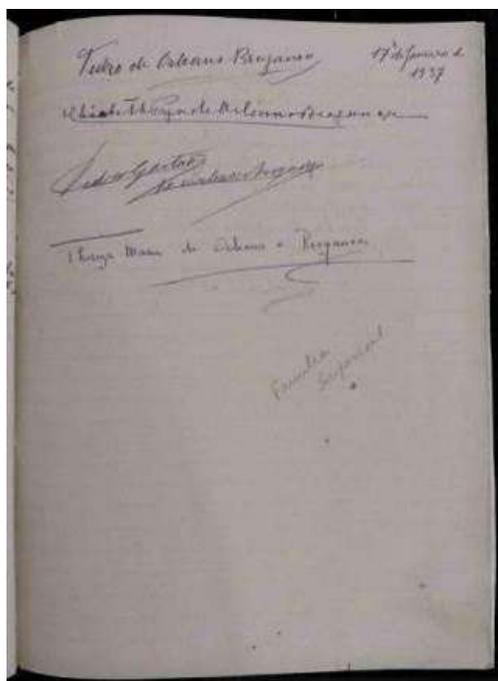


Figura 6 – Assinaturas de membros da família imperial no Livro de Visitantes (1937 e 1940).

Fonte: Museu da Venerável Irmandade de N. S. da Penha de França.

Além de membros da família imperial (Figura 6), a irmandade recebeu a visita de outras personalidades importantes para a história da cidade, como os prefeitos Pereira Passos (Figura 7) e Paulo de Frontin (Figura 8). As visitas também foram registradas no Livro de Visitantes presente no Museu.

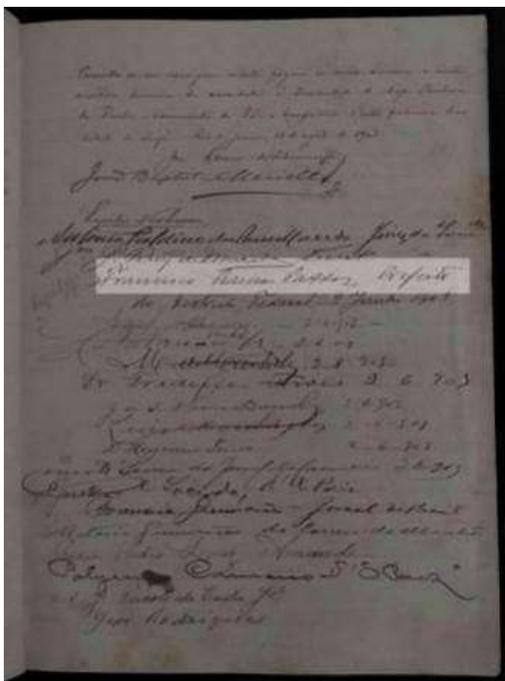


Figura 7 – Assinaturas do prefeito Pereira Passos no Livro de Visitantes.
Fonte: Museu da Venerável Irmandade de N. S. da Penha de França.

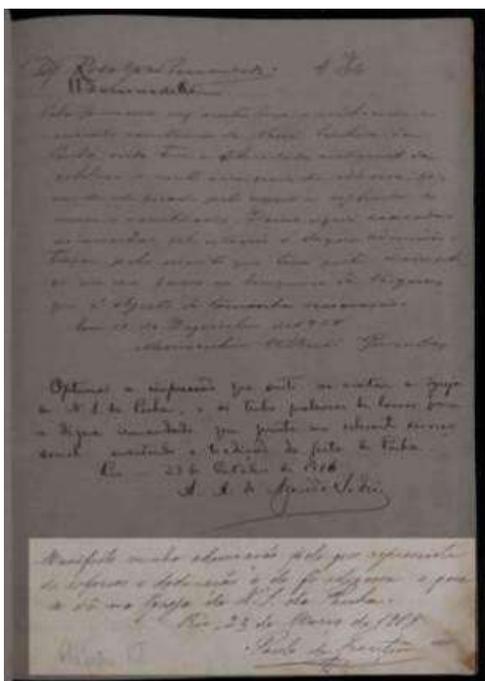


Figura 8 – Assinatura do prefeito Paulo de Frontin no Livro de Visitantes.
Fonte: Museu da Venerável Irmandade de N. S. da Penha de França.

2.3 Outras Igrejas dedicadas à Nossa Senhora da Penha de França no Brasil

Existem outras Igrejas dedicadas à Nossa Senhora da Penha, geralmente em topos de penhascos – a palavra *penha* quer dizer “grande massa de rocha isolada e saliente na encosta de uma montanha” (MICHAELIS, 2020). No Brasil a devoção teve início em Vila Velha, no Espírito Santo.

O Convento da Penha em Vila Vela (Figura 9), que também possui um milagre em sua história, foi fundado por Frei Pedro Palácios, irmão leigo da ordem dos franciscanos, de origem espanhola, que chegou na então capitania em 1558. A história local conta que certo dia desapareceu o painel de Nossa Senhora da Penha da capela de São Francisco, também fundada pelo Frei em 1562. Este pôs-se a procurá-la nas matas ao redor da montanha, encontrando-a no alto da pedra, entre duas palmeiras. O Frei, então, recolocou o painel na capela de São Francisco, mas ele desapareceu mais duas vezes, aparecendo sempre no mesmo lugar. Frei Palácios reconheceu nestes sinais a vontade de Nossa Senhora em querer que se construísse uma capela no local indicado (ARAÚJO, 1945). A construção de tal capela iniciou-se no ano de 1566, sendo concluída em 1570. O Convento, porém, foi fundado apenas em 1591 (CONVENTO, 2020).

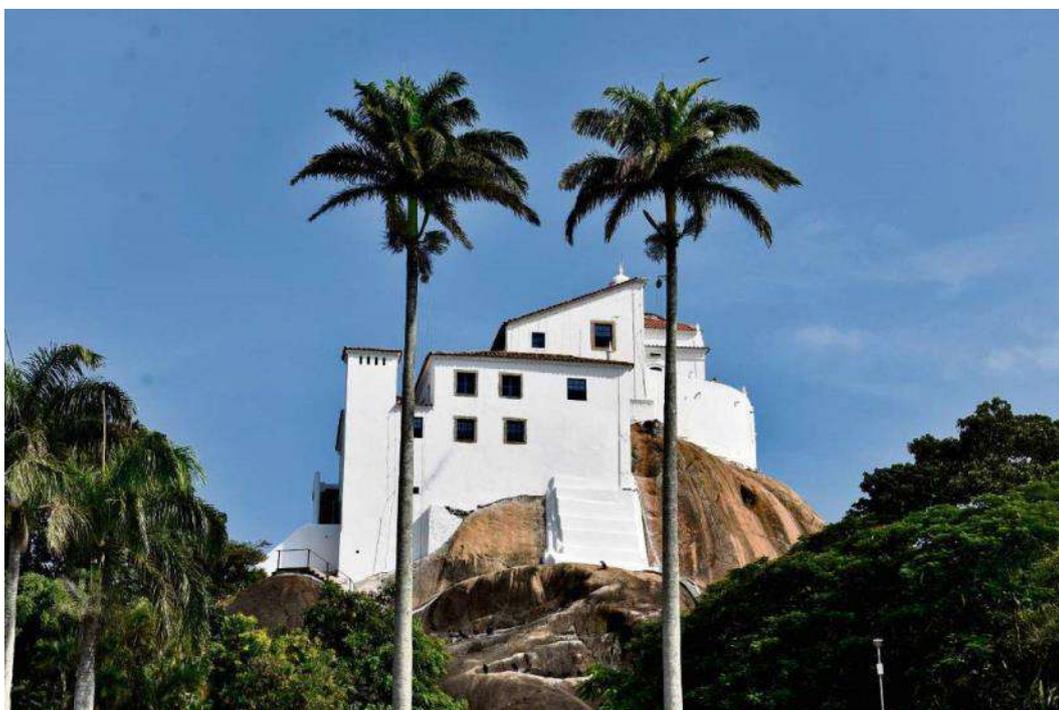


Figura 9 – Convento da Penha, Vila Velha, ES. Construído no alto da rocha de 154m entre duas palmeiras.

Fonte: jornal A Gazeta. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/gv/as-novas-regras-para-subir-de-carro-ao-convento-da-penha-0220>. Acesso em 23 abr. 2020.

Na cidade de São Paulo encontram-se, no mesmo local, a Colina da Penha, um santuário e uma basílica dedicados à Nossa Senhora da Penha (Figura 10); o primeiro, data, provavelmente, de 1668, a segunda, de 1957 (BASÍLICA SP, 2020).



Figura 10 – Santuário da Penha e basílica da Penha, respectivamente. São Paulo, SP.
Fonte: <http://www.basilicadapenha.com.br/>, acesso em 23 abr. 2020.

Em Salvador, Bahia, a Igreja da Penha data de 1742 (Figura 11), não se encontra em alto de penhasco, mas a beira mar, na Praia da Ribeira.

Em Recife, Pernambuco, a Basílica da Penha (Figura 13) fica bem no meio do centro comercial. A primeira construção datava ainda da época das capitânicas hereditárias, por volta da primeira metade do século XVII. Foi demolida em 1870 para a construção do prédio atual, concluído em 1882.



Figura 11 – Igreja da Penha em Salvador, BA.

Fonte:
<https://www.salvadorbahia.com/experiencias/praiada-ribeira/>. Acesso em 23 abr. 2020.



Figura 12 – Basílica da Penha em Recife, PE.

Fonte:
<https://www.arquidioceseolindarecife.org/nossa-senhora-da-penha/>. Acesso em 23 abr. 2020.

2.4 Intervenções na Igreja da Penha

A primeira reforma da Igreja da Penha do Rio de Janeiro aconteceu em 1728 (figura 13)

[...] acrescentando um arco cruzeiro para o lado da frente que acha para o mar 45 palmos de comprimento e 22 de largura, ficando desde então esse espaço considerado o corpo da igreja, contendo púlpito e coro que ficaria por cima da porta principal. Do lado direito da ermida existia uma meia água com 28 palmos de comprimento e 15 de largura que seria a sacristia tendo do lado esquerdo uma pequena porta e escada que dava ingresso ao púlpito ... campanário que tinha do lado da frente da igreja com 2 pequenos sinos (BASÍLICA, 1859-1876).

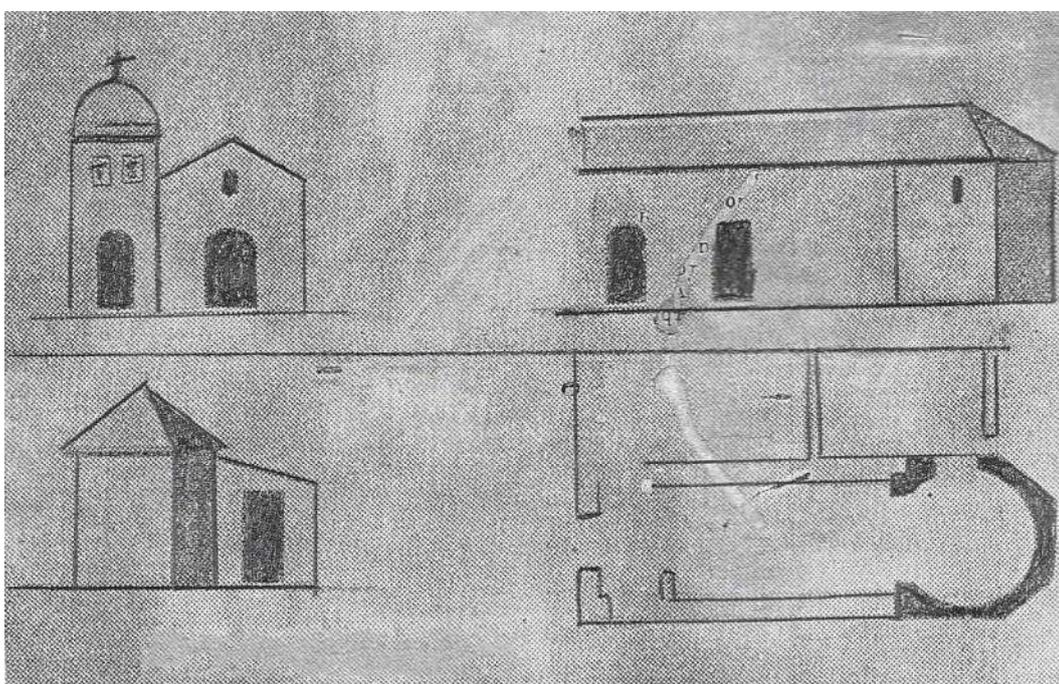


Figura 13 – Capela depois da reforma de 1728. Na imagem inferior, à direita, vê-se em destaque a ermida original.

Fonte: Jornal do Brasil, 06 de outubro de 1926. Acervo da Basílica da Penha.

Esta primeira reforma foi feita pela Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Penha de França que, no mesmo ano de 1728 recebe, dos familiares do Capitão Baltazar, a administração da Igreja.

Em 1870 a Irmandade decide fazer uma nova reforma na Igreja. Foi neste período que *cavouqueiros* foram contratados para rebaixar, entre 8 e 10 palmos (MARTINS, 2005), o topo do rochedo, encontrando, na antiga sacristia, os restos mortais de dois padres que ali serviram. Estes restos mortais foram transladados para um lugar reservado à frente da igreja, onde permanecem até hoje.

No ano seguinte a reforma era concluída, conforme se verifica nas figuras 14 e 15, o edifício ficou com “apenas uma torre e um sobrado de um lado só, visto que tinham faltado recursos necessários para o término das obras” (MARTINS, 2005).

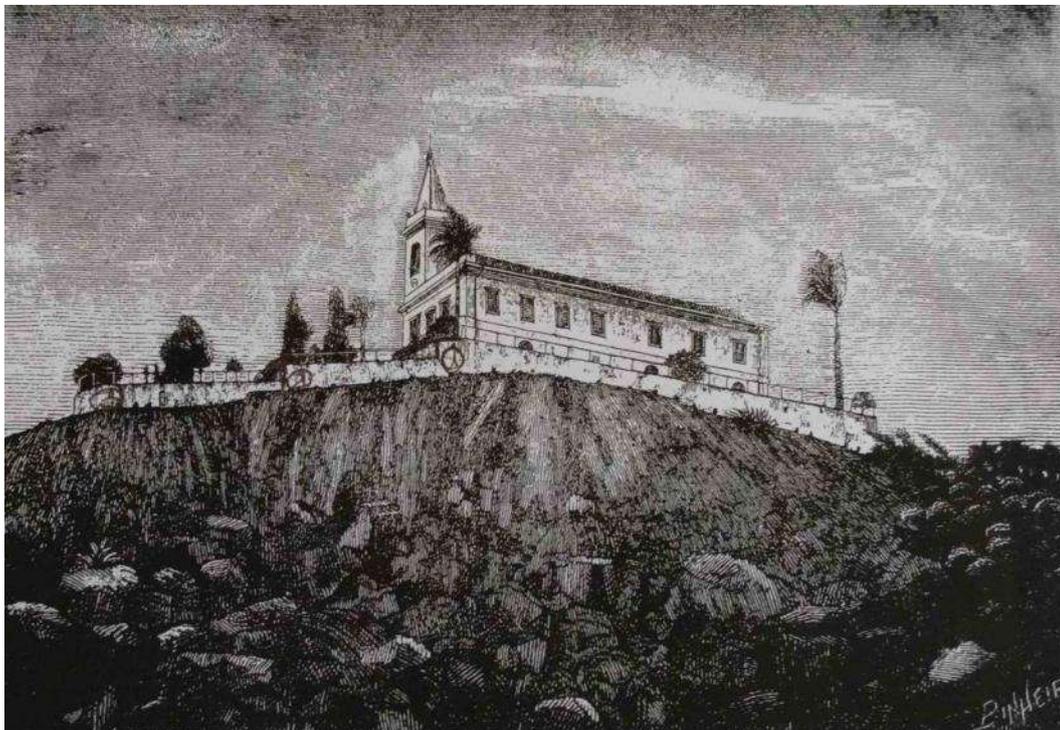


Figura 14 – Igreja da Penha após as alterações de 1870, com apenas uma torre sineira e três diferentes níveis.
Fonte: livro Memórias Históricas do Rio de Janeiro. 1945.

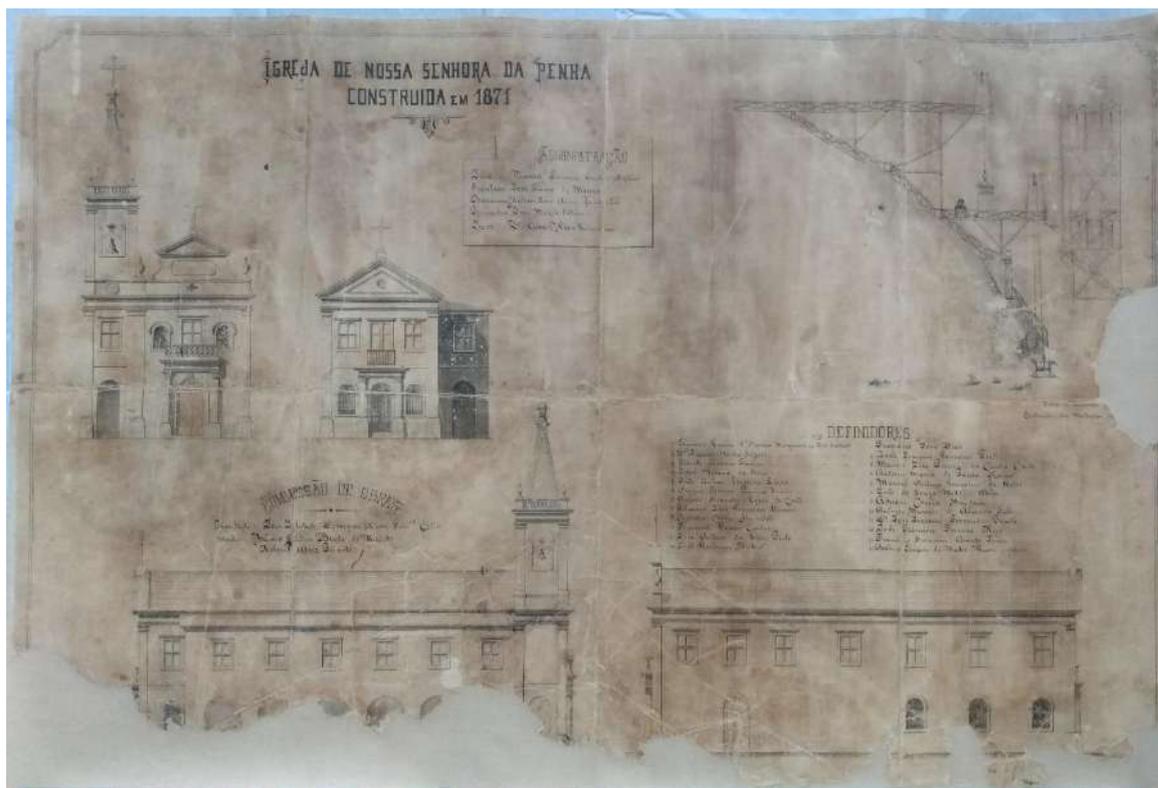


Figura 15 – Planta recentemente restaurada da reforma pela qual a Igreja da Penha passou em 1870.
Fonte: acervo da Basílica.

A igreja, sobre a rocha de 111 metros de altura, seguiu de maneira geral inalterada, apenas com pequenas intervenções em seu interior, até a sua próxima grande reforma realizada na virada do século XIX para XX.

No ano de 1899, o então Juiz da Irmandade, Sr. Antonio Galdino dos Passos Macedo, ressaltava aos demais membros da Irmandade a importância da administração “preceder ao acabamento e aperfeiçoamento da Igreja” (MARTINS, 2005). Depois de aprovada esta resolução do Sr. Antonio, iniciou-se a concorrência pública para definir a empresa que seria responsável pelas obras. A vencedora foi a Companhia Edificadora, com um valor de 170:000\$000 (cento e setenta contos de réis). A Irmandade escolhe então Luiz Moraes Júnior, também sócio da Companhia Edificadora, para o cargo de engenheiro-fiscal da construção. Em 1899 era abençoada a primeira pedra da nova torre da igreja (MARTINS, 2005).

No acervo da Basílica encontra-se o Livro de Obras da Igreja (anexo 1) onde foram registradas, pelo próprio Luiz Moraes Jr, as informações sobre a reforma de 1900-1902, como o fornecimento das sacadas de mármore e ferro e o material para a instalação delas; alterações no projeto, como a muralha, que originalmente seria de alvenaria e, por fim, foi construída em cantaria por ser mais resistente, ou a alteração da largura das alvenarias no

pavimento superior; a escolha de material de qualidade (característica presente em toda a carreira de Moraes), como o cimento jacaré, vindo de Bonsucesso e as pedras da hoje extinta pedreira de Irajá; o pagamento de fornecedores e funcionários (MORAES, 1900). O Diário encontra-se deteriorado, não sendo possível compreender muito do que está registrado lá.

Esta grande reforma na Igreja da Penha durou de 1900 até 1902 e contou com

[...] a construção de duas torres [sineiras] que lhe deu um ar mais pomposo, e as pirâmides em mármore branco e rosado finalizando campanário[...] No cruzeiro a cruz de madeira foi substituída por uma de pedra de Lioz. Em cada lado da muralha foi colocada as urnas funerárias dos capelães encontrados na antiga sacristia (CESTARI, s/d.).

Diversos acréscimos aconteceram em 1921 (figura 16), dentre eles, a construção de novo batistério, gabinete do capelão, confessionário e novo altar-mor. Já em 1938 foram acrescidos os terraços sobre o batistério e o gabinete do capelão (PREFEITURA, 1938). De acordo com Cestari (s/d.) essas alterações fizeram com que a igreja perdesse sua referência e expressão luso-brasileira.



Figura 16 – Vista aérea da Igreja da Penha (2019).
Fonte: Acervo da Basílica.

É possível perceber no detalhe na figura 17, que uma das portas de acesso ao terraço apresenta um guarda corpo em mármore. Este era necessário porque anteriormente não havia ali um terraço, com a construção deste em 1938, o guarda corpo de uma das portas foi removido para permitir o acesso e o outro foi mantido.



Figura 17 – Detalhe do terraço construído em 1938 onde é possível perceber o guarda corpo em apenas uma das portas.
Fonte: acervo da Basílica (2019).

Depois de mais de um século sem intervenções significativas, a Igreja da Penha agora se prepara para mais um marco em sua história: a primeira obra de restauro. Em entrevista, Jorge Astorga (ASTORGA, 2021), arquiteto responsável pelo desenvolvimento do projeto de restauração, explica que o primeiro passo foi o cadastro das medidas reais do edifício com a utilização de um scanner laser. Nos diagnósticos que se seguiram, de arquitetura, estrutura e instalações prediais, constatou-se que, de maneira geral, a Igreja encontra-se em bom estado, com apenas alguns elementos mais deteriorados ou fora da norma. Depois de observadas as demandas da Irmandade, foi feito um estudo preliminar e apresentado ao IRPH durante visita técnica à Igreja, chegando a um acordo. Seguiu-se, então, para o projeto básico e em seguida o projeto final.

Ainda segundo Astorga (ASTORGA, 2021), o mais interessante foi como propor acessibilidade à Igreja, uma vez que, atualmente, os bondinhos garantem acesso à Igreja, mas é necessário descer uma escada para chegar aos sanitários e ao velário. Estudou-se a possibilidade da rampa, que seria muito longa, em seguida considerou-se uma nova parada do bondinho no nível dos sanitários, optando, finalmente, pelo uso de uma plataforma, mas onde colocá-la? Por fim, um lugar foi escolhido próximo aos bondinhos. Também para garantir acessibilidade, os sanitários foram remodelados. Já no velário, discutiu-se sobre o uso da vela eletrônica, optando, no final, pela tradicional.

Atualmente a Irmandade busca financiamento junto a editais de incentivo à cultura, bem como doações de fiéis e verbas provenientes de suas receitas, como venda de artigos

religiosos, aluguel de imóveis e mensalidades do Colégio Nossa Senhora da Penha. Não há ainda orçamento disponível ou previsão para o início das obras.

2.5 Proteção e títulos

Ainda no ano de 1938, o SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) – atual IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), demonstra interesse em tomba a Igreja da Penha. Este tombamento, porém, foi considerado “descabido” pela Irmandade e impugnado a pedido dela, que ofereceu as seguintes justificativas: tanto a primeira ermida quanto as construções e reformas posteriores seriam “destituída[s] de linhas que lhe abonassem qualquer caracter artístico” e não pertenceriam a nenhum estilo arquitetônico; apesar das construções, reformas de acréscimos, o edifício ainda não poderia ser considerado concluído porque isto não dependeria da vontade dos responsáveis, mas sim da necessidade dos fiéis, que tenderia a aumentar conforme aumentasse também o seu número, e também da necessidade de manutenção do edifício. Na avaliação dos membros da Irmandade o tombamento engessaria a construção (BASÍLICA, 1934-1942, p. 53-55).

Sobre as razões para impugnação do tombamento, consta ainda no mesmo livro:

“Quanto, porém, à própria Igreja, basta considerar que, nos termos expressos e textuais do próprio Dec. [ilegível] 25, de Novembro de 1937, o patrimônio histórico e artístico nacional compreende, unicamente, os

“bens existentes no País, cuja conservação seja de interesse público quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.”

O Templo da Penha de construção recente, sem estilo arquitetônico, sem maior beleza, não se inclui nessa definição. O “interesse público” que pudesse haver na sua conservação, não resultaria em caso algum, de “Excepcional valor” de qualquer das quatro espécies indicadas.

Ainda de acordo com o Livro de Atas da Mesa Administrativa (BASÍLICA, 1934-1942, p. 53-55), os objetos que possuiriam valor para tombamento seriam o carrilhão com o maior número de sinos existente no Brasil, que participou da Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil, em 1922; o púlpito talhado artisticamente em

jacarandá; o arcaz (móvel típicos de sacristias, utilizado para guardar paramentos litúrgicos), de estilo clássico e, também de jacarandá; e a tribuna de um altar, de estilo Renascença.

Em 1935, quando a Igreja da Penha completa 300 anos, é agregada pelo Papa Pio XI a Igreja de Nossa Senhora da Penha de França à Sacrossanta e Patriarcal Basílica de Santa Maria Maior, em Roma, significando que todas as benesses espirituais distribuídas na Basílica de Roma seriam também distribuídas na Basílica da Penha, como por exemplo, indulgência plenária ao participar da missa, comungar e rezar pelo Papa.

Em 1941 o Cardeal Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra inaugura, no terreno da igreja, o marco de construção da primeira Pontifícia Universidade Católica do Brasil – PUC/RJ, atualmente conhecido como Cruzeiro da Universidade. Este marco é referente apenas à tomada de decisão da construção da Universidade, não significando que ela seria construída em terreno da Irmandade.

O processo para elevação da Igreja à categoria de santuário foi iniciado em 1905 e, o título, concedido em 1966 pelo Vaticano por reconhecer a Igreja da Penha como uma igreja além-bairro, ou seja, um local de peregrinação que recebe fiéis vindos de todo o Brasil e do exterior.

Em 1981, a pedido do então Papa São João Paulo II, em visita pelo Brasil, é elevada à categoria de Santuário Mariano Arquidiocesano, tornando-se um dos locais oficiais de devoção mariana na Arquidiocese do Rio de Janeiro.

Em 1990 é tombada pelo órgão municipal de preservação - atualmente denominado Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH), uma vez que “a beleza e a importância religiosa, social e cultural do Santuário o coloca na categoria de monumento religioso, histórico e cultural da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro” (PREFEITURA, 1990).

O processo de tombamento, compilado pela Venerável Irmandade, apresenta informações sobre a Igreja da Penha como sua localização, história e alterações feitas até 1988, quando é redigido.

Em 2016 recebe o título de Basílica Menor, agregada à Basílica de Santa Maria Maior, em Roma, quando sua importância arquitetônica e histórica, além da espiritual, é reconhecida pelo Vaticano (CESTARI, s/d.).

Assim, a Igreja da Penha atualmente acumula o tombamento municipal e os títulos de Basílica Santuário Mariano Arquidiocesano de Nossa Senhora da Penha de França, agregada à Basílica de Santa Maria Maior de Roma.

2.6 A famosa escadaria da Igreja da Penha

Um dos fatores que contribuiu para a divulgação da Igreja da Penha foi a sua forma de acesso, que é feita por uma escadaria com 382 degraus. A história dessa famosa escadaria possui duas versões. Uma delas diz que em 1789 a Irmandade teria mandado entalhar na própria pedra os 365 degraus, um para cada dia do ano, para facilitar o acesso dos fiéis. Constam, no livro de despesas daquele ano, “140\$000 (cento e quarenta contos de réis) “para apontar a ferramenta para as escadarias”” (MARTINS, 2005), serviço executado por pessoas escravizadas (ainda não havia sido abolida a escravidão no Brasil).

A outra versão, oral e mais conhecida entre os frequentadores da Basílica, conta que uma devota chamada Maria Barbosa mandou esculpir na rocha os 365 degraus como agradecimento pela graça recebida de ser mãe. Em 1817, Maria Barbosa teria dado à luz ao seu filho e, no ano seguinte, a construção teria sido iniciada, sendo concluída em 1819.

Embora não tenha sido encontrado documento que possa precisar a história da construção da escadaria, é possível que a primeira versão esteja mais próxima da realidade, uma vez que há no livro de contas o registro do valor disponibilizado para apontar tais ferramentas.

O corrimão de ferro que acompanha a escadaria foi doado pelo membro da Irmandade e tesoureiro da mesma, Sr. Francisco José de Almeida que, depois de pedir ajuda a Nossa Senhora para pagamento de dívidas, foi agraciado com o prêmio da loteria (CESTARI, s/d).

Inicialmente a escadaria era estreita (figura 18) e, no ano de 1913, foi alargada para acolher o número crescente de fiéis em peregrinação (figura 19). Posteriormente são acrescentados 17 degraus aos 365 existentes, totalizando 382 degraus.

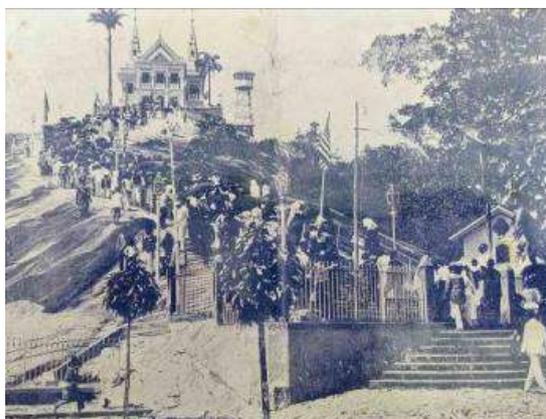


Figura 18 – Escadaria antes do alargamento (primeiros anos do século XX).
Fonte: acervo da Basílica.



Figura 19 – Escadaria depois do alargamento (2019).
Fonte: acervo da Basílica.

É uma tradição antiga subir a escadaria de joelhos (figura 20), normalmente em agradecimento por alguma graça recebida. Até os dias de hoje é comum encontrar estes fiéis em devoção subindo a escadaria de joelhos (figura 21).

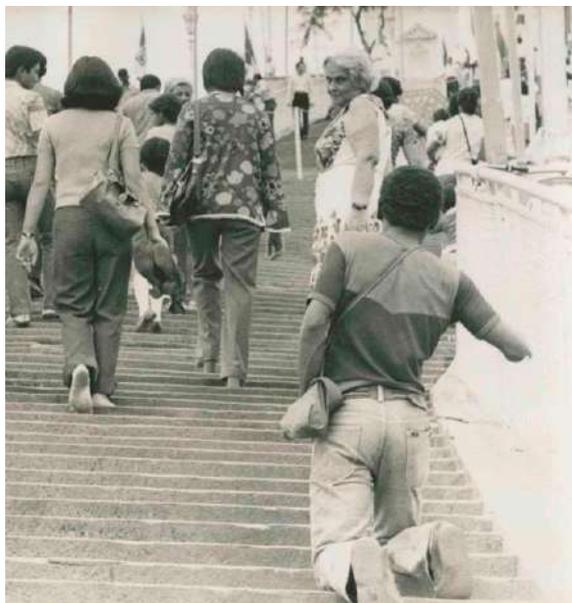


Figura 20 – Fiéis subindo a escadaria da Igreja da Penha durante a Festa da Penha. Alguns de descalços, outros de joelhos. Outubro de 1972.

Fonte: Jornal Correio da Manhã. Arquivo Nacional. Acesso em 09/03/2020.



Figura 21 – Fiel subindo a escadaria de joelhos. Setembro de 2021.

Fonte: acervo pessoal da autora

2.7 Eventos religiosos e culturais

A Igreja da Penha é palco de diversos eventos religiosos e culturais: a peregrinação anual da Legião de Maria, de abrangência nacional; a peregrinação anual do Terço dos Homens, de abrangência arquidiocesana; as comemorações do mês de maio, mês dedicado à Maria; Semana Santa, com procissões, cerimônia do lava pés, entre outros; Corpus Christi, com seus tapetes de sal característicos; cantata de Natal; carreatas em peregrinação, festa junina; Penha Folia, o carnaval católico da Basílica da Penha; entre outros.

O mais famoso desses eventos é a Festa da Penha, que acontece todos os anos durante o mês de outubro e é considerada a “maior festa popular e religiosa da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro” (CESTARI, s/d.) e “a segunda maior festa popular do Rio de Janeiro, Brasil, perdendo apenas para o carnaval” (CARMO, BICALHO, MIRANDA, 2017, p. 160).

A Festa da Penha (Figuras 22 e 23) teve início em 1713, segundo Registo de Frei Agostinho de Santa Maria. Consta, porém, em outras publicações, que foi organizada pela Irmandade em 1728. Em 1816 foi oficializada por decreto de D. João VI. Inicialmente comemorada no mês de setembro, a partir de 1891 passa para o mês de outubro, mês dedicado à Nossa Senhora do Rosário, primeira devoção da Igreja.



Figura 22 – Fiéis em procissão com a imagem de Nossa Senhora da Penha durante o encerramento a Festa da Penha. Novembro de 1972.

Fonte: Jornal Correio da Manhã. Arquivo Nacional. Acesso em 09 mar. 2020.

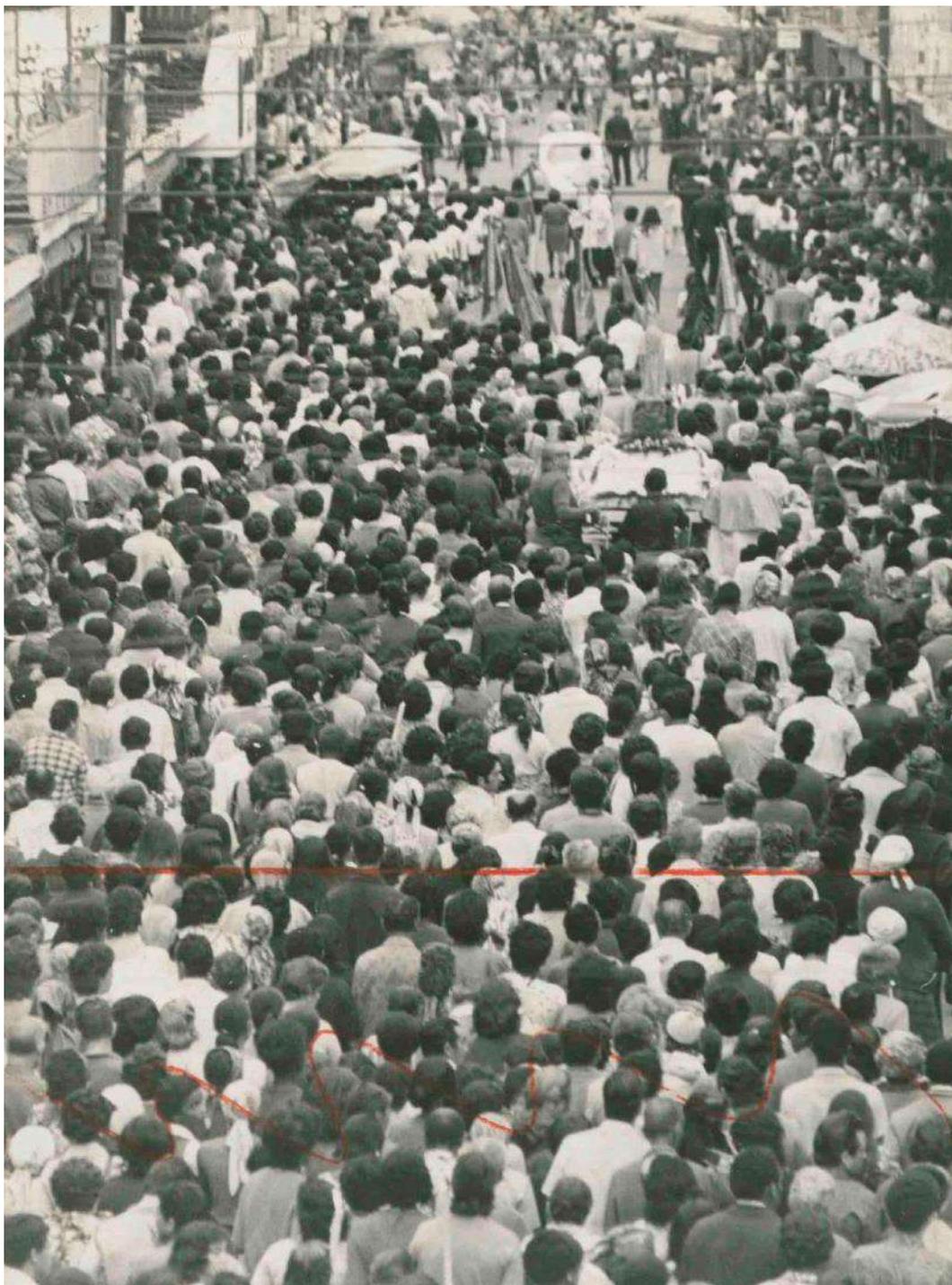


Figura 23 – Fiéis em procissão com a imagem de Nossa Senhora da Penha durante o encerramento a Festa da Penha. Novembro de 1972.

Fonte: Jornal Correio da Manhã. Arquivo Nacional. Acesso em 09 mar. 2020.

Cestari (s/d.) descreve a Festa da Penha como uma

festa tipicamente portuguesa [que] contava com as solenidades religiosas, bênção, confissões e batismos. Após os atos litúrgicos, davam-se início aos espetáculos musicais que, a princípio eram portugueses. Com o fim da escravidão houve uma miscigenação, e com o tempo chega a ser palco de disputa de sambas e marchinhas carnavalescas, com a presença de nomes

consagrados da música popular brasileira. Foi na Penha que Sinhô e Donga lançam o primeiro samba carioca “Pelo Telefone”.

Os romeiros após pagarem as promessas e louvar a Virgem, escolhiam árvores frondosas para o famoso piquenique, usavam colar de balas, saboreavam as roscas açucaradas, bebiam vinho em chifre de boi, jogavam peteca e usavam os famosos broches com a imagem da Virgem.

Era na Festa da Penha que, além de Noel Rosa, outros compositores como Pixinguinha, Donga, Sinhô, Heitor dos Prazeres e Ismael Silva, os “pais-de-samba”, “apresentavam e testavam as músicas que fariam sucesso quatro meses depois, agitando o carnaval” (CARMO, BICALHO, MIRANDA, 2017, p. 162).

Aquele tempo não tinha rádio, a gente ia lançar música na festa da Penha. A gente ficava tranquilo quando a música era divulgada lá, que aí estava bem, que era o grande centro. Eu fiquei conhecido a partir da Festa da Penha. (Depoimento de Heitor dos Prazeres ao Museu da Imagem e do Som, em primeiro de setembro de 1966. In MUNIZ, 1998, p. 60).

De acordo com Efegê (2007, p. 24), enquanto se comia e bebia de maneira farta ao redor das mesas e barracas da Festa da Penha, lançavam-se os sambas que seriam cantados durante o próximo carnaval,

[...] o repertório musical carnavalesco tinha, assim, a sua pré-estréia no ambiente de uma festa religiosa e iniciava ali no longínquo subúrbio, a sua popularização para chegar aos dias ‘gordos’, inteiramente conhecidos em toda a cidade.

De acordo com Souza (2003, p. 22), Vó Maria, cantora e viúva do compositor Donga, conta que, na Festa da Penha “cantava-se fado, mas depois chegaram as baianas com seus acarajés e também os sambistas” fazendo com que, por pelo menos vinte e cinco anos, a festa fosse um local de convergência de compositores lançando suas músicas, em especial, para o carnaval.

Também eram comuns na Festa da Penha os “duelos musicais” entre compositores, que se configuravam como pontos altos da Festa (CARMO, BICALHO, MIRANDA, 2017, p. 162). Por causa desses “duelos”, a Festa passou a ser considerada “um centro obrigatório de lançamento de música para o carnaval” (TINHORÃO, 1975, p.183). Segundo Carmo, Bicalho e Miranda (2017, p. 163), aquela primeira geração de sambistas criou o hábito de compor os seus sambas ao mesmo tempo em que se preparavam para não “fazerem feio” na Festa da Penha.

Na década de 1930, quando o rádio foi difundido e passou a ser o principal meio de divulgação da música popular, a Festa da Penha sofreu sua “morte musical” (CARMO,

BICALHO, MIRANDA, 2017, p. 165). Ainda assim, a Penha continuou sendo lembrada na letra de diversas músicas. Segundo Magalhães (2007), a Penha aparece entre os bairros mais cantados da cidade: “Copacabana, Ipanema, Vila Isabel, Estácio, Mangueira, sem falar em Madureira. A surpresa viria ao ser anunciado o bairro da Penha, entre os mais cantados”.

A Festa da Penha continuou acontecendo nas ruas e avenidas próximas e, posteriormente, apenas na ladeira da Penha (Figuras 24 a 28). Ao passar dos anos, o público foi diminuindo e a festa, perdendo espaço devido à criminalidade relacionada ao tráfico de drogas, que cresceu principalmente a partir dos anos 1990.



Figura 24 – Pórtico de entrada da ladeira da Penha durante a Festa da Penha. Outubro de 1972.
Fonte: Jornal Correio da Manhã. Arquivo Nacional. Acesso em 09/03/2020.

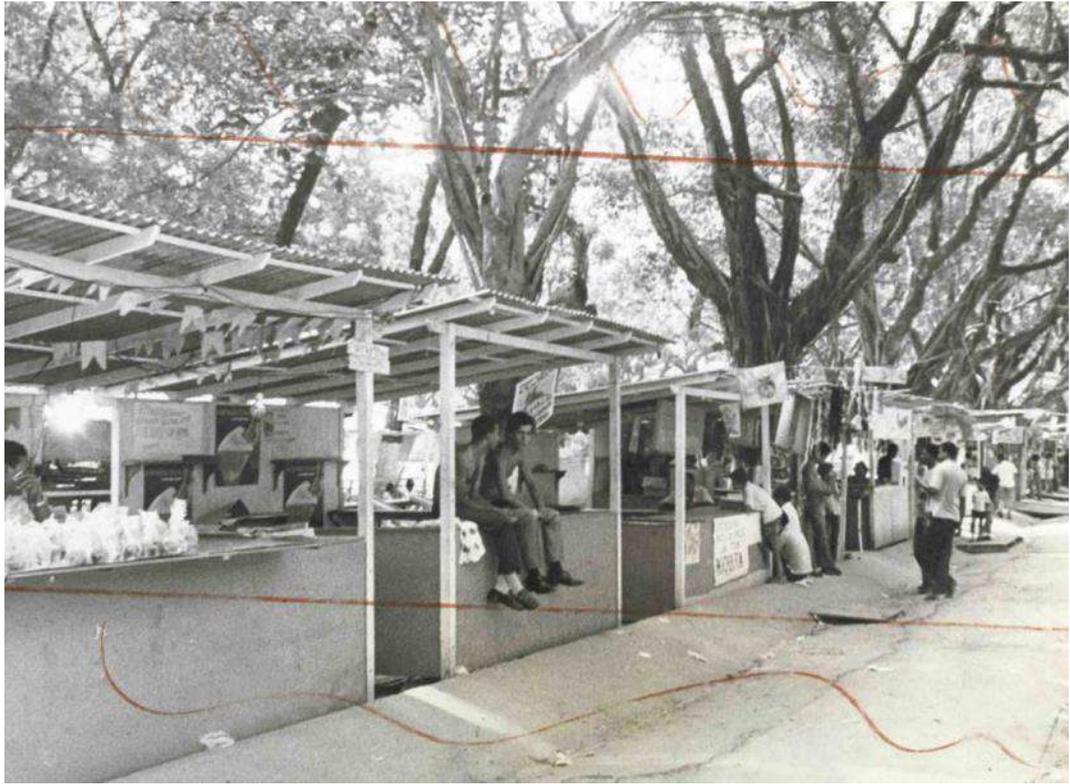


Figura 25 – Barracas na ladeira da Penha durante a Festa da Penha. Outubro de 1972.
Fonte: Jornal Correio da Manhã. Arquivo Nacional. Acesso em 09/03/2020.

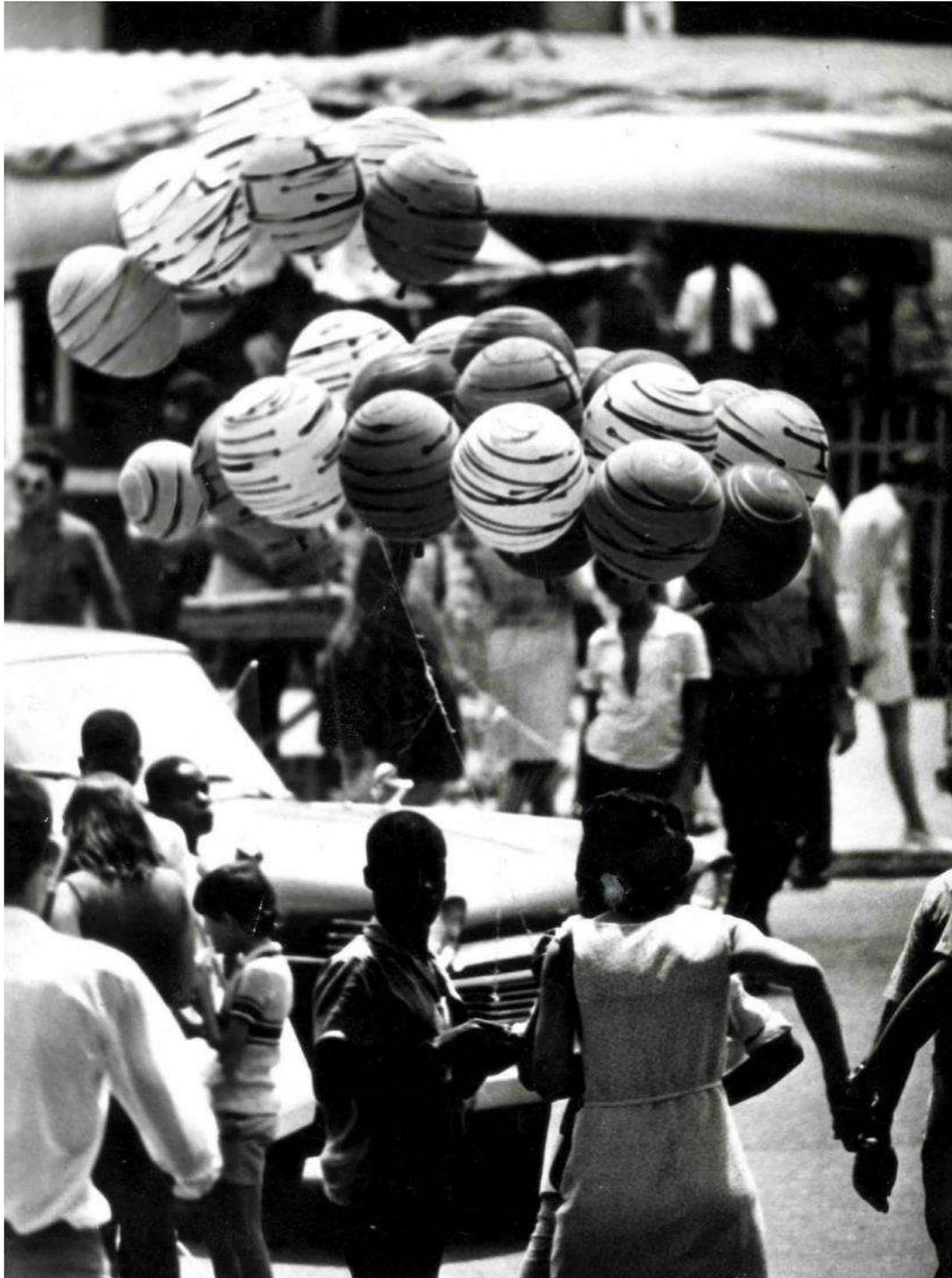


Figura 26 – Vendedores na Festa da Penha. Outubro de 1972.
Fonte: Jornal Correio da Manhã. Arquivo Nacional. Acesso em 09/03/2020

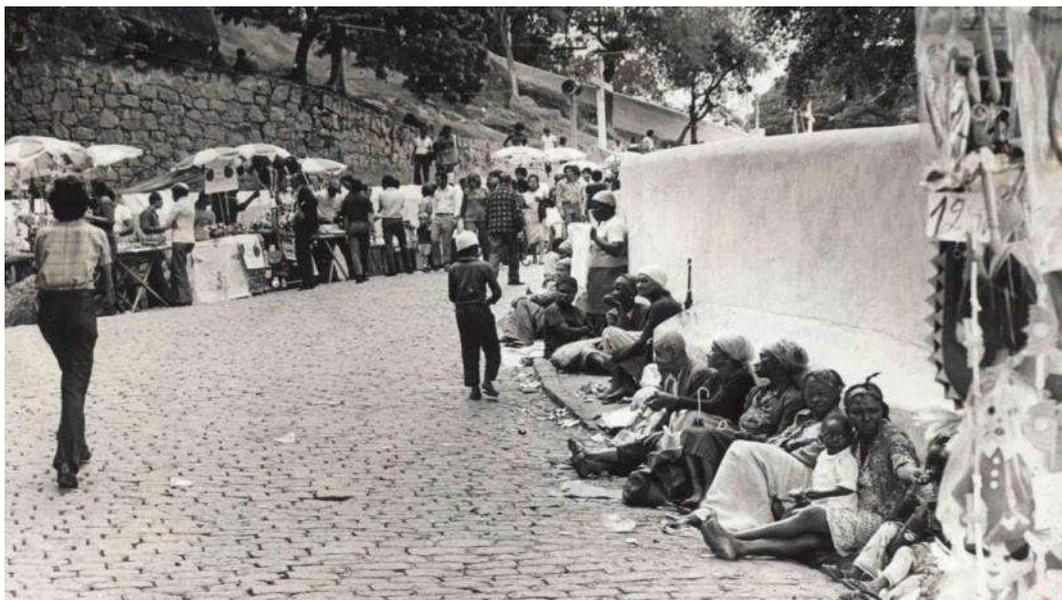


Figura 27 – Fiéis e barracas na ladeira da Penha durante a Festa da Penha. Outubro de 1972.
Fonte: Jornal Correio da Manhã. Arquivo Nacional. Acesso em 09/03/2020.

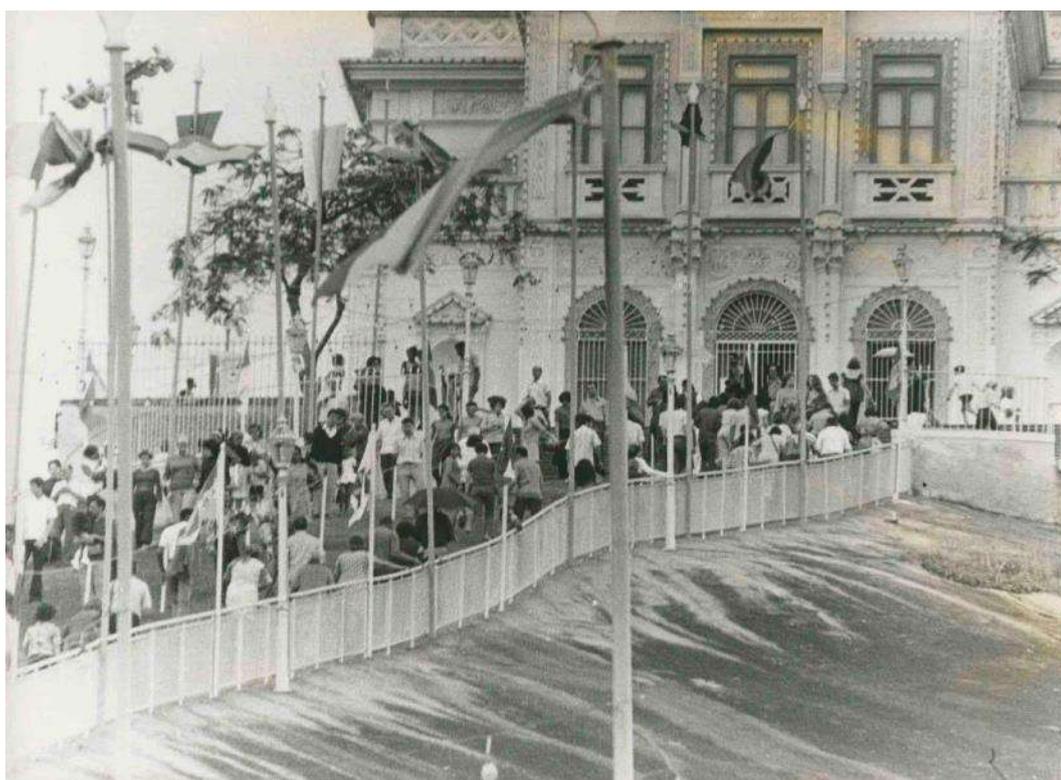


Figura 28 – Fiéis subindo a escadaria em direção à Igreja da Penha durante a Festa da Penha. Outubro de 1972.
Fonte: Jornal Correio da Manhã. Arquivo Nacional. Acesso em 09/03/2020.

No decorrer do tempo, o bairro passa a sofrer cada vez mais com o aumento da criminalidade, principalmente, o tráfico de drogas. A Festa da Penha perde espaço e

características de festa religiosa, passando, em meados da década de 1990, a ser apenas uma festa de rua.

Vinte anos depois, o Estado implanta a UPP – Unidade de Polícia Pacificadora – Vila Cruzeiro (localizada no morro da Merendiba), cujos objetivos são a “recuperação de territórios sob o controle de grupos ilegais armados, a restauração do monopólio legal e legítimo da força pelo Estado e a diminuição da criminalidade violenta, sobretudo a letal” (ISP, s/d.). Estes objetivos foram atendidos parcialmente: a criminalidade diminuiu, os tiroteios não são mais tão frequentes e o bairro recuperou parte de sua tranquilidade, mas ainda existem grupos ilegais armados na região, além do tráfico de drogas, e a força do Estado não foi restaurada em boa parte do território.

A Igreja da Penha, que por alguns anos foi “mirante do tráfico” (CARNEIRO, 2010), passa a ter dias melhores depois da instalação da UPP. A Festa da Penha volta a crescer e retorna às raízes de festa religiosa tipicamente portuguesa com cordões de bala e petecas, com apresentações de samba e de folclore português, que acontecem da Concha Acústica Jerry Adriani.

A Festa inicia-se no primeiro domingo do mês de outubro, precedida da novena preparatória. Na véspera acontece a lavagem da escadaria, que atrai principalmente as crianças, dentre as quais, muitas são moradoras da comunidade vizinha, Merendiba, e alunos do Colégio Nossa Senhora da Penha, fundado em 1873, localizado em terreno pertencente à Igreja e administrado pela Irmandade. No encerramento da 384ª edição da Festa, que aconteceu em 2019 (Figura 29), estimou-se que a Igreja tenha recebido cerca de três mil pessoas.



Figura 29 – Procissão de encerramento da 384ª Festa da Penha, comemorada no ano de 2019.
Fonte: acervo da Basílica.

No ano de 2020, devido à pandemia causada pelo novo coronavírus, os eventos religiosos e culturais foram suspensos, inclusive a tradicional Festa da Penha, que conta com uma edição dupla em 2021, se estendendo pelos meses de outubro e novembro.

Além dos eventos religiosos e culturais, a Igreja da Penha tem importante função social no bairro, como distribuição de cestas básicas, roupas e calçados para famílias carentes cadastradas e festas em datas comemorativas (dia das mães, dos pais e das crianças).

Ao contrário dos eventos, que foram suspensos, em 2020, durante a pandemia de COVID-19, a função social exercida pela Igreja cresceu ainda mais. A arrecadação de alimentos aumentou e cestas básicas e pães foram distribuídos para outras comunidades além daquelas regularmente assistidas pela Basílica. O sistema de autofalantes da Igreja, tão conhecido dos moradores do bairro quantos os sinos que informam a hora com suas badaladas, ganhou nova importância. As orações, músicas religiosas, mensagens de fé e bênçãos do Reitor, Padre Thiago Sardinha, chegam em alto e bom som aos ouvidos dos moradores da Penha e dos bairros vizinhos, um conforto bem-vindo durante a pandemia.

A Basílica foi também palco de lives durante a pandemia. Além da transmissão das missas e outros eventos religiosos que fazem parte do calendário da Igreja, o cantor Elymar Santos, que cresceu no bairro vizinho de Ramos, transmitiu sua live especial no Dia das Mães de 2020 do topo da rocha (figura 30). Em suas quatro horas e meia de duração,

contando com diversos convidados, foi possível arrecadar cerca de 50 mil reais para ajudar moradores da região.



Figura 30 – O cantor Elymar Santos em sua live transmitida da Basílica da Penha

Fonte: <https://www.tipsstarnews.com.br/elymar-santos-surpreende-o-publico-com-live-no-patio-de-igreja-na-zona-norte-do-rio-de-janeiro/>. Acesso em 02 jul. 2020.

A Fundação Oswaldo Cruz/Fiocruz esteve presente em três lives com os pesquisadores Rivaldo Venâncio da Cunha, Coordenação de Vigilância em Saúde e Laboratórios de Referência, falando sobre as vacinas contra Covid 19; Hermano Albuquerque de Castro, então Diretor da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, falando sobre retorno às aulas em época de pandemia; e a presidente da Fiocruz, Nísia Trindade, no Dia Internacional da Mulher. Todos conversaram com o reitor da Basílica, Padre Thiago Sardinha.

Apesar de sua importância para o bairro e para seus frequentadores, a conservação da Igreja da Penha, imponente ícone no alto da Pedra da Penha (PREFEITURA, 1990), por muitos anos não foi o foco da administração da Irmandade, além disso, frequentadores e funcionários, muitas vezes por falta de conhecimento, não aplicavam medidas corretas de manutenção. A Igreja sofre também com a insegurança e a criminalidade que, em seu ápice, fez da Igreja “mirante do tráfico” (CARNEIRO, 2010), fazendo com que os fiéis se afastassem. Com a diminuição da criminalidade no bairro, resgata-se o lugar de memória que habita as lembranças de diversos grupos que tinham e ainda têm a Igreja em suas recordações, ajudando a recriar e mesmo trazer de volta as tradições.

A famosa escadaria recebe, desde 2018, o Desafio Escadaria da Penha, onde atletas, além de subirem e descerem os 382 degraus, percorrem distâncias que variam entre 2.4km e 9.6km em trilha e estrada. Em sua primeira edição, o Desafio contou com 200 participantes, já no ano seguinte este número triplicou (figuras 31 a 34).



Figura 31 – Largada da segunda edição do Desafio Escadaria da Penha, 2019.
Foto: Jeferson Mendonça



Figura 32 – Parte do percurso do Desafio Escadaria da Penha, 2019.
Foto: Jeferson Mendonça.



Figuras 33 e 34 – Participantes durante o Desafio Escadaria da Penha, 2019.
Foto: Jeferson Mendonça.

2.8 Os sambas da Penha

Vários compositores aproveitavam a Festa da Penha para lançar seus sambas. O primeiro samba carioca, “Pelo Telefone”, foi lançado durante o evento, porém, este não mencionava o bairro, a Igreja ou mesmo a Festa. O primeiro a fazer isto, inaugurando assim a categoria de “sambas da Penha” – sambas que falam da Igreja em suas letras – foi José Luís de Moraes, o Caninha que, em 1918, usa sua ironia para falar da pandemia de gripe espanhola e, também da Penha:

A espanhola está aí
A espanhola está aí
A coisa não está brincadeira
Quem tiver medo de morrer
Não venha mais à Penha

O primeiro “samba da Penha” a fazer sucesso foi “Braço de Cera”, de Nestor Brandão. Composto em 1926, caiu na boca dos foliões apenas no ano seguinte:

Mulher, a Penha está aí,
Eu lá não posso ir.
Um favor vou lhe pedir:
Me leva um braço de cera
À Santa Padroeira
Foi o que lhe prometi

De acordo com Magalhães (2007), Noel Rosa compôs em torno de dez canções, inclusive um de seus grandes sucessos, “Feitio de Oração”, em parceria com Vadico, sobre o bairro do subúrbio carioca:

Por isso agora lá na Penha
Vou mandar minha morena
Pra cantar com satisfação
E com harmonia
Esta triste melodia
Que é meu samba em feitio de oração.

Nei Lopes, nascido em Irajá, bairro vizinho, fala da Penha em seu samba Goiabada Cascão:

Goiabada cascão em caixa
É coisa fina, sinhá, que ninguém mais acha!
Rango de fogão de lenha na Festa da Penha comido com a mão
Já não tem na praça mas como era bom!

Guinga e Aldir Blanc falam da Penha em sua música Igreja da Penha (ou Carta de Pedra):

Prezado amigo, escrevo para esclarecer
Que, mesmo antes de nascer,
Meu coração se fez humano por ser suburbano
E o HIV
Deu positivo porque meus irmãos
Padecem de doença igual
E um degrau atrás de outro degrau
Me leva de joelhos à igreja onde deus me diz
Que o humano é estranho, sim,
Porque é meu pai e, ai de mim,
Nós nos desentendemos sempre
E é assim que se faz
Canções, escadas, catedrais
Que depois não visitamos mais
- dão de nós o melhor testemunho.
Prezado amigo, eu vi sair do papel
A pedra e o fogo que há no céu
E tudo parecia letra de chorinho

E então também chorei...
Os meus avós e o pai são degraus
Aonde eu piso em direção ao caos
Mas posso ver na beira goiabeiras,
Limoeiros, pés de sapoti
E a Penha volta aqui
Feito o mito de uma ressurreição.
A hóstia é pedra - hei de ralar!,
A santa não pode cumprir o que não me crismar:
O pai que eu amo não demora,
A valsa chora e eu sei vou inventar
Até que a própria virgem
Mande eu descansar...

Ricardo Rachado, frequentador da Basílica, teve o samba intitulado A Padroeira, que compôs em parceria com Waguinho, gravado por Beth Carvalho:

Que santa é aquela
Que fica no alto da pedra
Tem a capela, é lindo o visual
Mas quem tem fé, sobe na igreja
Por mais alto que seja
De joelho ou de pé
Santa Penha padroeira
No alto da pedreira
Santa Penha padroeira
No alto da pedreira
Santa Penha padroeira
Em cima da pedreira, nos abençoando
O povo subindo, pagando promessa
Lá no alto da colina
Ilumina o subúrbio da Leopoldina
Ilumina o subúrbio da Leopoldina

Luiz Gonzaga também eternizou a Penha na letra de sua Música Baião da Penha:

Demonstrando a minha fé
Vou subir a Penha a pé
Pra fazer minha oração
Vou pedir à padroeira
Numa prece verdadeira
Que proteja o meu baião

Penha, Penha
Eu vim aqui me ajoelhar
Venha, Venha
Trazer paz para o meu lar (2X)

Nossa senhora da Penha
Minha voz talvez não tenha
O poder de te exaltar
Mas dê benção padroeira
Pra essa gente brasileira
Que quer paz pra trabalhar

Penha, Penha
Eu vim aqui me ajoelhar
Venha, Venha
Trazer paz para o meu lar (2X)

Estes são apenas alguns dos vários sambas que têm como tema a Igreja da Penha, corroborando a informação, mencionada diversas vezes neste trabalho, de que a Igreja possui grande importância e influência sobre o bairro da Penha e a cidade do Rio de Janeiro, além de povoar a memória daqueles que já a visitaram e o imaginário dos que ainda não tiveram a oportunidade de subir os degraus da famosa escadaria pessoalmente.

2.9 O sítio

A área onde hoje se encontra o bairro da Penha e demais bairros vizinhos foi ocupada por terras produtoras de açúcar durante boa parte dos séculos XVI e XVII. Estes engenhos estimularam a criação de pequenos núcleos de povoamento. A acanhada produção açucareira e a pequena extensão territorial dos engenhos fizeram com que a produção de itens de subsistência (farinha, feijão, milho e arroz) tivesse maior importância, inclusive abastecendo a cidade do Rio de Janeiro através do porto Maria Angu, até o final do século XVIII. Desenvolviam-se também outras atividades econômicas como criação de gado, olarias e caieiras (sambaquis) (PREFEITURA, 1990).

No século XVI as terras começaram a ser desmembradas e doadas. A primeira doação de que se tem registro data de 1568, quando Salvador Correia de Sá doou uma sesmaria a Antonio de França. Nela foi construído o Engenho de Nossa Senhora da Ajuda, de onde, posteriormente, foi desmembrada a Fazenda Grande da Penha. Foi a partir do desmembramento dessa sesmaria que, em 1613, Baltazar de Abreu Cardoso recebeu as terras onde hoje está construída a Igreja de Nossa Senhora da Penha de França (PREFEITURA, 1990).

Em 1644 é criada a Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá, da qual fazia parte o subúrbio da Penha, desmembrado apenas em 1919 pelo decreto 3816 de 23/03/1932.

Com a chegada da família real ao território brasileiro em 1808, o grande crescimento populacional decorrente, as sucessivas crises e a transição da produção de subsistência para a produção cafeeira, a região perdeu importância e estagnou-se, uma vez que não tinha condições de competir com demais regiões produtoras. Os artigos de subsistência passam a ser vendidos no pequeno comércio local.

A estagnação persiste até a década de 1870, quando a policultura intensiva de subsistência é estimulada através da “cessão de posse de lotes a lavradores sem terra” (PREFEITURA, 1990) por meio da enfiteuse – “cessão do domínio útil, com reserva do domínio direto, de uma propriedade imóvel, rústica ou urbana, pelo seu dono ao enfiteuta, mediante o pagamento de pensão ou foro anual” (MICHAELIS, 2020).

O processo de tombamento que consta na Prefeitura (1990, p. 10) cita Raul Pompeia descrevendo o bairro da Penha em 1888:

(...) é um povoado miserável de alguns casebres que se desmancham em pé, situados em uma várzea arenosa de beira-mar. Um semi-círculo de morros volteia sobre o horizonte, por um lado, oferecendo a espaços, através da vegetação, nodosidades redondas de pedras ásperas cor de cimento, com cachoeiras enormes sem água. Em frente, devasta-se a Guanabara azul.

As estradas de ferro foram as principais responsáveis pelo desenvolvimento e ocupação da área. Segundo Abreu (2013, p. 15), a Penha é um dos subúrbios mais antigos do Rio de Janeiro a se formar ao longo das linhas das estradas de ferro (Figura 35).

comercial e num dos centros de maior atividade na zona da Leopoldina Railway.

De maneira geral, as ferrovias colaboraram para o estabelecimento de povoados a partir da década de 1890. Na virada para o século XX, inicia-se o parcelamento das terras de antigas propriedades, a ocupação se intensifica e os terrenos são valorizados, contribuindo para a perda das características rurais da área, passando de freguesia rural para freguesia suburbana.

Anterior às ferrovias, o transporte marítimo perdurou até o final do século XIX, levando até a cidade do Rio de Janeiro tanto moradores quanto mercadorias. Noronha Santos, citado no processo de tombamento descreve:

Toda a orla litorânea que confronta com as ilhas do Pinheiro e do Fundão, e a que se estende, por sacos e pequenas enseadas, da penha do Tibau ao porto de Inhaúma, e dali à foz do rio Mirity, tiveram intensa navegação (...) nos tempos coloniais ali passavam grandes e pequenas faluas que aproavam aos confins ocidentais da baía, integrando-se pelos rios que fertilizavam as terras de fazendas e engenhos de Irajá e Iguassú. No porto de Mirity e de N. S. da Apresentação de Irajá (PREFEITURA, 1990, p.??).

Ainda segundo o autor o declínio na produção da área foi resultado da queda do movimento em alguns portos marítimos entre as décadas de 1840 e 1860 (PREFEITURA, 1990),

O porto Maria Angú, o mais próximo da região da Penha, recebia desde 1862, transporte especial de passageiros durante os domingos de outubro, eram os romeiros indo para a Festa da Penha. Na década de 1870 é criada uma linha permanente de transporte de passageiros para o porto Maria Angu a pedido de moradores da Penha e de Bonsucesso.

Apesar de toda a mudança na região, as grandes fazendas, de maneira geral, permaneceram inalteradas até o final do século XX, quando foram fracionados por seus proprietários.

As terras onde se encontrava a Penha eram parte da Fazenda Grande. O Padre Ricardo Silva, pároco da Igreja da Penha e da Matriz de Irajá entre anos 1870 e o início do século XX, foi um dos proprietários dessas terras. Medidas tomadas sob a gestão do Padre Ricardo estão diretamente ligados à formação do subúrbio da Penha: popularização da Festa da Penha com promoção de corridas de cavalo, reformas e ampliações na Igreja e campanhas pelo serviço de abastecimento de água e instauração de linhas de bonde (Figura 36). A intenção

era, provavelmente, valorizar as terras, uma vez que tanto o Padre quanto a Irmandade eram seus proprietários.

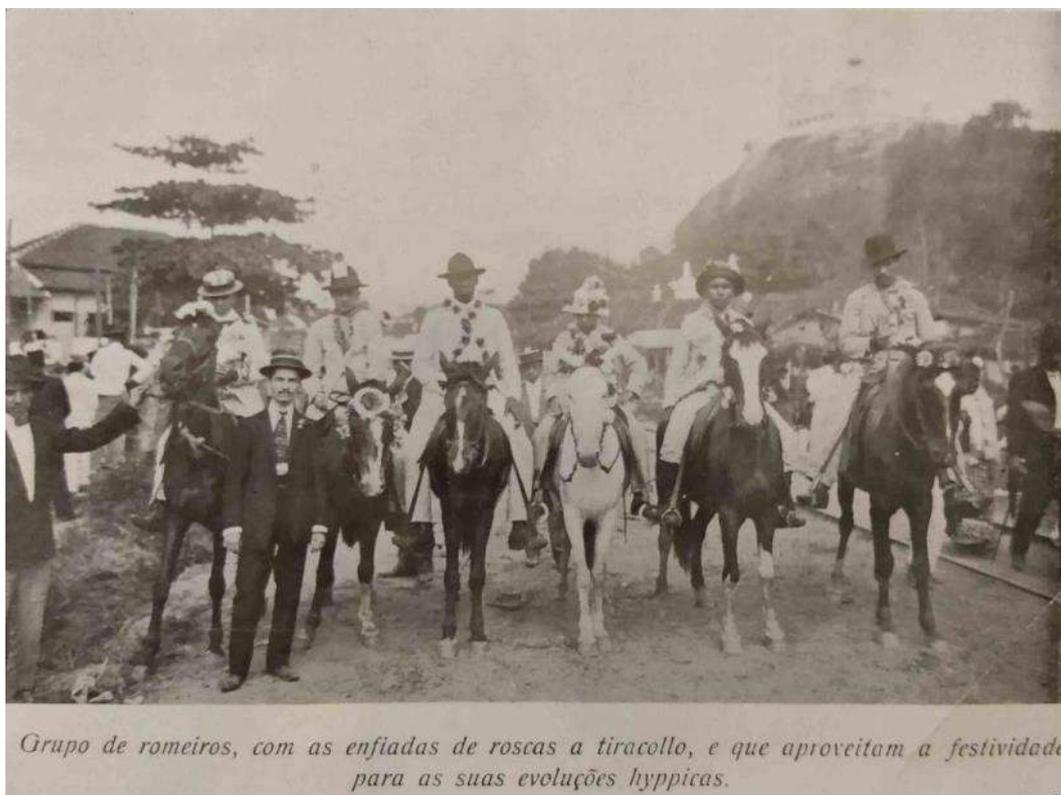


Figura 36 - Grupo de romeiros a cavalo durante a Festa da Penha. Outubro de 1909.
Fonte: Biblioteca Nacional. Acesso em 13/04/2020

De acordo com Brício Filho (*apud* PREFEITURA, 1990), o Padre Ricardo também foi responsável pela demarcação e cercamento dos terrenos, organização de comícios agrícolas, Fundação da Cia. Brasil Irajá para aquisição de terrenos, organização Cia. Nacional da Agricultura, criação da Feira da Penha, entre outros.

Segundo Brasil Gerson (*apud* PREFEITURA, 1990, p. 13), o Padre foi “senhor da velhíssima Fazenda Grande (vinda das mãos de Amaro Vieira no século XVIII)”, onde tinha um “negócio de peixe e estacionava uma ronda da polícia montada”.

Parte da Fazenda Grande, que ficou conhecida posteriormente como Fazendinha, foi doada pelo Imperador Dom Pedro II ao Horto Frutícola da Penha que, inicialmente teve seu direito de posse estendido à Sociedade Nacional de Agricultura e, em 1917, era declarada “propriedade de direito público” através do Decreto 12.424 de 28/03/1917, durante a gestão do Presidente Wenceslau Braz. O Horto perdeu, ao longo dos anos, boa parte de sua área para a construção do conjunto habitacional IAPI da Penha, da Avenida Brasil, da Estação de

Tratamento de Esgoto da Penha (CEDAE) e de um supermercado. Atualmente a área restante é protegida por medidas que regulamentam seu uso e ocupação.

Diversas fazendas da área leopoldinense foram transformadas em vilas, que posteriormente tornaram-se bairros. O fracionamento dos terrenos dessas fazendas era de responsabilidade de várias empresas, dentre elas, a Cia. Territorial do Rio de Janeiro, do comerciante português José Júlio Pereira de Moraes, o Visconde de Moraes.

Na década de 1920, a zona da Leopoldina passa por intenso crescimento: 31,7% das construções realizadas na cidade naquela década aconteceram no subúrbio leopoldinense. Este crescimento foi impulsionado por uma das várias crises de moradia que aconteceram no Rio de Janeiro. Como solução, incentivou-se a aquisição de lotes e construção da própria moradia.

O crescimento lento, já que dependia das verbas dos proprietários dos lotes, foi impulsionado pela abertura da estrada Wenceslau Brás (Rio-Petrópolis) em 1926 e da Avenida Brasil em 1944. A mobilidade proporcionada pelas vias fez com que se iniciasse a concentração industrial na região, com a instalação, na década de 1920, do Curtume Carioca na Penha.

Ainda na década de 1920 a região sofre grandes transformações: edifícios, lojas, supermercados e shoppings surgem desordenadamente à esquerda da via férrea, já do lado oposto, residências existentes convivem com as novas indústrias. O crescimento continua ao longo do século XX. A diversidade de transportes na região e a facilidade de mobilidade fazem com que o comércio e os serviços cresçam e se diversifiquem, tornando o bairro da Penha, junto com o de Bonsucesso, um dos centros de abastecimento dos bairros vizinhos.

Na década de 1990 o bairro passa a sofrer com o aumento da criminalidade e do tráfico de drogas na região. Diversos imóveis perdem valor e os moradores começam a conviver com tiroteios cada vez mais constantes e com fechamento de escolas e comércio a mando do tráfico. A violência tem seu ápice durante a instalação da UPP – Unidade de Polícia Pacificadora – e depois decai um pouco, quando o bairro volta a apresentar crescimento, que continua até os dias atuais.

Atualmente, o edifício da Basílica da Penha é circundado por uma série de outras construções que abrigam atividades diversas, formando um complexo (Figuras 37 e 38). Este complexo localiza-se na divisa entre os bairros do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro da Penha e de Olaria. Além do bairro de Olaria, o bairro da Penha faz divisa com o bairro da

Penha Circular. Os bairros próximos de importância para o bairro da Penha são Ramos, Bonsucesso, Brás de Pina, Vila da Penha e Irajá.

As vias principais próximas ao terreno da Igreja da Penha são a Avenida Nossa Senhora da Penha (onde desemboca a Avenida Brás de Pina, via principal do bairro) e a Rua Ibiapina, que acompanha a linha férrea e segue para Olaria. Estas são também as vias de maior tráfego de veículos. O bairro é também rota de voo para os aviões que se destinam ao aeroporto Internacional Tom Jobim (Galeão). Helicópteros são frequentes apenas durante operações policiais.

Diversas ruas do bairro costumam alagar durante o período de chuvas, situação que piorou depois da construção das pistas e estações de BRT.

O bairro da Penha, é um bairro de classe média predominantemente residencial e, segundo o Censo de 2010, possui quase 80.000 moradores. É formado por 11 comunidades: Morro da Fé, Paz, Sereno, Caixa d'água, Caracol, Chatuba, Grotão, Parque Proletário, Vila Cruzeiro, Merendiba e Quatro Bicas.

Seu centro comercial concentra-se principalmente na Rua dos Romeiros (que culmina no pórtico de entrada da Igreja da Penha) e Rua Plínio de Oliveira. Lá, encontra-se grande variedade de estabelecimentos comerciais e meios de transporte (trens, ônibus e BRT). Próximo a este centro comercial encontram-se dois shopping centers – Penha shopping e Leopoldina Shopping – que, já há vários anos, se encontram com muitas lojas fechadas. Uma grande variedade de mercados também abastece o bairro. Próximo ao antigo Curtume Carioca está a Rua Montevideú, onde se encontra o polo gastronômico do bairro.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do bairro subiu de 0,752 em 1991 – considerado médio, de 0,500 até 0,799 – para 0,804 em 2000 – considerado elevado, maior ou igual a 0,800 (IPP, 2000).

As principais áreas verdes do bairro se encontram na Fazendinha do IAPI, onde se localiza o campus da Universidade Castelo Branco; a área militar pertencente à Marinha do Brasil – Centro de Instrução Almirante Alexandrino (CIAA), Casa do Marinheiro e Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes (CEFAN); e a Igreja da Penha, que possui ao redor da formação rochosa área de mata atlântica, de acordo com a Irmandade.

O bairro conta com diversas instituições de ensino privadas e públicas, como o Espaço de Desenvolvimento Infantil Maria de Lourdes Ferreira; as tradicionais Escola Municipal Conde de Agrolongo e Colégio Estadual Gomes Freire de Andrade; além dos já

mencionados Colégio Nossa Senhora da Penha, Universidade Castelo Branco e os Centros de Formação da Marinha (CIAA e CEFAN).

A oferta de saúde conta principalmente com o Hospital Estadual Getúlio Vargas e a Clínica da Família Felipe Cardoso.



Figura 37 – Região do bairro da Penha onde se encontra o complexo.
Fonte: Google, 2020.

A Igreja da Penha se encontra em um vasto terreno que abriga também outros edifícios com diversas funções. Logo na Avenida Nossa Senhora da Penha, à esquerda do pórtico de entrada para a Igreja, encontra-se o Parque Shanghai; mais acima da ladeira, na primeira parada dos bondinhos, o Colégio Nossa Senhora da Penha. Na segunda parada dos bondinhos, diversas atividades: Instituto Igor Chatubinha; Bazar da Caridade Santa Dulce dos Pobres; Salão de Festas São João Paulo II; Conha Acústica Jerry Adriani; coretos; cantina; loja de artigos religiosos; administração, casa paroquial; ermida dedicada a São José Maria Escrivá; e Capela do Sagrado Coração de Jesus. O percurso do terceiro e último bondinho acompanha a famosa escadaria e, no alto da pedra, de onde se avista o Cruzeiro da Universidade, tem-se a Basílica da Penha.

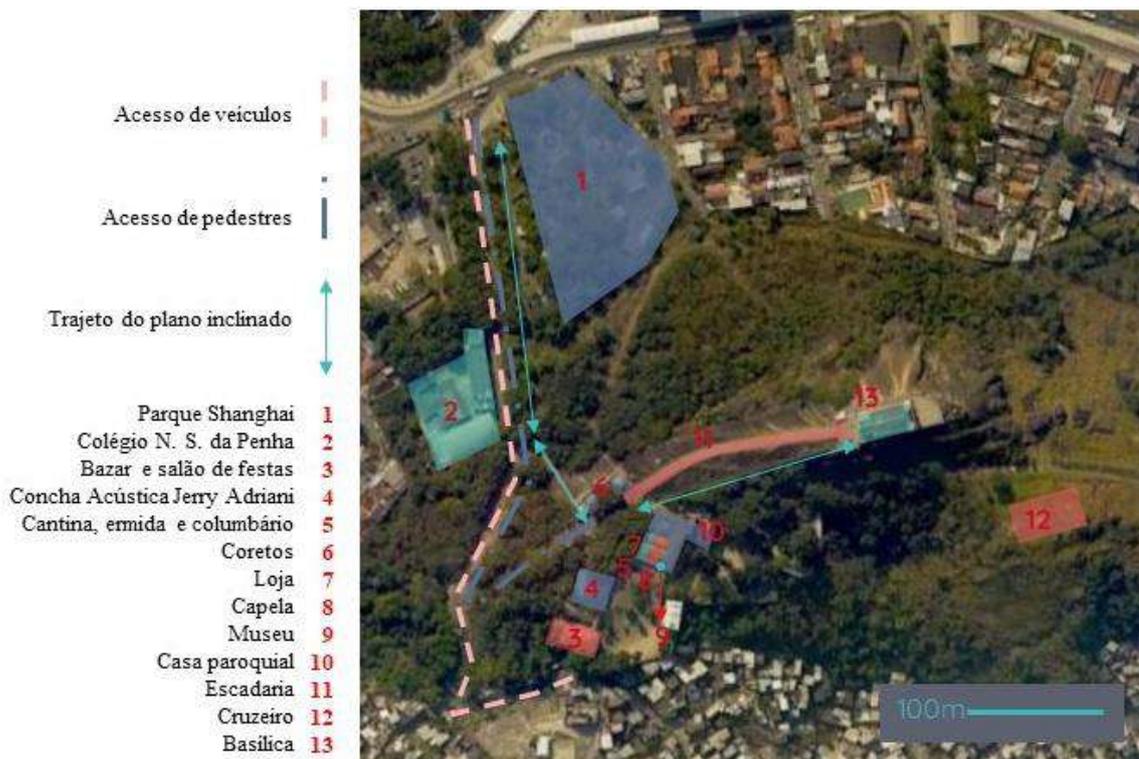


Figura 38 – Imagem aérea do complexo.
 Fonte: Google, 2020.

O centenário Parque Shanghai (Figura 39) se encontra em terreno pertencente à Irmandade, sendo seu locatário. Foi fundado em 1919 como uma trupe itinerante que viajava por todo o Brasil até que em 1934 se fixou na região onde posteriormente foi construída parte do aeroporto Santos Dumont (SHANGHAI, 2020).

No início da década de 1940 foi transferido para a Quinta da Boa Vista, até que em 1966 se estabeleceu no bairro da Penha (SHANGHAI, 2020), ao lado da entrada da Igreja, onde se encontra até hoje. É uma atração indispensável para muitos visitantes da Igreja da Penha, principalmente durante a Festa da Penha.



Figura 39 – Parque Shanghai

Fonte: Parque Shanghai

O Colégio Nossa Senhora da Penha (figuras 40 e 41) é um colégio confessional católico inaugurado em 1873, inicialmente como um colégio masculino. Em 1921 é transferido para o novo prédio construído na Ladeira da Penha e passa a aceitar também meninas. Encontra-se em funcionamento até a presente data sendo uma das instituições de ensino mais tradicionais da região.



Figura 40 - Colégio Nossa Senhora da Penha, década de 1920.

Fonte: acervo da Basílica



Figura 41 - Colégio Nossa Senhora da Penha, década de 2020.

Fonte: acervo da Basílica

O Salão de Festas São João Paulo II (Figura 42) e o Bazar da Caridade Santa Irmã Dulce dos Pobres (Figura 43) estão localizados no antigo prédio do Colégio N. S. da Penha, cujas salas, por muitos anos foram utilizadas para vários fins, tendo sido reformado em 2018. Hoje abriga também o Instituto Igor Chatubinha (Figura 44), cujo objetivo é ensinar lutas às crianças carentes da região promovendo o esporte como ferramenta social (INSTITUTO, 2021).



Figura 41 - Salão de Festas São João Pauli II, interior.
Fonte: acervo da Basílica, 2019



Figura 42 - Bazar da Caridade Santa Irmã Dulce dos Pobres
Fonte: acervo pessoal da autora, 2021



Figura 44 - Alunos do Instituto Igor Chatubinha no pátio da Igreja e em sala reformada para prática de luta.

Fonte: Redes sociais do Instituto, 2021

Na década de 1990 foi construída em parte do estacionamento uma concha acústica que, a partir de 2017 passa a se chamar Concha Acústica Jerry Adriani (Figura 45) em homenagem ao cantor, falecido no mesmo ano, que encerrava anualmente com o seu show a Festa da Penha. A Concha Acústica abriga eventos religiosos e culturais, além de missas campais e, durante a pandemia de COVID-19 foi essencial para a realização das missas, permitindo que um grande número de fiéis pudesse participar respeitando as medidas de distanciamento.



Figura 45 - Conchas acústica Jerry Adriani durante celebração de missa e Festa Junina.

Fonte: acervo pessoal da autora

Em 1941 foi inaugurado o Cruzeiro da Universidade (Figura 46) como marco da construção da primeira Pontifícia Universidade Católica do Brasil, o Cruzeiro está situado na Praça Monsenhor Alves da Rocha. Existem planos para a construção de um mirante no local.



Figura 46 – Cruzeiro da Universidade

Fonte: acervo da Igreja da Penha

O Museu da Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Penha de França (Figuras 47 a 57) conta a história da instituição em aproximadamente 100m² com uma exposição permanente que conta com livros de visitantes, fotografia, quadros, imagens sacras, entre outros. Em espaço contíguo encontra-se a exposição de ex-votos, onde objetos que representam uma graça alcançada são entregues à Igreja da Penha como forma de agradecimento. Dentre eles, diversas fotografias, objetos em cera (como casas e partes do corpo humano), fardas militares, vestidos de noiva e, até mesmo uma cruz em tamanho real que foi carregada por um fiel enquanto subia a escadaria.

Durante visita técnica, a museóloga responsável, Jussara Cestaria conta que a historiografia do museu é voltada para os feitos religiosos da Venerável Irmandade. Destaca a imagem de Santa Filomena (padroeira da Irmandade) de 1871; os sinos da ermida construída em 1635 e da capela de 1728; cadeira episcopal de 1898 feita por Manuel Ferreira Antunes; o livro de visitantes com as assinaturas de Princesa Isabel e seu marido, Conde D'eu; algumas informações sobre o Colégio Nossa Senhora da Penha; referências do Padre Ricardo Silva (um livro que pertencia a ele) e de Monsenhor Alves da Rocha; além do quadro pintado em 1910 por Pedro Peres.

O museu funciona somente aos domingos e recebe cerca de 80 visitantes por mês. No mês de outubro, quando se comemora a Festa da Penha, este número salta para 600.



Figura 47 - Inauguração e acervo do Museu da Venerável Irmandade
Fonte: acervo da Igreja da Penha



Figura 48 - Acervo do Museu: sino da ermida e da capela de 1728
Fonte: acervo pessoal da autora



Figura 49 - Acervo do Museu: registros da ligação com a família imperial brasileira.
Fonte: acervo pessoal da autora



Figura 50 - Acervo do Museu: fardas militares
Fonte: acervo pessoal da autora



Figura 51 - Acervo do Museu: vestidos de noiva
Fonte: acervo pessoal da autora



Figura 52 - Acervo do Museu: antigo mobiliário do Colégio Nossa Senhora da Penha, mimeógrafo e mantos de N. S. da Penha.
Fonte: acervo pessoal da autora



Figura 53 - Acervo do Museu: objetos da época da escravidão.
Fonte: acervo pessoal da autora



Figura 54 - Acervo do Museu: parte de um dos altares antigos, vestes litúrgicas, objetos litúrgicos.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 55 - Acervo do Museu: fotografias do bairro e da Igreja.
Fonte: acervo pessoal da autora



Figura 56 - Acervo do Museu: sala dos milagres, onde se encontram os ex-votos (objetos de cera, fotografias e aparelhos ortopédicos entre outros objetos) que simbolizam a cura ou a graça alcançada.
Fonte: acervo pessoal da autora



Figura 57 - Acervo do Museu: cruz carregada por um devoto enquanto subia a escadaria.
Fonte: acervo pessoal da autora

Construída no início do século XX, a capela é inicialmente dedicada à Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. Em 1925 a imagem do Sagrado Coração de Jesus é

entronizada e, de acordo com a reportagem do Jornal do Brasil de 1930 (apud CESTARI, s/d.), era “a mais rica imagem dos templos cariocas”.

Em 1931 passa pela primeira reforma e é dedica ao Sagrado Coração de Jesus (Figura 58). Em 2011 passa por outra reforma, quando recebe o painel ao fundo, do artista Robert Waissemar, retratando a Igreja no alto da pedra.

Abriga a primeira imagem de Nossa Senhora de Fátima que chegou ao Brasil em 1947 vinda de Portugal. Foi levada em procissão, em carro de bombeiros, do aeroporto até a capela.



Figura 58 – Capela do Sagrado Coração de Jesus

Fonte: acervo da Igreja da Penha

O edifício que abriga atualmente a administração e casa paroquial (Figura 59) foi construído na década de 1920.



Figura 59 – administração e casa paroquial

Fonte: acervo da Igreja da Penha

Carinhosamente chamada de Lojinha, a Loja de Presentes Maria foi construída na década de 1920 e era chamada de “Casa dos Romeiros”. Lá, os fiéis em romaria eram acolhidos e aconteciam eventos culturais gratuitos. Na década de 1940, passa a funcionar como loja. Vende lembranças da Basílica e outros artigos religiosos.

Os coretos foram construídos na década de 1920 (Figura 60), neles se apresentam bandas em eventos religiosos ou culturais.

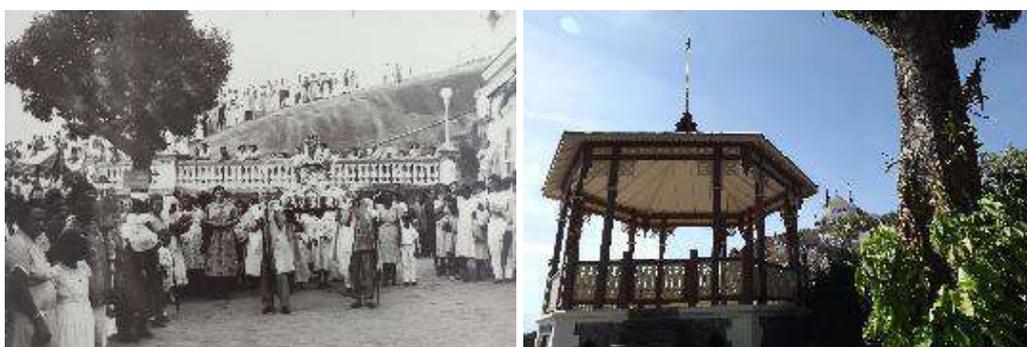


Figura 60 – coretos históricos

Fonte: acervo da Igreja da Penha

2.10 O arquiteto

Não existem informações sobre o arquiteto que projetou a primeira ermida ou as reformas posteriores. A exceção é a reforma que aconteceu no início do século XX, também a principal, de autoria de Luiz Moraes Júnior (Figura 61), segundo os livros de atas da Basílica.



Figura 61 - Luiz Moraes Júnior

Fonte: Casa de Oswaldo Cruz. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-lembra-os-150-anos-de-luiz-moraes-junior>. Acesso em 09 de junho de 2020.

De acordo com Costa e Andrade (2020), Moraes nasceu na cidade de Faro, capital da província do Algarve, em Portugal, no dia 30 de janeiro de 1867, graduou-se em engenharia ferroviária em Coimbra, Portugal e, em 1900, veio para o Brasil a convite do conterrâneo e então vigário geral da Igreja da Penha, Padre Ricardo, para conduzir as obras de reconstrução e embelezamento externo da Igreja. Já em 1907 foi novamente convidado para realizar obras em seu interior (BENCHIMOL, 1990).

Após as primeiras obras na Igreja da Penha, trabalhou para a Congregação Beneditina na recuperação interna de mosteiros e administração das obras durante os anos de 1903 e 1907. Atuou também, de 1904 a 1907, como engenheiro fiscal do mosteiro no Alto da Boa

Vista. Embora existam registros das obras de Moraes no Brasil, de acordo com Costa e Andrade (2020) não temos registros de suas atividades antes de chegar ao país, no entanto, é possível supor que o arquiteto já tivesse alguma produção arquitetônica em Portugal, uma vez que chegou ao Brasil com 31 anos de idade.

A atuação de Moraes como arquiteto no Brasil se iniciou no campo da arquitetura religiosa, mas foi principalmente no específico campo da arquitetura laboratorial, sanitária e hospitalar que Moraes desenvolveu a maioria de seus projetos (BENCHIMOL, 1990).

Acredita-se que a inserção de Moraes nesse específico campo da arquitetura se deve ao seu encontro com o cientista Oswaldo Cruz. As obras de 1900-1902 na igreja da Penha coincidiram com os primeiros anos de funcionamento das instalações adaptadas das primitivas casas da Fazenda de Manguinhos para o Instituto Soroterápico Federal – atual Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). De acordo com Costa (2018), foi nesse período que Oswaldo Cruz teria acompanhado e apreciado o trabalho de Moraes na Igreja da Penha. Eles teriam se conhecido no trajeto do trem no ramal da Leopoldina, que utilizavam para se locomoverem até seus locais de trabalho. Oswaldo teria convidado Moraes para projetar os novos laboratórios da instituição.

Segundo Costa e Andrade (2020, p.552), ao analisar o currículo de Moraes percebe-se sua autoria enquanto encarregado de projetos e obras de “grandes hospitais, do Instituto de Biologia e Bacteriologia ‘Oswaldo Cruz’, da Escola de Medicina e de outros serviços públicos”. Sua participação na Exposição Internacional de Higiene em Berlim, no ano de 1907, quando recebeu “um grande diploma”, e na de Dresden, em 1911, além do Rio de Janeiro em 1908 e 1909, recebendo a medalha de ouro, é destacada pelo próprio arquiteto.

Moraes foi responsável, graças ao seu contato com Oswaldo Cruz, não só pelo conjunto de edificações ecléticas do campus sede da Fiocruz em Manguinhos, mas também pela construção e reforma de todos os prédios da saúde pública no Rio de Janeiro no período. Além disso, o contato com a comunidade médica, também proporcionado por Oswaldo, permitiu que Moraes assinasse projetos de grande porte, como a sede da Policlínica e da Faculdade de Medicina, além da residência do próprio Oswaldo (BENCHIMOL, 1990, p. 173).

O edifício principal do conjunto arquitetônico de Manguinhos deveria seguir o desejo de Oswaldo Cruz de ser uma edificação sólida com o intuito de demarcar o surgimento da ciência na república brasileira, para tanto, ele e Moraes puseram-se a pesquisar qual poderia ser o partido arquitetônico próprio para a saúde, escolhendo o neomourisco. A presença de

construções deste estilo na cidade natal de Moraes permitiu que ele contribuísse para a construção da edificação, além disso, o palácio de Montsouris e o palácio de Alhambra, juntamente com o livro a seu respeito de Albert F. Calvert, também serviram como referência para o projeto, fazendo com que este fosse “o projeto de maior destaque de Moraes Júnior, o que faz as pessoas lembrá-lo como grande arquiteto” (FIOCRUZ, 2018).

Além de expressar em seus projetos tendências formais e estéticas vigentes na época de maneira requintada, Moraes era capaz de solucionar questões construtivas e espaciais com muita competência. De acordo com o pesquisador Renato Gama-Rosa, em entrevista a Casa de Oswaldo Cruz (FIOCRUZ, 2018), Moraes era um homem ligado às tradições de sua época, o século XIX:

[...] seus projetos valorizavam a decoração e os detalhes, possuíam referências e, de certa forma, seguiam características rebuscadas [...] estas características, no entanto, não o impediram de projetar instalações práticas e de forma racional no uso dos materiais. Foi capaz de adaptar e transformar projetos em espaços arquitetônicos utilizáveis e simples.

No começo dos anos 1920, depois da morte de Oswaldo, Moraes concluiu suas últimas obras em Manguinhos, trabalhou para a Beneficência Portuguesa, construindo o Pavilhão Visconde de Moraes, além de diversas residências particulares. No entanto, perderam-se quase todos os seus projetos: alguns edifícios foram demolidos, outros sofreram diversos acréscimos para atender às necessidades e acabaram descaracterizados, outros ainda, nem sequer foram construídos (BENCHIMOL, 1990, p. 186).

Já na década de 1930, com mais de 60 anos, mudou-se para Petrópolis, para uma residência de sua autoria, onde aproveitaria sua aposentadoria até tornar-se diretor da empresa que seria responsável pela construção da rede hospitalar na época de Pedro Ernesto, último ato marcante da carreira de Moraes. Participou ainda da XI Conferência Sanitária Pan-americana, que aconteceu no Rio de Janeiro no ano de 1942, sob o cargo de cônsul-geral da República do Haiti. (BENCHIMOL, 1990, p. 175) Faleceu em 15 de julho de 1955, aos 88 anos de idade.

Ainda segundo Benchimol (1990), os projetos de Moraes demonstram a consonância do arquiteto com a linguagem eclética vigente na época, além de um indiscutível conhecimento de arquiteturas do passado, combinando ambos de acordo com o gosto de seus clientes. Os materiais utilizados que exprimiam beleza e solidez, a resolução magistral de questões formais e estruturais e a instalação dos mais sofisticados artefatos que a indústria europeia poderia oferecer, tornavam suas obras impecáveis.

Moraes, na opinião de Benchimol (1990, p. 179), contribuiu para o cenário da arquitetura eclética no Rio de Janeiro com edifícios de porte monumental e riqueza decorativa. Ao construir a nova sede da Policlínica Geral do Rio de Janeiro, baseado na arquitetura alemã renascentista, associou seu nome a uma das fachadas do principal cenário urbanístico da capital.

Segundo Fabris (1987), não se conhece o universo de referências de Moraes, no entanto, não se pode desprezar a influência eclética vinda de catálogos, revistas, manuais e cartões-postais. Além disso, a região que hoje compreende Faro, cidade natal de Moraes, permaneceu por cindo séculos sob domínio mouro, o que pode ter promovido uma certa familiaridade com o estilo mourisco (COSTA e ADRADE, 2020).

Moraes foi responsável também pelo projeto para a faculdade de medicina (não executado por ele), pelo desinfectório de Botafogo (atual Hospital Rocha Maia), e pelo novo prédio da sede das repartições do DGSP – Diretoria geral de Saúde Pública (BENCHIMOL, 1990, p. 187).

Para Benchimol (1990, p. 225), Moraes demonstrou sua competência, talento e versatilidade formal em seus diversos projetos. Possuía grande conhecimento sobre história da arquitetura e era capaz de combinar características marcantes do passado com aquelas em voga na época para agradar seus clientes, adequando-se perfeitamente à linguagem eclética daquele momento.

Moraes atuou em um campo muito específico da arquitetura, destacou-se nele, fez história e serve de exemplo pela sua rigorosa espacialização e funcionalidade.

2.11 A Arquitetura

As informações apresentadas a seguir foram retiradas, em sua maioria, do Processo de tombamento da Igreja da Penha (PREFEITURA, 1990) e do Projeto de restauração (ASTORGA, 2019).

Implantação

Construída no alto da Pedra, de frente para a Baía de Guanabara, na direção Leste. No entorno imediato, um platô. Ao redor, a cidade à distância, são visíveis diversos pontos

turísticos do Rio de Janeiro – como o Cristo Redentor – já que a Igreja se encontra a mais de 100 metro de altura.

Fachada Oeste

Quem sobe a escadaria da Penha, ao chegar no topo, pensa deparar-se com a frente da Igreja, no entanto, aquela é a parte dos fundos, a fachada Oeste (Figura 62). Ela se caracteriza por três panos de composição e corpo central mais elevado do que as extremidades.

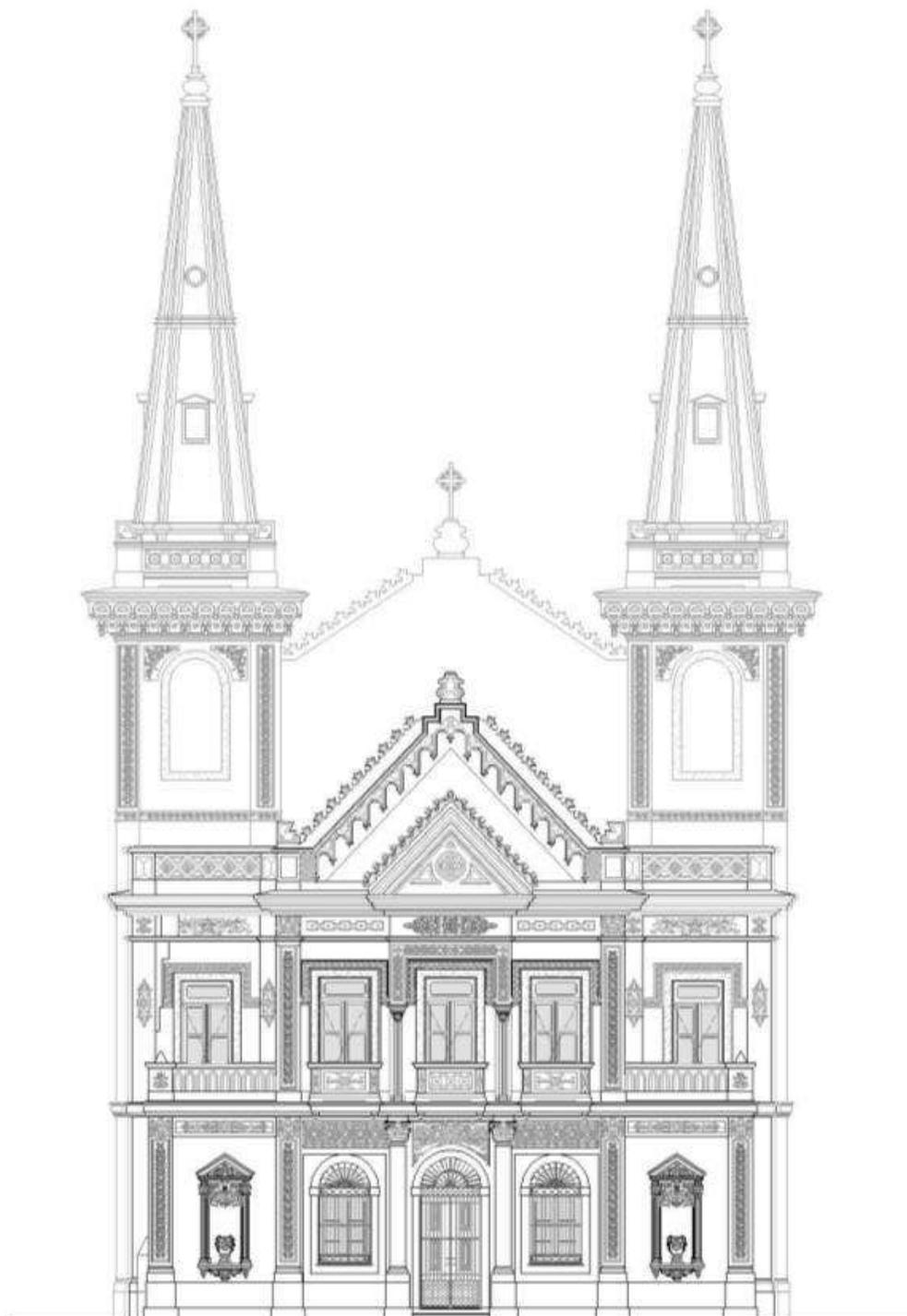
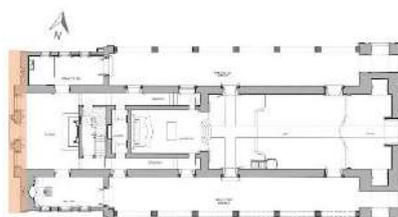


Figura 62 - Fachada Oeste (2019)
Fonte: Astorga Arquitetura e Restauração



Localização da Fachada Oeste

O corpo central do pavimento térreo apresenta “três vãos em arco pleno com cercaduras em pedra” (PREFEITURA, 1990, p. 04). O vão central possui porta em folha dupla de madeira com almofadas e bandeira fixa, além de gradil em ferro fundido.

Ao lado do vão central, as janelas, também em folha dupla, possuem em seu exterior caixilhos de vidro e bandeira fixa. Internamente, contam com três folhas de madeira almofadada e gradis em ferro fundido.

Nas extremidades, recuadas em relação ao plano do corpo central, existem “nichos em arco pleno ricamente decorado por estuques e, a arrematá-los no tramo superior, conchóides reversos”. Sobre eles, “frontões triangulares conjugados a pilastras trabalhadas em estuque”, no interior dos nichos encontram-se vasos de louça (PREFEITURA, 1990, p. 04).

Modulam a fachada pilastras arrematadas (no limite entre os pavimentos térreo e superior) por barra horizontal, ambas decoradas em estucaria. A barra correspondente ao pano central é mais larga e mais trabalhada.

Delimitando o vão central estão “duas colunas de capitel compósito que sustentam colunetas que definem, juntamente com sobreverga em argamassa, enquadramento do vão central de porta sacada do pavimento superior” (PREFEITURA, 1990, p. 05).

O pavimento superior acompanha a modulação do pavimento térreo. Possui no corpo central “três vãos de porta sacada em verga reta com cercaduras em pedra” e guarda-corpos em mármore com motivos geométricos. As esquadrias apresentam “sobrevergas retas em massa” (PREFEITURA, 1990, p. 05).

Concluindo o corpo central, “cornija precedida por barra decorada em estucaria”; sobre ela, “frontão triangular que mantém em seu tímpano óculo circular”; mais acima, “platibanda que acompanha forma do frontão decorada por estuques que estilizam arcaria plena”; seguida por “palmetas em estuque e, nas extremidades, acrotérios geometrizados”; e, finalizando a composição, cruz sobre embasamento em cantaria (PREFEITURA, 1990, p. 05).

Fachadas Norte e Sul

As fachadas Norte (Figura 63) e Sul (Figura 64), também chamadas respectivamente de lado Olaria e lado Penha (por estarem direcionadas para estes bairros), dividem-se em

três partes a partir da fachada principal: prumada de campanários; corpo central ou *galilé*, com sequência de arcos plenos, suportados por pilares em cantaria almofadada, que delimitam seis vãos; e área de serviços – sacristia, batistério, copa, atendimento de visitantes (PREFEITURA, 1990, p. 03).

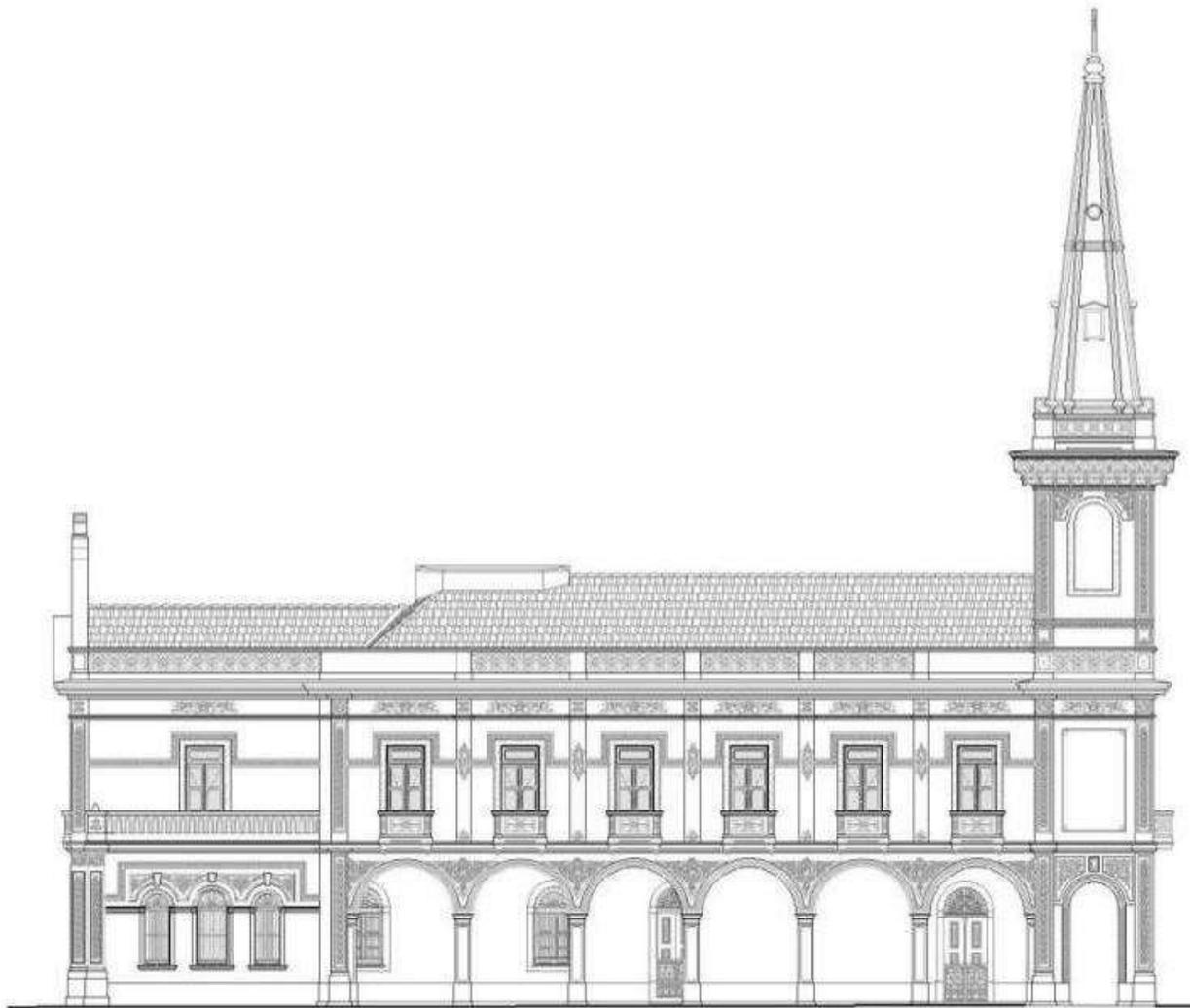
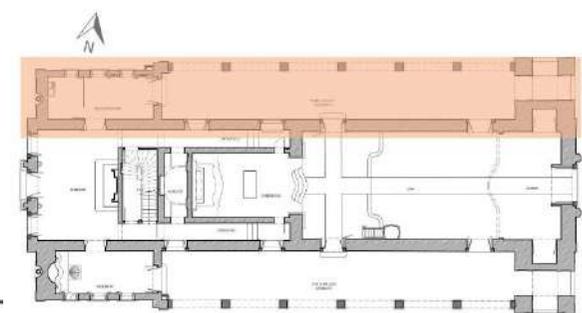


Figura 63 – Fachada Norte – lado Olaria (2019)
Fonte: Astorga Arquitetura e Restauração



Localização da Fachada Norte

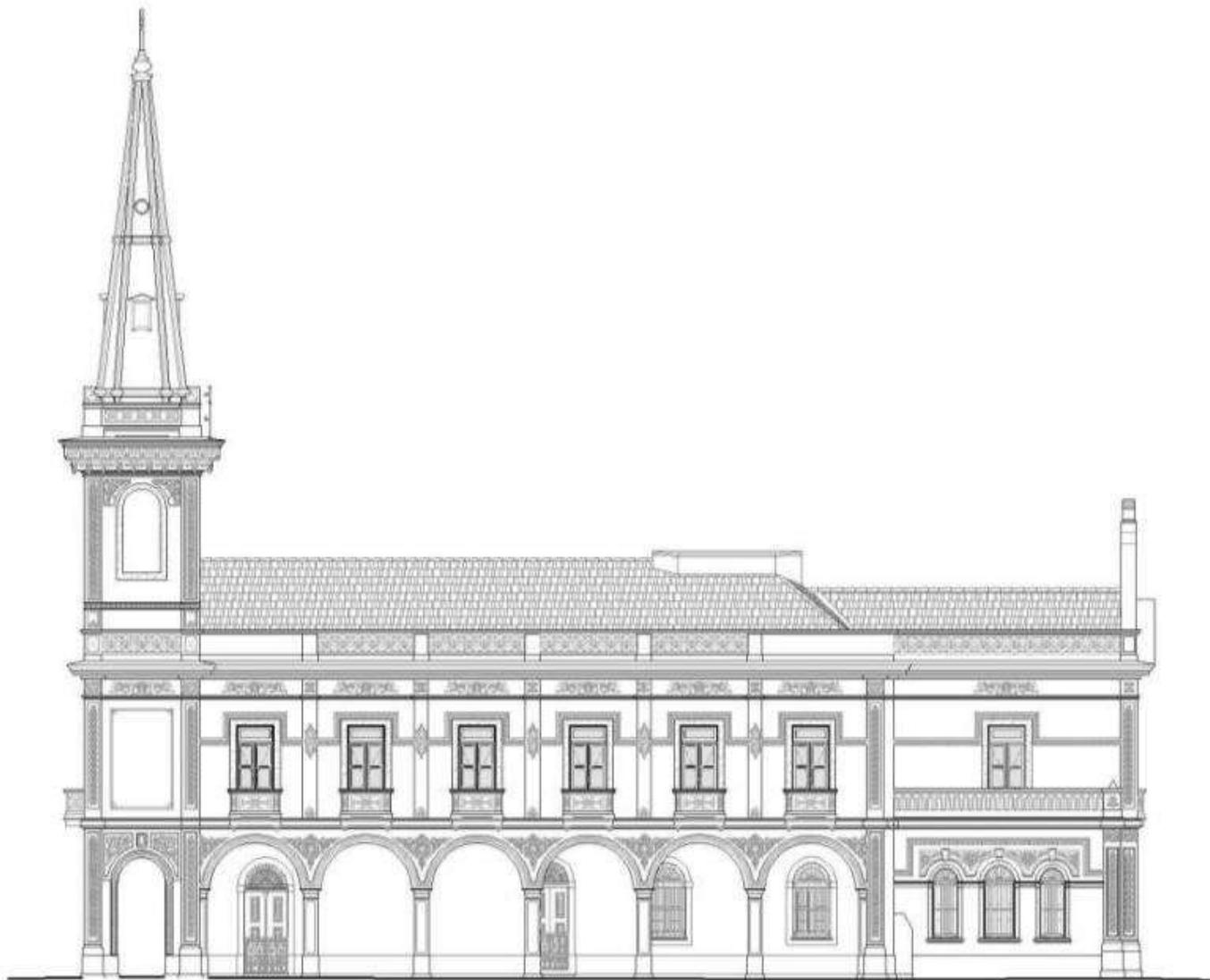
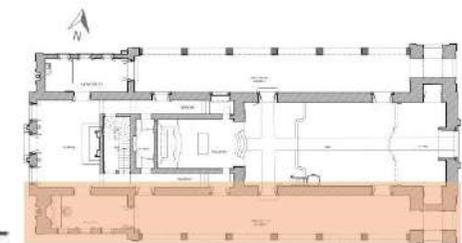


Figura 64 - Fachada Sul – lado Penha (2019)
Fonte: Astorga Arquitetura e Restauração



Localização Fachada Sul

No nível do pavimento térreo, cada fachada tem oito vãos em arco pleno, cinco com cercaduras em pedra e três com cercaduras em estuque. Desses oito, três são portas e possuem folha dupla em madeira almofadada com bandeiras fixas e gradil em ferro fundido, duas dessas portas permitem acesso à nave e a outra permite acesso ao batistério (fachada norte – lado Olaria) ou ao atendimento de visitantes (fachada Sul – lado Penha). Os cinco restantes compreendem janelas, dois sob a galeria (cercadura em pedra) e três sob o terraço (cercadura em estuque); todos possuem esquadria em folha dupla com caixilhos de vidro e bandeiras fixas no exterior e três folhas de madeira almofadada no interior; todos contam com gradis em ferro fundido. Na prumada de campanários costumava haver uma porta de enrolar metálica com bandeira fixa que vedava a área imediatamente inferior a eles. Nesta área costumava-se vender bebidas, alimentos e lembranças.

Já no pavimento superior, sobre a galeria, seguindo a modulação dela, encontram-se seis portas tipo sacada, com verga reta, folhas duplas de madeira almofadada, bandeira fixa e guarda corpos em mármore vazado com motivos geométricos. Este padrão se repete em ambas as fachadas.

Ainda neste pavimento, no corpo de serviços, existe de cada um dos lados um vão de porta em verga reta com folha dupla almofadada e bandeira fixa que permite acesso ao terraço, este conta com “guarda-corpos em balaustrada que estiliza arcos ogivais.

Verticalmente, as fachadas são moduladas por “pilastras revestidas em estuque” e, horizontalmente, por “barra, cartelas decorativas, cornija e encimando a composição, platibanda cega” (PREFEITURA, 1990, p. 04).

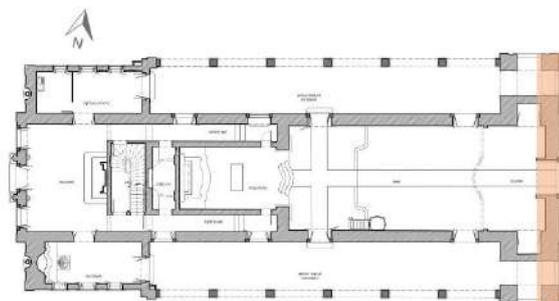
A prumada de campanários avança sobre o pavimento superior e segue a mesma descrição da fachada principal.

Fachada Leste

A fachada Leste (Figura 65) possui três planos de composição modulados por pilastras. Os planos das extremidades comportam as prumadas de campanários; o central, o vão de acesso. O embasamento é feito em granito e as paredes revestidas em argamassa, tinta na cor ocre e estuques na cor branca.



Figura 65 - Fachada Leste da Igreja da Penha (2019)
Fonte: Astorga Arquitetura e Restauração



Localização Fachada Leste

Os três vãos existentes no primeiro pavimento apresentam arco pleno. O vão central dá acesso ao interior da nave, possui porta em folha dupla almofadada, entalhes e cercadura em pedra. É demarcado por “duas colunas facetadas com capiteis compósitos que sustentam pseudo-capiteis geometrizados que amparam sacada relativa ao segundo pavimento” (PREFEITURA, 1990, p.02).

Os vãos das extremidades dão acesso às galerias externas e possuem cercadura em estuque; sobre eles, barra também em estuque finalizando o pavimento térreo.

No pavimento superior, os vãos seguem o mesmo número e modulação do pavimento térreo, são sacadas com portas em folha dupla de madeira, vergas retas, cercadura em pedra e guarda corpo em mármore vazado com motivos geométricos.

No centro, encontra-se uma grande porta metálica de três folhas, vão em arco pleno, cercadura em pedra, bandeira fixa e vitral colorido que dá acesso à sacada com guarda corpo em mármore vazado com motivos geométricos. Ladeando este vão encontram-se

[...] colunas que rompem a paginação do pavimento imposta pela cornija, sendo arrematadas em frontão que é delimitado nos seus vértices por três estátuas [representando as virtudes teológicas: fé, esperança e caridade]. Encimando ainda o referido vão, sucedem-se “Agregada à Basílica de Santa Maria Maior – Roma – MCMXXXV” e óculo circular vidrado inscrito no tímpano do referido frontão (PREFEITURA, 1990, p. 03).

Nas laterais, o segundo pavimento é finalizado por

cornija precedida por faixa decorativa” (...). Ainda neste segundo pavimento, as pilastras internas que delimitam o pano central recebem consoles apoiados em cabeça de anjos e encimadas por modilhões [ornato que pende as cornijas, servindo de suporte, e cujo perfil em S invertido] invertidos que arrematam a cornija supra citada, a qual envolve toda a Igreja (PREFEITURA, 1990, p. 03).

Ainda panos laterais, encontram-se relógios circulares com algarismos romanos, vãos em arco pleno com cercadura em pedra onde se encontram os sinos e, sobre eles, “cornijas escalonadas que estilizam pequenas arcarias superpostas em arcos plenos”. Esses panos são encimados por

cobertura piramidal em pedra com vão retangulares e sobrevergas em pequenos frontões triangulares, existindo nos seus terços superiores, definidos por espécie de cimalha, óculos circulares. As torres sineiras são finalizadas por cruces (PREFEITURA, 1990, p. 03).

No pano central, tem-se “frontão coroado por cimalha, palmetas e por sobre seu eixo cartela em granito que suporta cruz” (PREFEITURA, 1990, p. 03).

Enfatizando linhas principais da composição de todo o prédio, estão “calhas com iluminação incandescente que mantém cerca de seis mil e quinhentas lâmpadas de quinze watts” (Figura 66), permitindo assim que a Igreja seja vista vários pontos da cidade (PREFEITURA, 1990, p. 05).

No frontão três esculturas alegóricas representando as Virtudes Teologais, a Fé, a Esperança e a Caridade, obra do escultor Hugo Wagner, mármore e azulejaria de Amaral Guimarães & Cia, e na parte da arquitetura decorativa o trabalho de estucaria, ficou a cargo do artista Henrique Lavoie.



Figura 66 - Basílica a noite, com iluminação
Fonte: acervo da Igreja

Interior da Igreja

Em seu interior (Figura 67), a Igreja configura-se atualmente por planta retangular, nave única e acesso principal voltado para a Baía de Guanabara – logo, *de costas* para a escadaria.

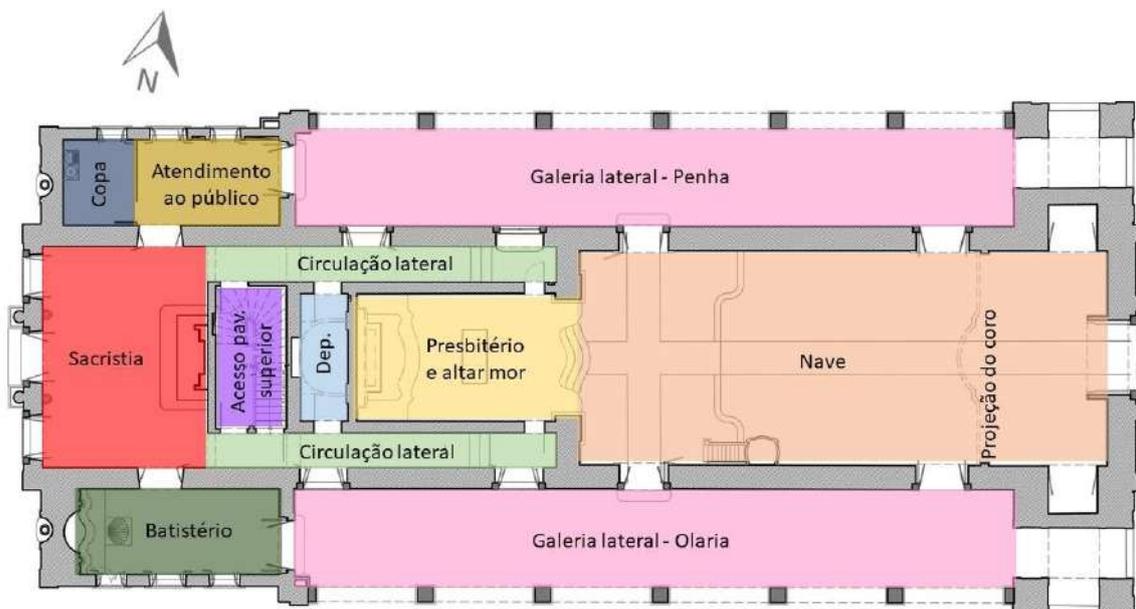


Figura 67 - Planta do primeiro pavimento da Igreja da Penha (2019)
 Fonte: Astorga Arquitetura e Restauração

Externamente, a nave única é ladeada por galerias limitadas por arcaria em arco pleno em ambos os lados, batistério no lado Olaria (fachada Leste) e espaço para atendimento ao público no lado Penha (fachada Oeste). Os antigos depósitos com portas metálicas de enrolar que ficavam sob o campanário foram removidos provavelmente em 1998 ou 1999.

As galerias comunicam-se com o interior da nave por meio de quatro aberturas laterais que, além de proporcionarem conforto térmico no interior da nave, permitem que os fiéis acompanhem as celebrações do lado de fora da Igreja, uma vez sua lotação é pequena e não comporta a quantidade de fiéis que recebe aos domingos.

Duas dessas quatro aberturas, as mais próximas ao altar-mor, eram altares laterais que foram removidos posteriormente (Figura 68).

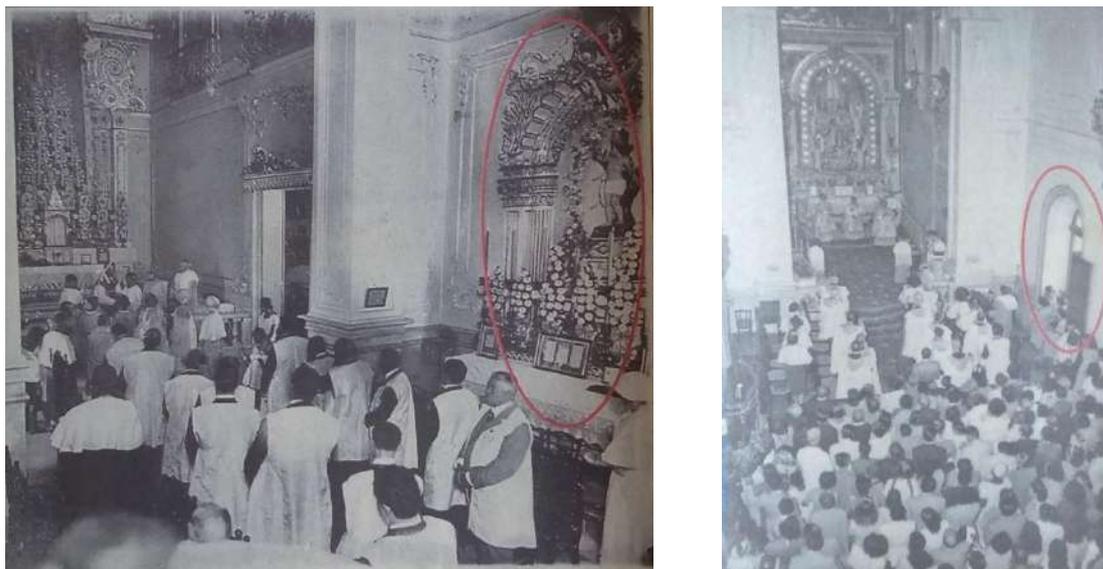


Figura 68 - Altar lateral removido para abertura de vão.
Fonte: acervo da Basílica. Recorte do Jornal do Brasil, 6 de outubro de 1929.

Em dias de festa, quando a quantidade de pessoas é ainda maior, colocam-se nas galerias cadeiras e aparelhos de televisão para que os fiéis possam acompanhar as celebrações.

Interiormente, teto abobadado sobre a nave na cor azul e estucaria na cor branca; altar-mor e púlpito em madeira; lustres de cristal tcheco – o maior pesando 650kg; e claraboia sobre o altar. Constava no projeto de Luiz Moraes uma cúpula, mas esta foi substituída pela atual claraboia para reduzir gastos (BASÍLICA, 1906-1916).

Sobre a entrada principal da Igreja, do lado oposto ao altar-mor, no pavimento superior, encontra-se o coro com guarda-corpo em balaustrada de madeira (Figura 69). No mesmo nível, ao longo da nave, em ambos os lados, encontram-se tribunas de onde, atualmente, os membros da Irmandade participam de celebrações solenes.



Figura 69 - Interior da Basílica: teto, coro e lustres.
Fonte: Anderson Pereira

2.12 Materiais e sistemas construtivos²

Neste item são apresentados os materiais construtivos que compõem a edificação sem focar em seu estado de conservação (que será abordado mais a frente). As informações aqui apresentadas foram coletadas in loco, por meio de inspeções periódicas, e registradas em fotografias. Também foram analisados relatórios que fazem parte do projeto de restauro, como laudo estrutural da empresa CGE Engenharia e o Relatório de Instalações Prediais da empresa JP Almeida Engenharia.

I. Fundação e estrutura

De acordo com o relatório da empresa CGE Engenharia (2019), a estrutura da Igreja é composta pelas paredes laterais da nave principal e pelos pilares externos que compõem a arcada. Não foi possível identificar o tipo de fundação, porém, pela proximidade com a rocha, estima-se que esteja apoiada diretamente sobre ela.

Segundo o relatório da empresa Astorga Arquitetura e Restauração (2020), a alvenaria do edifício é constituída por pedra argamassada, podendo chegar a 1,2m de largura em alguns pontos. Já as paredes internas, de menor porte, são constituídas de alvenaria comum (Figura 70).

² As figuras presentes neste item se encontram localizadas em planta no apêndice IV.



Figura 70 - Alvenaria autoportante em pedra argamassada.
Fonte: arquivo pessoal da autora.

O embasamento da área externa, inclusive dos pilares que compõem as galerias externas, são constituídos em gnaisse.

II. Cobertura

A cobertura da Igreja da Penha (Figuras 71 e 72) é composta por telhado de seis águas em telhas cerâmicas. O acesso ao seu interior, onde fica a estrutura de suporte das telhas que conta com tesouras, terças caibros e ripas em madeira, é feito através de uma pequena edícula próxima da torre Olaria.



Figura 71 - Vista área da cobertura da Basílica.
Fonte: acervo da Basílica



Figura 72 - Estrutura da cobertura
Fonte: Astorga Arquitetura e Restauração

Sobre o presbitério encontra-se uma claraboia em alvenaria e vidro. Ao longo da cobertura, há uma circulação em metal que não possui elemento de segurança, algo necessário, uma vez que a platibanda que contorna a cobertura não possui altura suficiente para promover a segurança de quem acessa a cobertura.

As torres ou campanários, altamente ornamentados, apresentam molduras dos vãos, pináculos, frisos e cruz em gnaïsse.

Os frontões, presentes tanto na fachada principal quanto na posterior, são feitos de alvenaria com argamassa e pintura na cor amarela. No frontão da fachada principal existe um vitral circular cujo vidro foi pintado nas cores vermelho, amarelo e verde. Nessa mesma fachada, encontram-se as torres, cujos pináculos são compostos de pedras gnaïsse e ilhós.

Os terraços não possuem cobertura.

A última reforma feita na cobertura, de responsabilidade da Prefeitura do Rio de Janeiro, foi concluída em 2013, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude, evento católico que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro.

Segundo o levantamento feito em 2019 pela empresa Astorga Arquitetura Restauração, a cobertura encontra-se em bom estado de conservação, sendo necessária a limpeza exterior, o tratamento da ferrugem na circulação em metal, além de instalação de elemento de segurança.

Em alguns pontos, as calhas da cobertura são utilizadas como passagem para a fiação da iluminação de responsabilidade da RIOLUZ. Instalações elétricas também inadequadas foram encontradas no forro da cobertura.

A estrutura em madeira apresenta bom estado de conservação, sendo necessário, no entanto, realizar uma vistoria completa.

O acesso atual ao interior da cobertura, cuja estrutura em madeira encontra-se comprometida por apodrecimento proveniente de exposição a intempéries, permite entrada de águas pluviais e de aves, devendo ser bloqueado para evitar tanto danos proveniente de umidade quanto aqueles provenientes de acúmulo de fezes de animais.

III. Revestimentos externos

As galerias laterais externas apresentam forro em gesso liso e com sancas (Figura 73).



Figura 73 - Forro das áreas externas em gesso.
Fonte: arquivo pessoal da autora.

Em seu exterior, a Igreja da Penha é revestida em argamassa com pintura na cor amarelo claro (Figura 74). No tombamento, porém consta no exterior a cor ocre.



Figura 74 - Revestimento externo das paredes.
Fonte: arquivo pessoal da autora.

Os dois terraços existentes possuem guarda corpo do tipo balaustrada e motivos geométricos em argamassa com pintura.

IV. Revestimentos internos

No interior da igreja, existe forro em gesso liso com sancas e roseta sob o coro, na sacristia e no batistério.

Encontra-se forro em madeira na sacristia, no segundo pavimento (tanto nas galerias quanto no consistório) e nave.

Na sacristia, o forro em madeira apresenta decoração com elementos quadrados (Figura 75).



Figura 75 - Elementos quadrados que decoram o forro em madeira da sacristia.
Fonte: arquivo pessoas da autora.

Nas galerias e consistório do segundo pavimento o forro em madeira apresenta-se em lambris (Figura 76).



Figura 76 - Forro em lambris de madeira nas galerias.
Fonte: acervo pessoal da autora.

A nave, conta com abóbada de madeira e estuques ornamentais (Figura 77).

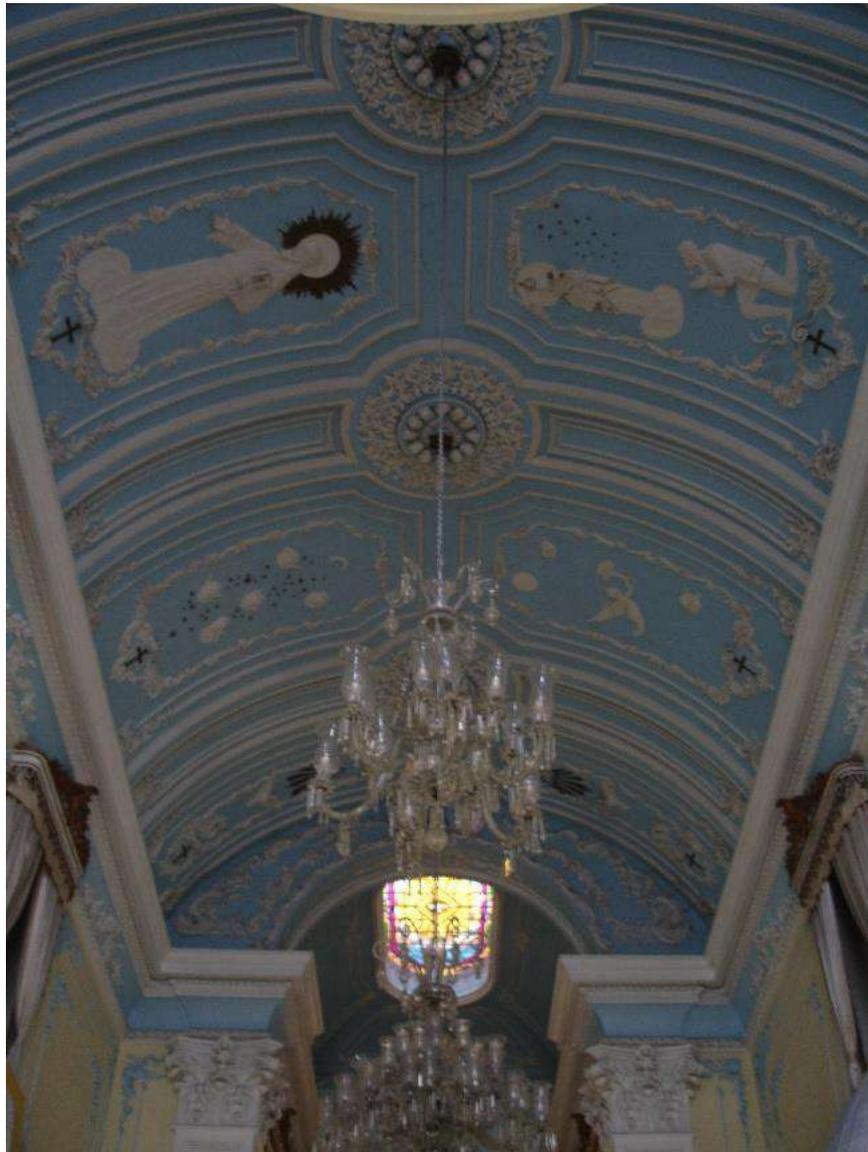


Figura 77 - Forro da nave com aplicação de estuques.
Foto: Anderson Pereira

O piso apresenta-se em madeira em quase todo o pavimento superior, parte das galerias laterais, sala de reunião e coro.

Partes do piso em madeira foram completamente removidas e substituídas por piso cerâmico.

Na nave, o piso é composto por lioz com faixa central em granitos de tons vermelhos e marrons (Figura 78).

De acordo com o processo de tombamento (PREFEITURA, 1990), o piso da nave é composto por “granito cinza debruado por finas barras de granito avermelhado que o separa do restante em mármore branco”.

Os degraus de acesso ao presbitério são em mármore branco e o piso do presbitério em mármore rajado (Figura 79).



Figura 78 - Mármore branco nos degraus de acesso ao presbitério.
Fonte: acervo pessoal da autora.

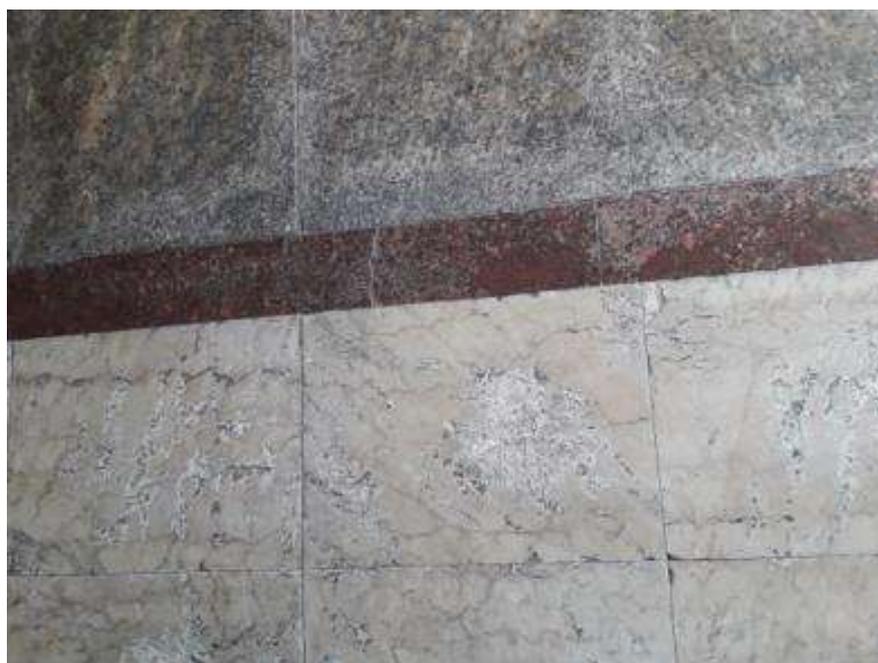


Figura 79 - Lioz e granitos na nave.
Fonte: acervo pessoal da autora.

A parte inferior das paredes internas é coberta por rodameio em mármore com ricos detalhes (Figura 80).



Figura 80 - Revestimento em mármore branco no interior da nave da Igreja.
Fonte: arquivo pessoal da autora

Na Igreja da Penha, encontra-se uma grande variedade de azulejos revestindo as paredes da área de atendimento ao público, sacristia, acesso ao presbitério e batistério.

Na área de atendimento ao público (Figuras 81 e 82), a parede é revestida por três diferentes conjuntos decorativos de azulejos: rodameio composto por quatro módulos diferentes de azulejos em tons esverdeados; conjunto central composto por azulejos brancos; e rodapé composto por três módulos de azulejos em tons de verde (ASTORGA, 2019).



Figura 81 - Azulejos na área de atendimento ao público.
Fonte: arquivo pessoal da autora.



Figura 82 - Azulejos na área de atendimento ao público.
Fonte: Astorga Arquitetura e Restauração

Já na sacristia (Figura 83), encontra-se rodameio também azul e conjunto principal decorativo.



Figura 83 - Azulejos da sacristia
Fonte: arquivo pessoal da autora.

Na circulação lateral (Figura 84) que permite o acesso da sacristia ao presbitério observa-se parede revestida com azulejos com motivos florais e geométricos, além de rodameio azul (ASTORGA, 2019).



Figura 84 - Parede da circulação lateral revestida em azulejos.
Fonte: arquivo pessoal da autora.

Encontra-se na sacristia piso composto por mosaico central de ladrilhos hidráulicos (Figura 85).



Figura 85 - Mosaico em ladrilho hidráulico encontrado na sacristia.
Fonte: arquivo pessoal da autora.

A área de atendimento ao público (Figura 86) também conta com revestimento em ladrilho hidráulico texturizado branco sextavado, faixa branca, retângulos amarelos e tozetos azuis (ASTORGA, 2019).

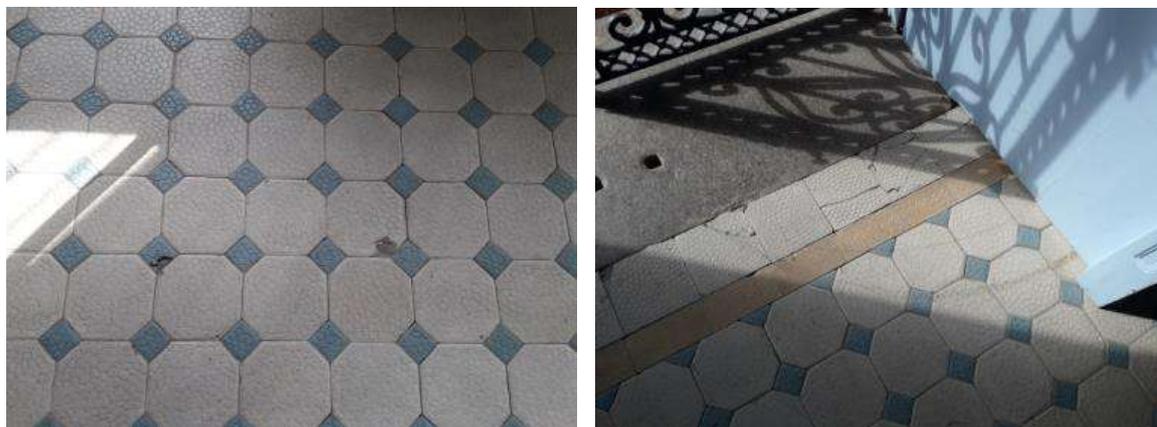


Figura 86 - Ladrilho hidráulico na área de atendimento ao público.
Fonte: acervo pessoal da autora

As circulações laterais que permitem o acesso da sacristia ao presbitério possuem dois tipos diferentes de ladrilhos hidráulicos. O mais próximo ao presbitério conta com mosaico geométrico composto por pastilhas hexagonais em tons de branco, cinza, verde e rosa (Figura 87), já o mais próximo à sacristia apresenta motivo geométrico (Figura 88) (ASTORGA, 2019).



Figura 87 - Pastilhas hexagonais na circulação lateral, próximas ao presbitério.
Fonte: Astorga Arquitetura e Restauração.

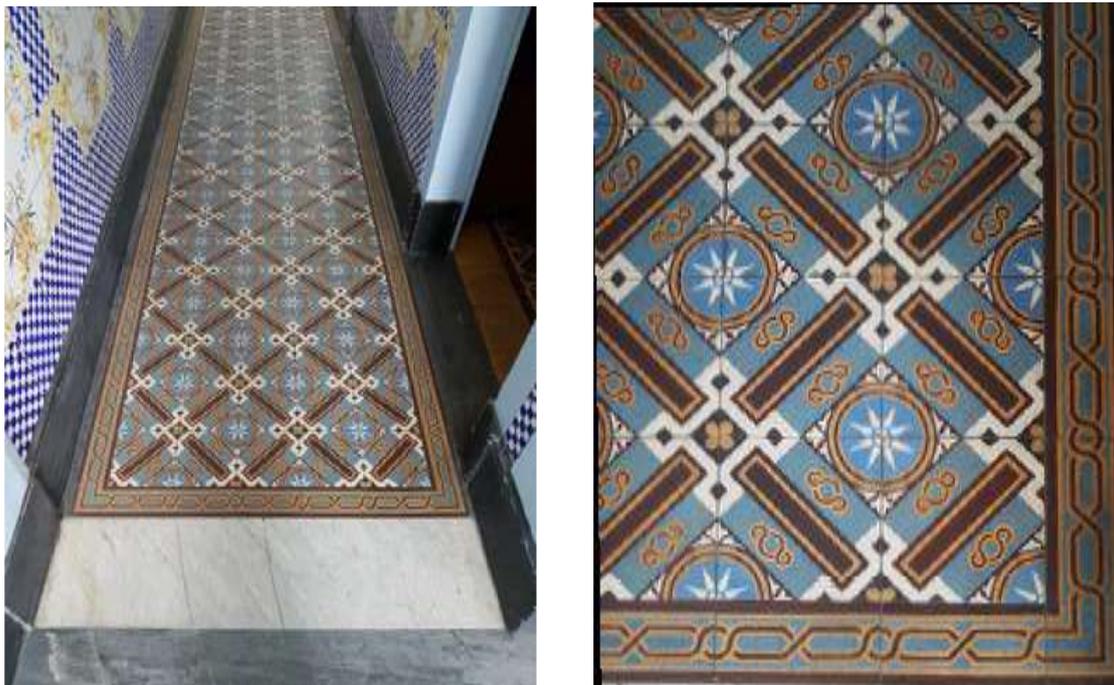


Figura 88 - Ladrilhos hidráulicos na circulação lateral, próximo à sacristia.
Fonte: Astorga Arquitetura e Restauração.

V. Esquadrias

As portas e janelas são constituídas em madeira com cercadura em pedra tipo gnaisse (Figura 89). As portas apresentam folha dupla almofadada. As janelas, em seu interior também apresentam folha dupla almofadada e no exterior caixilharia de vidro. Atualmente pintadas na cor azul, porém consta no processo de tombamento a cor marrom.



Figura 89 - Porta lateral e janela.
Fonte: arquivo pessoal da autora.

VI. Bens integrados

Dos bens integrados, o de maior valor de acordo com as entrevistas realizadas, é o altar mor.

O que chama mais atenção na nave da Igreja, depois do altar mor, é o púlpito. De autoria de Manuel Ferreira Tunes, encontra-se do lado Olaria da nave. Uma pequena e estreita escada com guarda corpo em balaústres conduz ao pódio sustentando por pilar único. A ornamentação apresenta elementos florais, folhas de acanto, volutas e figuras de anjos (ASTORGA, 2019).

Existia também, na nave da Igreja, balaustrada em madeira que separava a nave em duas partes. Outra balaustrada, esta em mármore, limitava o acesso ao presbitério junto com um portão em ferro. Ambas as balaustradas foram removidas e descartadas em gestões anteriores. O portão encontra-se guardado no depósito da Igreja e não foi possível acessá-lo.

Outros portões em ferro estão presentes nos acessos laterais à nave e à sacristia. Os guarda corpos das sacadas das galerias internas superiores, a porta que dá acesso à sacada frontal através do coro e as bandeiras das portas também são compostos por ferro. No exterior existem ainda ex-votos com estrutura em ferro.

As escadas, tanto a que dá acesso ao pavimento superior quando as que dão acesso às torres sineiras, são compostas por madeira.

Os bancos da nave também são compostos de madeira. Os bancos que se encontravam lá anteriormente, do século XIX, encontram-se atualmente em depósito e não foi possível acessar.

Na sacristia encontram-se armários para a guarda de vestes e elementos litúrgicos.

Presentes em grande parte das paredes e do teto da Igreja estão os estuques ornamentais (Figuras 90 e 91). Pré-moldados em gesso, são encontrados na nave, no presbitério e no batistério.

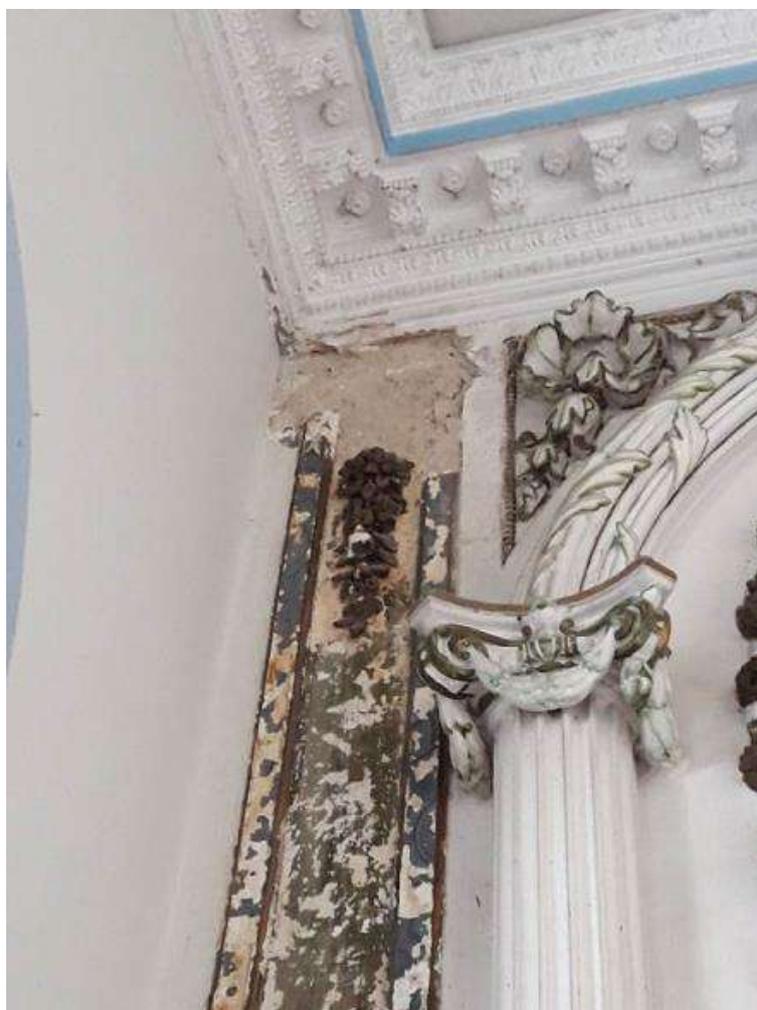


Figura 90 - Estuque do batistério.
Fonte: arquivo pessoal da autora.



Figura 91 - Forro da nave principal, em madeira com aplicação de estuques ornamentais.
Fonte: arquivo pessoal da autora.

Na nave, encontram-se três lustres tchecos em cristal originais do século XIX.

VII. Instalações

A partir do hidrômetro, a instalação hidráulica sobe por uma ramificação que fornece água para o reservatório principal da Igreja. Este se encontra no pavimento superior, próximo aos sanitários.

As instalações sanitárias atendem aos sanitários do pavimento superior e à copa. Os efluentes, depois de coletados, juntam-se aos efluentes dos sanitários externos, sendo, então, encaminhados para o sistema de esgoto ao sopé da rocha por tubulação aparente. Quanto ao efluente da copa, não há caixa de gordura, sendo despejado diretamente sobre a pedra.

Quanto às instalações de águas pluviais, não foi possível visitar toda a sua extensão. Identificou-se, porém, a existência de ralos e o despejo das águas pluviais acontecendo diretamente sobre a pedra.

As instalações elétricas são as que mais preocupam. A partir do transformador, a energia chega até a Basílica por meio de cabos aparentes que alimentam o quadro principal, distribuindo, em seguida, para outros dois quadros.

A Basílica apresenta icônica iluminação. Os holofotes são de responsabilidade da RIOLUZ. A conhecida iluminação da silhueta da Igreja, feita por centenas de lâmpadas e a iluminação do gradil, que conversa com o bairro, são de responsabilidade da Irmandade.

Esta iluminação icônica conta com três diferentes tipos: iluminação monumental, oferecida pela RIOLUZ e acesa todas as noites; iluminação do contorno, composta por cinco mil lâmpadas incandescentes (25W) fixadas em perfis metálicos que demarcam os principais elementos da fachada (acesa apenas em datas comemorativas e eventos especiais); e iluminação do gradil, que conta com centenas de lâmpadas incandescentes fixadas em letras gigantes de madeira que, por sua vez, são fixadas no gradil em torno da Igreja, passando mensagens que podem ser vistas no bairro da Penha e também bairros vizinhos.

O sistema de proteção contra descargas atmosféricas (SPDA) é composto por quatro captadores que levam uma possível carga atmosférica até a terra através de cordoalhas

CAPÍTULO 3 - Diagnóstico DE CONSERVAÇÃO³

Na conservação preventiva, o objetivo é agir antes que intervenções de maior porte e, por consequência, mais caras e invasivas, sejam necessárias. Para evitar esse tipo de intervenção, uma das ferramentas utilizadas é o diagnóstico que, através de inspeções constantes, monitora o estado de conservação dos materiais componentes de uma edificação e correlaciona os danos encontrados com seus respectivos agentes de degradação, possibilitando que as diretrizes adotadas para a conservação apontem para a causa e não somente para o problema.

Diagnóstico da Igreja da Penha

Para a construção deste capítulo, coletaram-se informações durante visitas de inspeção *in loco*, tanto individuais quanto visitas técnicas acompanhadas por funcionários, com o intuito de averiguar o estado de conservação da Igreja da Penha e suas principais vulnerabilidades. Através de observação, estes danos foram localizados e registrados em fotografias que foram comparadas com aquelas presentes em bibliografia de apoio na área de conservação preventiva para, então, identificar as patologias ali existentes bem como suas prováveis causas.

³ As figuras presentes neste capítulo se encontram localizadas em planta no apêndice V.

As principais referências para este capítulo foram os manuais elaborados pelo IPHAN (KLÜPPEL; CABRAL, 2000) e pela Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz (PINHEIRO ET AL, 2009).

Além da bibliografia de apoio na área de conservação preventiva, consultaram-se os laudos técnicos (que compõem o projeto de restauração contratado pela Irmandade) de instalações prediais, estrutura e arquitetura emitidos, respectivamente, pelas empresas JP Almeida Engenharia, CGE Engenharia e Astorga Arquitetura e Restauração, sobretudo nos casos em que não foi possível inspecionar os ambientes.

Este diagnóstico foi também comparado com outro feito pela autora em 2018 para verificar se houve ou não evolução dos problemas durante esse período de tempo.

Abaixo, seguem listados de acordo com a ordem do subitem *Materiais*, as principais patologias encontradas no edifício seguidas de suas possíveis causas, além de fotografias comparativas, quando houver, dos anos de 2021 e de 2018.

3.1 FUNDAÇÃO E ESTRUTURA

As informações aqui apresentadas foram coletas por meio de observação (quando possível); fornecidas por funcionários durante visitas técnicas; coletadas por meio de entrevistas realizadas com funcionários e membros da administração; ou retiradas de relatórios do conjunto de documentos que compõem o projeto de restauração contratado pela Irmandade e elaborado pelas empresas Astorga Arquitetura (2020) e Restauro e CGE Engenharia (2019). Não foi possível inspecionar a estrutura do edifício em sua integralidade uma vez que alguns espaços não contavam com elemento de proteção.

Alvenarias

De acordo com o relatório emitido pela empresa CGE Engenharia (2019), a estrutura é bem rígida e garante a sustentação do pavimento superior e da cobertura. Diversas trincas foram encontradas nas paredes. Foram encontradas trincas nos seguintes locais: nas paredes do fundo da igreja, percorrendo desde o pavimento inferior até superior, apresentando, neste último, menor intensidade; na fachada de fundos, no segundo pavimento, próximos aos terraços; nos guarda corpos, também dos terraços (Figuras 91 a 97).



Figura 92 - Fissura na parede do fundo da igreja, pavimento térreo.
Fonte: CGE Engenharia, 2019, p. 05.



Figura 93 - Trinca na parede do fundo da igreja, pavimento superior.
Fonte: CGE Engenharia, 2019, p. 05.



Figura 94 - Fissuras na fachada de fundos da igreja, próximo aos terraços.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 95 - Fissura na fachada de fundos da igreja, próximo aos terraços.
Fonte: CGE Engenharia, 2019, p. 09.



Figura 96 - Fissura na fachada de fundos da igreja, próximo aos terraços.
Fonte: CGE Engenharia, 2019, p. 09.



Figura 97 - Fissuras no guarda corpo dos terraços.
Fonte: CGE Engenharia, 2019, p. 10.

O mesmo relatório (CGE ENGENHARIA, 2019) ressalta que as trincas encontradas nas paredes do fundo da igreja sugerem recalque das fundações, no entanto, pelo tempo de

existência do edifício, a estrutura já se encontra consolidada e é provável que este processo de recalque já esteja estabilizado.

De acordo com o relatório da Empresa Astorga Arquitetura e Restauração (2020), as alvenarias se encontram íntegras e em bom estado de conservação, sem apresentar partes faltantes ou lacunas.

Madeira

Ainda segundo o relatório (ASTORGA, 2020), os elementos em madeira que fazem partes da estrutura, como escadas, principalmente as de acesso às torres sineiras, encontram-se bastante deterioradas, tendo sofrido ataques de xilófagos (Figura 98). Observou-se também que estas escadas se encontram danificadas pela ação da água proveniente da falta de vedação do alçapão de acesso à cobertura.



Figura 98 - Peça de madeira deteriorada.
Fonte: CGE Engenharia, 2019, p. 11.

Também em madeira, a escada que leva ao pavimento superior apresenta perda da camada protetiva no piso dos degraus (verniz), provavelmente devido ao uso contínuo; arranhões provenientes de impactos, por ser o único acesso ao pavimento superior, todo o equipamento que precisa ser levado para lá (instrumentos musicais como baterias e amplificadores, equipamentos de filmagem e fotografias) passa por esta escada. Apesar dos rangidos durante o uso, estruturalmente encontra-se em bom estado.

Dos elementos citados acima, apenas a escada de acesso ao pavimento superior fez parte do diagnóstico realizado em 2018. Percebeu-se que os danos encontrados naquele ano continuam presentes em 2021, sem apresentarem grande evolução (Figuras 99 e 100).



Figura 99 - Escadaria que leva ao pavimento superior, 2018.

Fonte: Acervo pessoal da autora.



Figura 100 - Escadaria que leva ao pavimento superior, 2021.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

O acesso ao topo das torres sineiras é feito por duas escadas de madeira, a primeira leva do pavimento superior até um piso intermediário feito de madeira e, a segunda, do piso intermediário até o nível onde se encontram os sinos (Figuras 101 e 102).

Também não foi possível acessar as torres sineiras, mas observou-se que a primeira escada e o piso intermediário em ambas as torres apresentam sinais de danos resultantes da ação da água, sendo mais grave na torre do lado Olaria.

Segundo levantamento feito pela empresa Astorga Arquitetura e Restauração (2020), a segunda escada e o piso do nível onde se encontram os sinos também estão comprometidos pela ação da água proveniente dos alçapões de acesso à cobertura (que não contam com vedação adequada), além de térmitas. As lajes em concreto do nível dos sinos se encontram comprometidas, é possível perceber a corrosão do concreto pelas manchas de ferrugem provenientes da exposição das armaduras. As alvenarias, no entanto, apresentam bom estado de conservação.



Figura 101 - Primeira escada e piso intermediário, torre Olaria.
Fonte: Anderson Pereira.



Figura 102 - Segunda escada, torre Olaria.
Fonte: Astorga Arquitetura e Restauração, 2020, p. 36.



Figura 103 - Marcas de ferrugem da laje do nível dos sinos.
Fonte: Astorga Arquitetura e Restauração, 2020, p. 57.

Ainda segundo o levantamento feito pela empresa Astorga Arquitetura e Restauração (2020), estas patologias encontradas no interior das torres sineiras, juntamente com o coro, apresentam o maior comprometimento estrutural da edificação.

No coro, o guarda corpo encontra-se em visível estado de decomposição, provavelmente por ataques de xilófagos, alguns de seus elementos já foram perdidos. Nos que permanecem, verifica-se a existência de instalações elétricas irregulares. O assoalho de madeira apresenta perda da camada protetiva (verniz), peças soltas e partes faltantes, provavelmente por umidade e xilófagos (Figuras 104 a 106).



Figura 104 - Acesso ao coro.
Fonte: acervo pessoal da autora, 2021.



Figura 105 - Perda de elementos e instalações elétricas irregulares.
Fonte: acervo pessoal da autora, 2021.



Figura 106 - Assoalho solto, com partes faltantes e perda de camada protetiva.
Fonte: acervo pessoal da autora.

O coro é utilizado durante as missas dominicais pelo coral da igreja e por cantores do ministério de música. No dia a dia, não chega a abrigar grande quantidade de equipamentos musicais, o que muda drasticamente em ocasiões especiais, como abertura da Festa da Penha, quando o coro chega a abrigar bateria, amplificadores e banda completa.

Em entrevista, o reitor da Basílica, Padre Thiago Sardinha, demonstrou sua preocupação com o estado de conservação do coro, nomeando esta área, juntamente com o

sistema de instalações elétrica, como prioridade para as futuras intervenções de conservação e restauro.

Esta foi a área que mais apresentou degradação ao ser comparada com o levantamento de 2018 (Figura 107).



Figura 107 - Foto de 2018 quando o guarda corpo ainda não apresentava nenhum elemento faltante, embora alguns já se apresentassem bem danificados. Já se percebem os danos no assoalho e as instalações elétricas irregulares.

Fonte: acervo pessoal da autora, 2018.

3.2 COBERTURA

De acordo com a administração da Igreja, a cobertura se encontra em bom estado desde a última reforma feita pela Prefeitura do Rio de Janeiro e concluída em 2013 por ocasião da Jornada Mundial da Juventude (evento católico de abrangência mundial que aconteceu naquele ano na cidade do Rio de Janeiro). Essa informação é reforçada pelo relatório da Astorga Arquitetura e Restauração (2020), segundo o qual externamente a cobertura aparenta bom estado de conservação. Os passadiços apresentam partes enferrujadas devido à exposição ao tempo e não há neles elemento de segurança para circulação (linha de vida ou guarda corpo). As calhas, em alguns pontos, são utilizadas para passagem de fiação elétrica pertencente à RIO LUZ (responsável pelos refletores).

Através da observação de fotos aéreas comparadas com manuais de apoio (Figuras 108 a 110), foi possível perceber ainda a existência de:

- Crostas – camada de sujeira proveniente do entorno que fica impregnada na superfície da telha alterando sua coloração e aumentando o acúmulo de umidade, podendo provocar outras patologias;
- Trincas ou fissuras – podem ser provocadas por encaixe incorreto, impacto de objeto ou projétil de arma de fogo, manutenção inadequada, ação do vento e presença de aves e morcegos. As trincas ou fissuras podem levar ao rompimento da telha tornando o telhado vulnerável à ação da água da chuva;
- Vegetação – proveniente da presença de água e falta de rotinas de conservação.

Existem ainda diversas aves na região, o que pode levar à presença de fezes e outros danos provenientes.



Figura 108 - Fiações expostas.
Fonte: Astorga Arquitetura e Restauração, 2020, p. 59.



Figura 109 - Fiação em calhas.
Fonte: Astorga Arquitetura e Restauração, 2020, p. 59.



Figura 110 - Macha negra, umidade e presença de vegetação.
Fonte: Astorga Arquitetura e Restauração, 2020, p. 59.

Ainda de acordo com Astorga (2020), de maneira geral, a estrutura de madeira que sustenta a cobertura encontra-se em bom estado de conservação. Foram encontradas diversas instalações elétricas irregulares que, estando em contato direto com a madeira, poderiam causar um incêndio (Figura 111).

O acesso ao interior da cobertura (Figura 112), feito por um lanternim próximo à torre sineira Olaria, tem sua estrutura em madeira comprometida por apodrecimento proveniente de exposição às intempéries. Este acesso não possui vedação eficiente, o que permite entrada de águas pluviais, contribuindo para a deterioração da estrutura da cobertura, além da entrada de aves que preparam seus ninhos no espaço entre o forro em abóbada e a cobertura, fazendo com que se acumulem fezes no local.



Figura 111 - Instalações elétricas irregulares no madeiramento da estrutura.
Fonte: Astorga Arquitetura e Restauração, 2020, p. 59.



Figura 112 - Alçapão de acesso à cobertura.
Fonte: Astorga Arquitetura e Restauração, 2020, p. 59.

3.3 REVESTIMENTO EXTERNOS

Encontram-se em bom estado de conservação, apresentando patologias leves e pontuais.

Eventualmente há perda de elementos (como partes da sanca) do forro em gesso das galerias externas (Figura 113), o que costuma ser corrigido em pouco tempo por empresa especializada. Nas sancas existem ninhos de aves da região, levando ao acúmulo de fezes.



Figura 113 - Forro das galerias laterais exteriores. Percebe-se a inclusão recente de novo trecho da sanca (parte mais clara). Ninhos de aves costumam ser encontrados no local.
Fonte: acervo pessoal da autora, 2021.

As paredes externas, revestidas em argamassa com pintura, apresentam manchas na pintura provenientes de aplicação incorreta de tinta; descolamento de pintura; estufamento e perda de material do reboco provenientes de exposição ao sol e altas temperatura; de manchas de umidade. Em alguns pontos percebe-se a presença de fezes de animais – aves e morcegos (Figuras 114 a 121).



Figura 114 - Manchas na pintura por aplicação incorreta de tinta.
Fonte: acervo pessoal da autora, 2021.



Figura 115 - Estufamento de pintura.
Fonte: acervo pessoal da autora, 2021.



Figura 116 - Perda de material do reboco.
Fonte: acervo pessoal da autora, 2021.



Figura 117 - Descolamento de pintura nos arcos das galerias externas.
Fonte: acervo pessoal da autora, 2021.

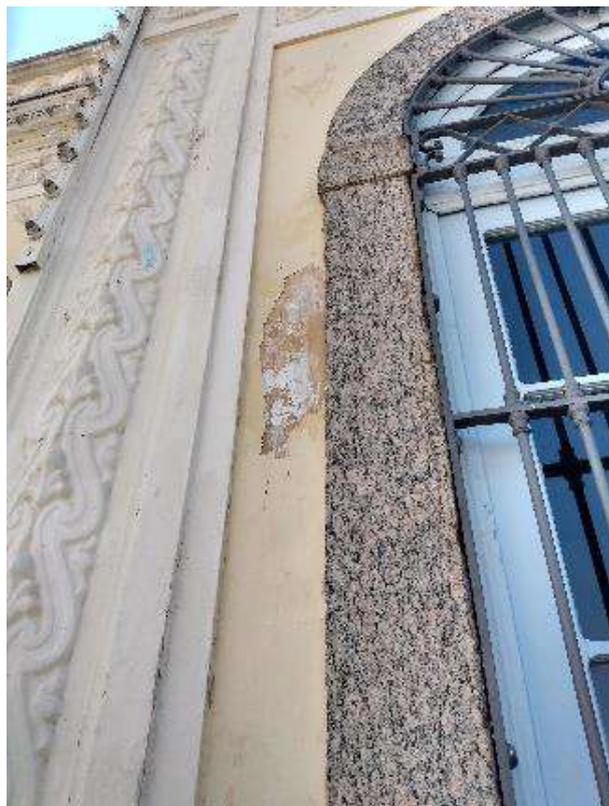


Figura 118 - Descolamento de pintura na fachada Olaria, onde é possível visualizar o tom ocre citado no tombamento.
Fonte: acervo pessoal da autora, 2021.



Figura 119 - Descolamento de pintura.
Fonte: acervo pessoal da autora, 2021.

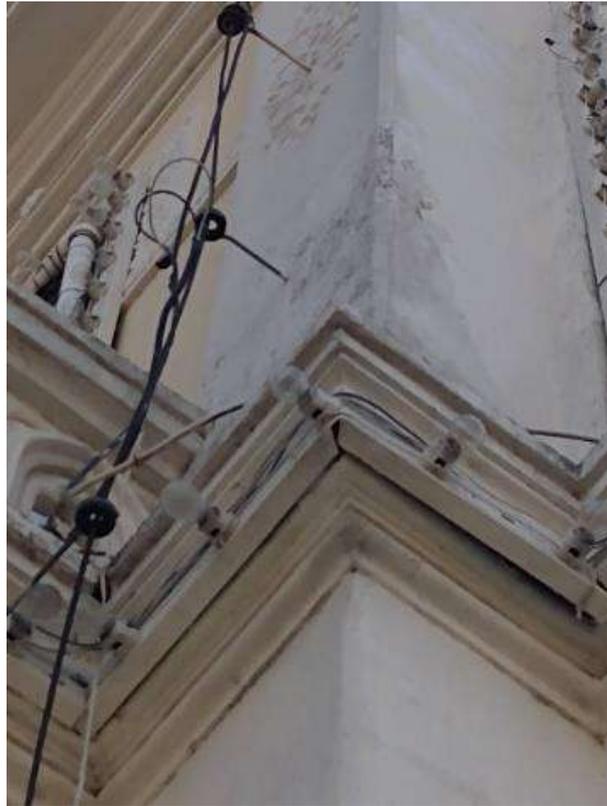


Figura 120 - Manchas de umidade.
Fonte: acervo pessoal da autora, 2021.



Figura 121 - Descolamento de pintura sob o forro da torre sineira Olaria, proveniente da ação da água da chuva.
Fonte: acervo pessoal da autora.

Machas negras, provenientes da umidade e da poluição, podem ser vistas em diversos pontos das fachadas, tanto nas partes lisas quanto nos estuques ornamentais. Essas manchas

são encontradas em maior quantidade na fachada Olaria, voltada para Leste, de onde vêm os ventos e as chuvas predominantes. Sujidades também estão presentes em diversos pontos (Figuras 122 e 123).



Figura 122 - Manchas negras na fachada Olaria.
Fonte: acervo pessoal da autora, 2021.



Figura 123 - Manchas negras no guarda corpo do terraço, lado Olaria.
Fonte: acervo pessoal da autora, 2021.

Foi possível perceber manchas de ferrugem provenientes dos perfis metálicos onde são fixadas as lâmpadas para iluminação da silhueta. Estes perfis também causam certa poluição visual nas fachadas. Manchas de ferrugem são vistas nos suportes dos alto falantes e na estrutura de mobiliário para depósito de ex-votos – em sua maioria, objetos de cera que representam a graça pedida e alcançada, como uma casa no caso da compra da casa própria ou uma parte ou órgão do corpo humano representando a cura de uma doença que afetava determinada parte (Figuras 124 e 125).



Figura 124 - Ferrugem proveniente da estrutura de fixação da iluminação de silhueta.
Fonte: acervo pessoal da autora, 2021.

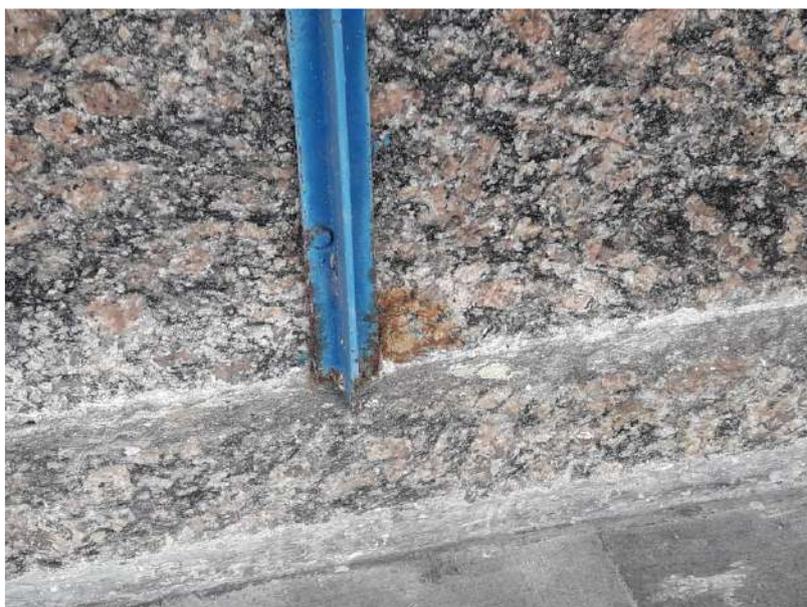


Figura 125 - Ferrugem proveniente da estrutura metálica do mobiliário para depósito de ex-votos.
Fonte: acervo pessoal da autora, 2021.

Trincas e fissuras foram identificadas na fachada de fundos, provenientes de recalque da estrutura.

Observou-se a presença de vegetação nos embasamentos em pedra e em platibandas, provenientes de fezes de aves da região e umidade (Figura 126).



Figura 126 - Presença de vegetação no embasamento (esquerda) e na platibanda (direita).
Fonte: acervo pessoal da autora.

É visível o deslocamento do embasamento em pedra que pode ter ocorrido por variação de umidade ou temperatura ou por ação mecânica e de sais. Em diversos pontos onde houve o deslocamento, a lacuna foi preenchida com material incompatível. Este material também é encontrado no preenchimento da área onde havia uma porta de enrolar (Figuras 127 e 128).



Figura 127 - Desplacamento.
Fonte: acervo pessoal da autora, 2021.



Figura 128 - Preenchimento com material incompatível (direita).
Fonte: acervo pessoal da autora, 2021.

No exterior da Basílica, é comum encontrar diversos insetos que são atraídos pela iluminação do edifício, tanto da silhueta quanto dos holofotes (Figura 129).



Figura 129 - Exemplo dos diversos insetos encontrados no exterior da edificação.
Fonte: acervo pessoal da autora.

Não foram identificadas no exterior do edifício novas patologias desde o levantamento feito em 2018. Nota-se, porém, que as patologias existentes seguiram seu processo natural de degradação.

3.4 REVESTIMENTO INTERNOS

De maneira geral, a nave da igreja encontra-se em bom estado de conservação, apresentando principalmente descolamento de pintura nas paredes e forro e desgaste do piso, na maioria das vezes, pontualmente.

O forro da nave apresenta, além do descolamento de pintura, manchas de umidade, trincas, oxidação de douramentos e pintura incorreta das cenas católicas representadas – o anjo, por exemplo, parece não ter um dos pés, mas, na verdade, a nuvem de trás da qual ele sai, foi pintada da mesma cor do fundo (Figuras 130 a 136).



Figura 130 - Oxidação dos douramentos.
Fontes: acervo pessoal da autora.



Figura 131 - Trincas.
Fontes: acervo pessoal da autora.



Figura 132 - Trincas.
Fontes: acervo pessoal da autora.



Figura 132 - Manchas de umidade, descolamento de pintura.
Fontes: acervo pessoal da autora.



Figura 133 - Manchas de umidade, descolamento de pintura.
Fontes: acervo pessoal da autora.



Figura 134 - Pintura incorreta das cenas exibidas no forro da nave: as nuvens foram cobertas de tinta azul.
Fonte: Acervo pessoal da autora.



Figura 135 - Pintura incorreta das cenas exibidas no forro da nave: as nuvens foram cobertas de tinta azul.
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Sob o coro, o atual forro em gesso com sanca foi instalado em 2018. Naquele ano, foi necessário remover todo o forro então existente pois havia risco de desabamento devido à infiltração. O forro foi completamente refeito respeitando as características anteriores, apenas o estuque do centro foi mantido. Sobre a porta principal houve perda de quase todo o material que revestia o forro. Este ainda não foi refeito (Figuras 137 e 138).



Figura 137 - Perda de material de revestimento sobre a porta principal.
Fonte: acervo pessoal da autora



Figura 138 - Forro em gesso sob o coro.
Fonte: acervo pessoal da autora.

A iluminação em led presente no forro sob o coro foi instalada no mesmo ano, juntamente com a iluminação do restante do forro da nave.

As paredes apresentam descolamento de pintura em alguns pontos, sobretudo no andar superior, que parece receber retoques de pintura com menos frequência, o que poderia explicar as diferenças de tonalidade. No presbitério, a pintura decorativa, visível pela janela de prospecção, foi coberta por pintura lisa (Figuras 139 a 142).



Figura 139 - Descolamento de pintura pontual.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 140 - Diferença de tons entre os dois níveis.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 141 - Janelas de prospecção no presbitério.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 142 - Detalhe da pintura decorativa encoberta por pintura lisa no presbitério.
Fonte: acervo pessoal da autora

Na parte inferior da nave e do presbitério, é possível perceber, no embasamento em mármore, perfurações, instalações elétricas irregulares e preenchimentos em material incompatível (Figuras 143 e 144).



Figura 143 - Instalações elétricas irregulares.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 144 - Preenchimento com material compatível.
Fonte: acervo pessoal da autora.

No piso, é notável a presença de perfurações (em alguns casos para fixação de objetos litúrgicos), preenchimento com material incompatível, presença de adesivos, desgaste superficial ocorrido por ação mecânica pelo alto tráfego de pessoas, abertura constante de portas (Figuras 145 a 149).



Figura 145 - Perfurações.
Fonte: acervo pessoal da autora.

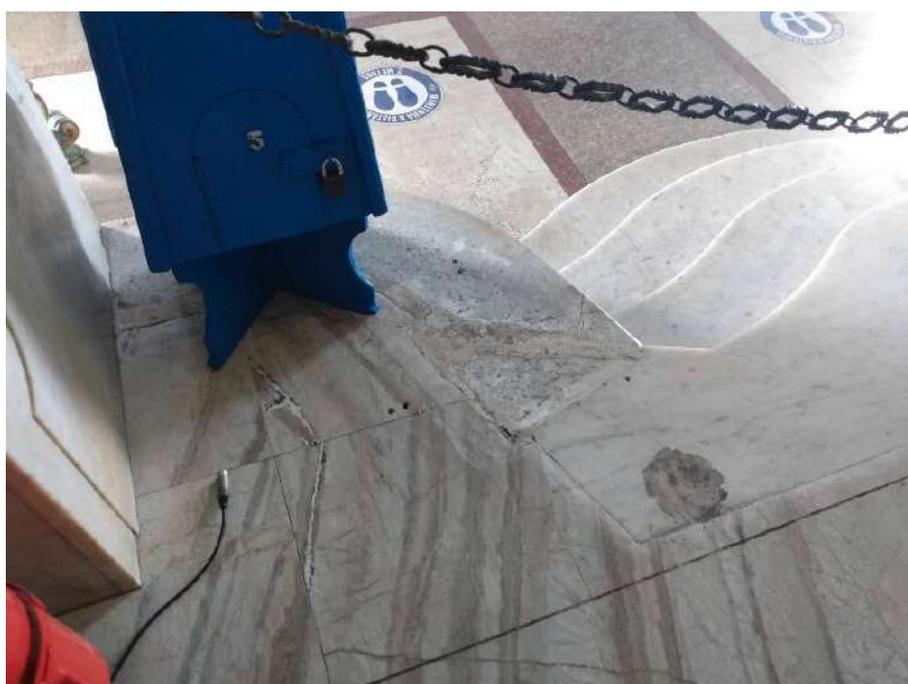


Figura 146 - Perfurações e preenchimento com material incompatível.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 147 - Presença de adesivos.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 148 - Desgaste por uso contínuo.
Fonte: acervo pessoal da autora.

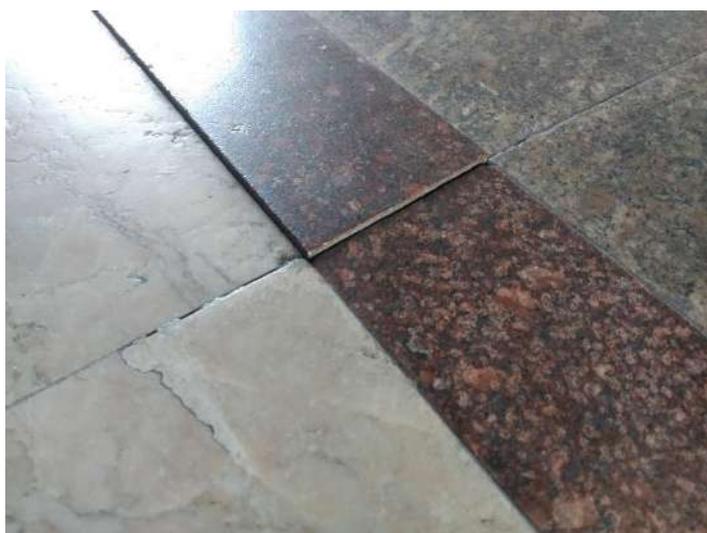


Figura 149 - Elementos soltos.
Fonte: acervo pessoal da autora.

Os oratórios presentes nas laterais da nave apresentam manchas na pintura e algumas peças do piso quebradas, além de preenchimento com material incompatível (Figuras 150 a 152).



Figura 150 - Manchas na pintura.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 151 - Elementos quebrados.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 152 - Material incompatível.
Fonte: acervo pessoal da autora.

Na área de atendimento ao público e no batistério, o forro apresenta descolamento de pintura proveniente de infiltração.

Na sacristia, nas circulações de acesso ao presbitério e em todo o pavimento superior, além de descolamento de pintura, encontram-se trincas e manchas provenientes de umidade. Nota-se que, de maneira geral, os danos aparentam maior evolução no pavimento superior (Figuras 153 a 155).



Figura 153 - Marcas de infiltração e descolamento de pintura pavimento térreo.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 154 - Marcas de infiltração e trincas no pavimento térreo.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 155 - Marcas de infiltração e descolamento de pintura no pavimento superior.
Fonte: acervo pessoal da autora.

De maneira geral, as paredes na área de atendimento ao público, sacrista, batistério, circulações e todo o pavimento superior, apresentam descolamento de pintura e manchas de umidade. Em alguns pontos foi identificada a presença de trincas e perda de reboco (Figuras 156 a 161).



Figura 156 - Descolamento de pintura no pavimento térreo.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 157 - Descolamento de pintura, pavimento superior.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 158 - Manchas de umidade no pavimento térreo.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 159 - Machas de umidade e descolamento de pintura no pavimento superior.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 160 - Fissuras e perda de reboco no pavimento térreo.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 161 - Fissuras e perda de reboco no pavimento superior.
Fonte: acervo pessoal da autora.

É na sacristia, área de atendimento ao público, batistério e acessos ao presbitério que se encontra uma grande variedade de azulejos portugueses com diferentes motivos. Estes azulejos são também o elemento que apresenta a maior concentração de danos, desde trincas do vidro provenientes da antiguidade do material até perda de parte do azulejo chegando ao reboco da parede, dano causado provavelmente por impacto.

Em alguns pontos houve tentativa de reconstituição com material incompatível, em outros, tentativa de destruição para substituição de encanamento que, em perfeitas condições, não precisaria ser substituído.

Além disso, nota-se perda de vidro e de rejunte, estufamento, salinização, alteração cromática (Figuras 162 a 168).



Figura 162 - Trincas e perda de rejunte.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 163 - Perda de parte do azulejo até a exposição do reboco da parede.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 164 - Perda de vidrado.
Fonte: acervo pessoal da autora.

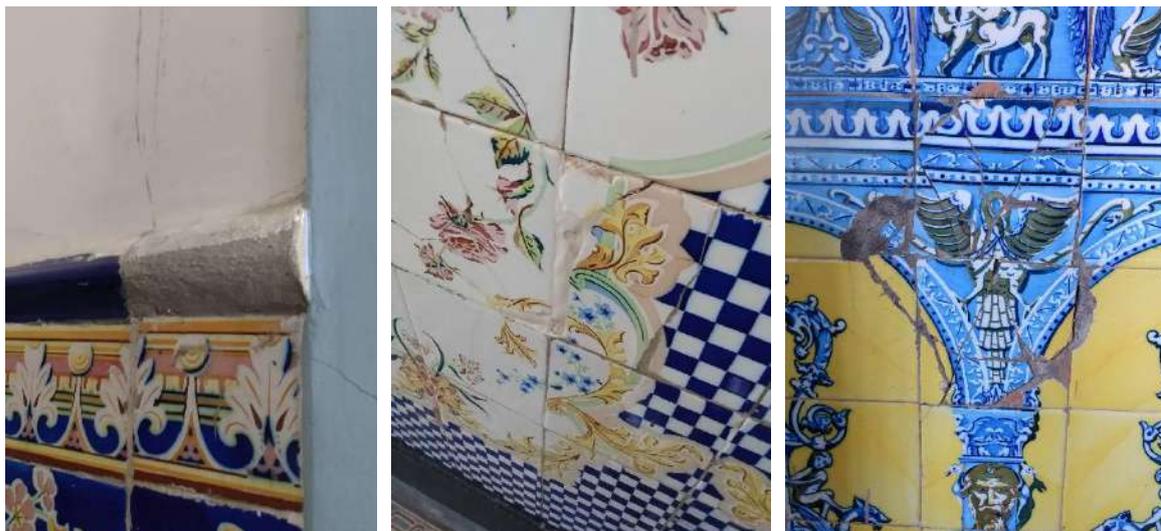


Figura 165 - Reconstituição com material incompatível.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 166 - Salinização.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 167 - Os azulejos que quase foram destruídos para substituição de encanamento em funcionamento.
Fonte: acervo pessoal da autora.

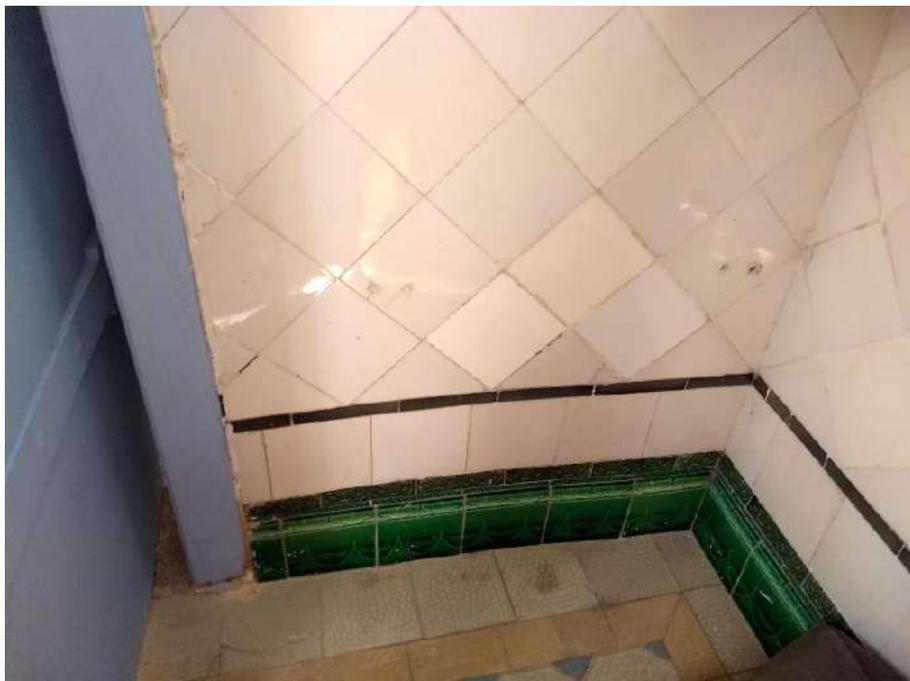


Figura 168 - Alteração cromática.
Fonte: acervo pessoal da autora.

O piso da sacristia, bem como das áreas adjacentes (batistério, atendimento ao público e acessos ao presbitério), aparenta bom estado de conservação, salvo por algumas peças quebradas.

Já no pavimento superior, praticamente todo o piso apresenta perda de camada protetiva, em alguns pontos encontraram-se partes faltantes e peças soltas (Figuras 169 a 172). A parte do piso em madeira que foi substituída por cerâmica também se encontra em bom estado.

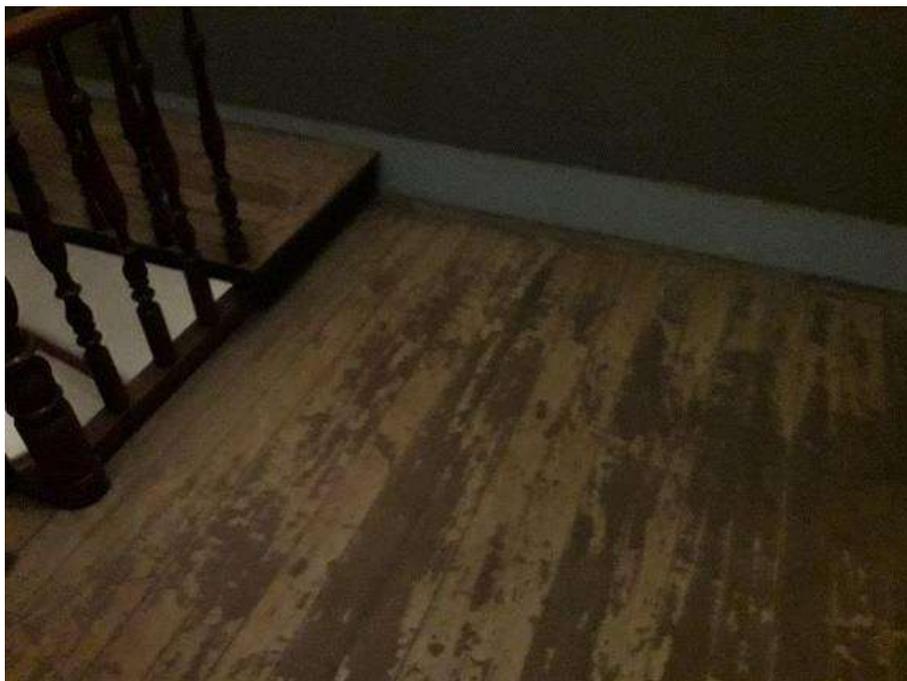


Figura 169 - Perda de camada protetiva.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 170 - Piso cerâmico substituindo o piso anterior em madeira.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 171 - Perda de elementos.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 172 - Tábuas soltas.
Fonte: acervo pessoal da autora.

3.5 ESQUADRIAS

As esquadrias da parte externa apresentam danos perceptivelmente mais avançados por estarem expostas ao tempo, sobretudo na fachada Olaria, que é a fachada voltada para Leste, direção de onde vem os ventos as e as chuvas dominantes.

Percebeu-se perda de camada pictórica, perda volumétrica e fissuras devido à exposição ao tempo ou impacto. Excessivas camadas de pintura dificultam a leitura da peça como um todo (Figuras 173 a 175).



Figura 173 - Perda volumétrica e fissuras devido à exposição ao tempo.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 174 - Perda camada pictórica devido à impacto (abertura constante de portão de ferro).
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 175 - Excessivas de camadas de pintura.
Fonte: acervo pessoal da autora.

Em alguns pontos, as cercaduras foram perfuradas para fixação de portões. Por vezes, essas perfurações foram preenchidas com material incompatível. A abertura constante dos portões danificou em alguns pontos a pintura das portas. Em algumas partes é possível encontrar manchas provenientes da ferrugem presente nos portões (Figuras 176 a 179).



Figuras 176 - Perfurações na cercadura para fixação de portão.
Fonte: acervo pessoal da autora.

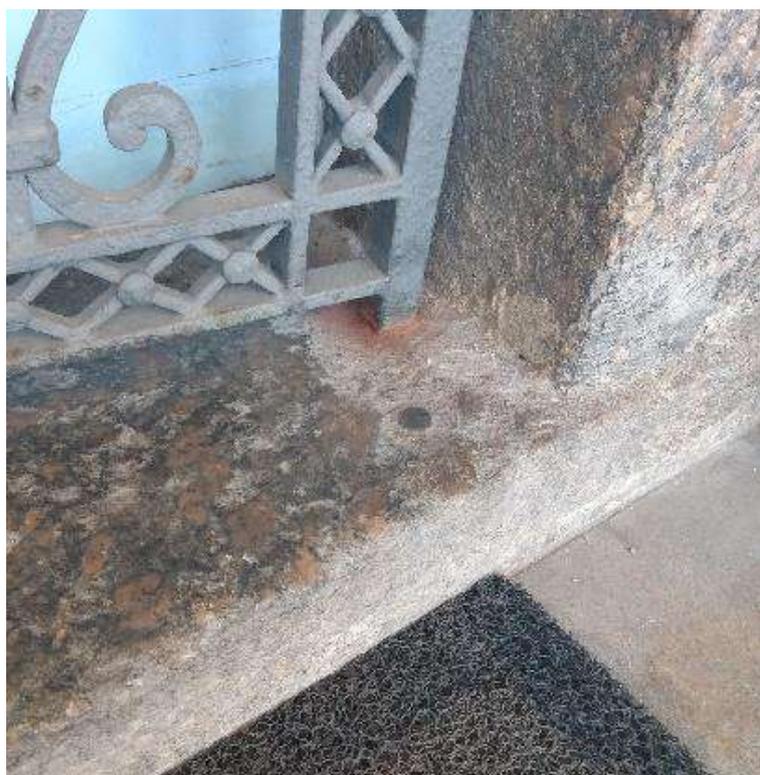


Figura 177 - Preenchimento com material incompatível.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 178 - Marcas de ferrugem.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 179 - Marcas de ferrugem.
Fonte: acervo pessoal da autora.

Interiormente, as portas de acesso ao presbitério foram substituídas. Percebe-se que a atual não se encontra em harmonia com o estuque ao redor e que parte do embasamento em mármore foi adicionada posteriormente por apresentar coloração diferenciada (Figura 180).



Figura 180 - Substituição de porta.
Fonte: acervo pessoal da autora.

No pavimento superior, a porta de acesso à sacada apresenta marcas de ferrugem e vidro quebrado propositalmente para passagem de fiação (Figuras 181 e 182).



Figura 181 - Marcas de ferrugem e vidro quebrado na porta de acesso à sacada.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 182 - Marcas de ferrugem e vidro quebrado na porta de acesso à sacada.
Fonte: acervo pessoal da autora.

Ainda no pavimento superior, algumas portas apresentam ataque de xilófagos. Os douramentos existentes foram cobertos por tinta (Figuras 183 a 184).



Figura 183 - Ataques de xilófagos.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 184 - Douramento coberto por pintura.
Fonte: acervo pessoal da autora.

Ao acessar os terraços percebe-se que uma das portas possui guarda-corpo. Isto acontece porque estes terraços foram construídos em 1921, antes disso, ambas as portas funcionavam como sacadas. O guarda-corpo da porta de acesso foi removido e se encontra guardado em depósito, não tendo sido possível acessá-lo (Figura 185).



Figura 185 - Antiga sacada.
Fonte: acervo pessoal da autora.

3.6 BENS INTEGRADOS

De acordo com diversos entrevistados, o altar mor da basílica – o do fundo, utilizado no rito extraordinário – seria o item de maior valor. Este, já recebeu diversas pinturas decorativas em seu interior e encontra-se em bom estado de conservação apresentando apenas pequenas perdas cromáticas.

O altar do rito ordinário, localizado mais a frente, se encontra em bom estado, embora apresente algumas trincas e pequenas partes com perda cromática (Figuras 186 a 190).



Figura 186 - Altar-mor do rito extraordinário, visão geral.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 187 - Altar-mor do rito tridentino.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 188 - Detalhe do altar-mor do rito tridentino.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 189 - Perda cromática no altar do rito ordinário.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 190 - Trinca no altar do rito ordinário.
Fonte: acervo pessoal da autora.

Os demais móveis de uso no presbitério, como bancos e trono do sacerdote, encontram-se em bom estado de conservação (Figura 191).



Figura 191 - Mobiliário de uso no presbitério.
Fonte: acervo pessoal da autora.

Na sacristia encontra-se o altar da primeira ermida, apresentando pontos de sujidade, oxidação do douramento e pequenas perdas cromáticas (Figura 192 a 194).



Figura 192 - Altar da primeira ermida, visão geral.
Fonte: acervo pessoal da autora.

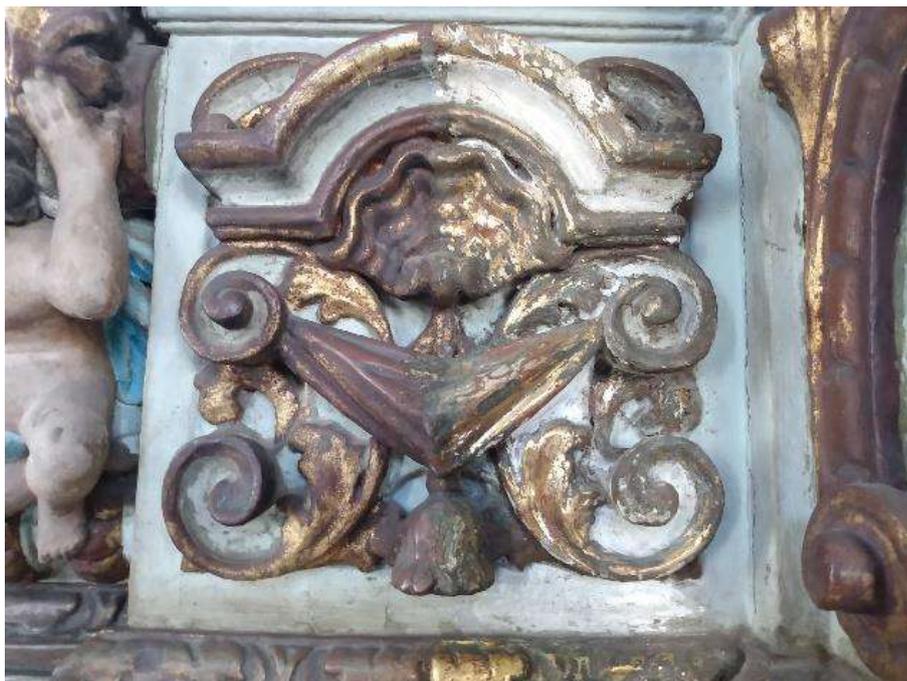


Figura 193 - Antes e depois do teste de limpeza.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 194 - Perdas cromáticas.
Fonte: acervo pessoal da autora.

Na sacristia encontra-se armário para guarda de objetos litúrgicos que se encontra em bom estado de conservação.

No batistério, chama a atenção a cena do Batismo de Jesus por João Batista, não só pela beleza, mas também pelas más condições da imagem e da pintura do entorno (Figura 195).

Uma grave infiltração fez com que partes do estuque e do revestimento das paredes fossem perdidas. A pintura apresenta perda cromática, impedindo sua leitura e foi feita uma tentativa de restauro com material e técnica impróprios. Na frente da Imagem, pia batismal em bom estado (Figuras 196 e 197).



Figura 195 - Batistério com imagem do batismo de Jesus e pia batismal
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 196 - Perdas volumétricas e cromáticas.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 197 - Utilização de material incompatível.
Fonte: acervo pessoal da autora.

Os lustres, embora em funcionamento, apresentam acúmulo de poeira, partes faltantes e quebradas e oxidação dos elos em metal que fazem a ligação dos componentes, dando a impressão de que o lustre está sempre sujo. Algumas das partes faltantes encontram-se guardadas para futura reintegração. Os sistemas de roldanas encontram-se emperrados (Figuras 198 e 199).



Figura 198 - Elos oxidados.
Fonte: acervo pessoal da autora.



Figura 199 - Partes quebradas.
Fonte: acervo pessoal da autora.

Depois do altar-mor, o segundo item mencionado nas entrevistas como de maior valor foi o púlpito. Tendo sido restaurado em 2016, encontra-se em bom estado de conservação (Figura 200).

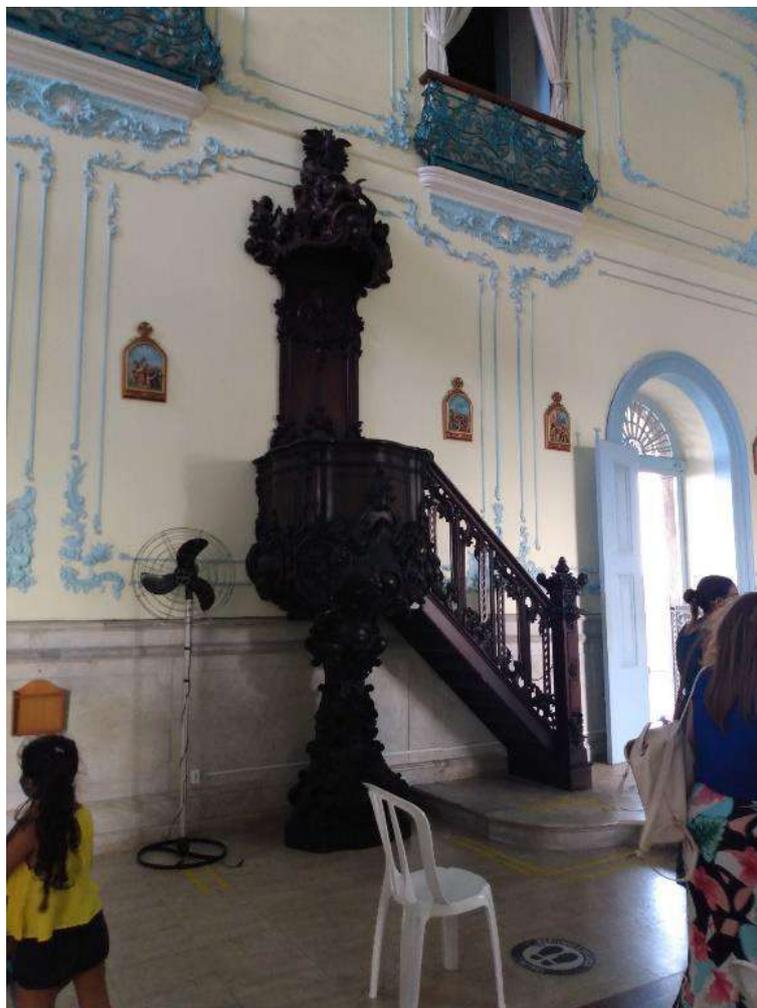


Figura 200 - Púlpito.
Fonte: acervo pessoal da autora.

Os bancos da nave apresentam perda de verniz e arranhões pelo uso constante. Os bancos originais encontram-se em depósito e não foi possível acessá-los (Figura 201). Alguns deles, porém, estavam no pavimento superior, aparentemente em bom estado, apresentam assento em palha, nos casos em que a palha foi deteriorada, foi substituída por elemento de madeira.



Figura 201 - Bancos originais.
Fonte: acervo pessoal da autora.

O estuque ornamental, de maneira geral, encontra-se em bom estado de conservação, apresentando excessivas camadas de pintura e perda cromática apenas em alguns pontos. Os douramentos originais existentes foram cobertos por camada de tinta.

Alguns elementos foram completamente perdidos, como a balaustrada em madeira que separava a nave em duas partes – uma ocupada pela Irmandade e a outra pela assembleia em geral – e a balaustrada em mármore que, juntamente com portão de ferro, limitava o acesso ao presbitério. Ambas as balaustradas foram destruídas, o portão de ferro encontra-se em depósito, não foi possível acessá-lo.

3.7 INSTALAÇÕES

Para este item, foi utilizado como referência o relatório emitido pela empresa JP Almeida Engenharia (2019) nos casos onde não foi possível visitar determinada instalação.

As instalações hidráulicas, aparentemente, encontram-se em bom estado.

De acordo com relatório da empresa JP Almeida Engenharia (2019), os efluentes de gordura provenientes das instalações da copa da igreja são despejados diretamente sobre a pedra, não estando em conformidade com as normas vigentes, além de causarem grande impacto para o patrimônio natural e a paisagem (Figura 202).



Figura 202 - Despejo de efluente de gordura sobre a pedra.
Fonte: JP Almeida Engenharia.

Durante visita técnica, a empresa JP Almeida observou que pelo menos parte da tubulação destinada às águas pluviais é utilizada também para a passagem de fiação elétrica. O despejo das águas pluviais, que acontece diretamente sobre a pedra, utiliza caixas de passagem comprometidas ou mesmo nenhuma caixa. Segundo funcionário da igreja, os ralos encontram-se em funcionamento (Figuras 203 e 204).



Figura 203 - Instalações elétricas passando por tubulação de águas pluviais.
Fonte: JP Almeida Engenharia.



Figura 204 - Instalações elétricas passando por tubulação de águas pluviais.
Fonte: Acervo pessoal da autora (direita).

Ainda segundo a empresa JP Almeida, o sistema elétrico encontra-se em estado crítico, com diversas instalações em situação irregular, colocando em risco a integridade de equipamentos e pessoas (Figuras 205 e 206). Os quadros secundários não possuem proteção contra choque elétrico (IDR).



Figura 205 - Instalações elétricas irregulares.
Fonte: JP Almeida Engenharia.



Figura 206 - Instalações elétricas irregulares.
Fonte: JP Almeida Engenharia.

O relatório emitido pela empresa JP Almeida Engenharia (2019) expõe que o sistema de proteção contra descargas atmosféricas (SPDA) não apresenta fechamento no pavimento térreo, como determina a norma (Figuras 207 a 209). Além disso, em um dos lados, as descargas não são encaminhadas até a terra, sendo encaminhadas para a pedra. De forma geral, as medições de aterramento atendem à norma.



Figura 207 - Captor.
Fonte: JP Almeida Engenharia.



208 - Cordoalha.
Fonte: JP Almeida Engenharia.



209 - Cordoalha.
Fonte: JP Almeida Engenharia.

Observa-se com o diagnóstico apresentado que a atual situação dos materiais que compõem a edificação é, de maneira geral, regular com casos pontuais de maior gravidade, como no caso das instalações elétricas. A manutenção constante, mesmo não sendo ideal ou programada (de maneira geral ocorre como resposta a uma necessidade imediata), colaborou para a conservação dos materiais. Na maioria dos casos, um maior conhecimento por parte da administração e dos funcionários poderia ter colaborado para um melhor estado de conservação.

Capítulo 4: Diretrizes para o plano de conservação preventiva

Com a intenção de orientar os responsáveis pela manutenção da Basílica a respeito dos procedimentos ideais para sua conservação, evitando assim maior desgaste da edificação; promovê-la enquanto bem cultural e ponto turístico do subúrbio carioca; sensibilizar a população local e os visitantes sobre a importância do patrimônio cultural e promover atividades que possam melhorar a qualidade de vida da população local, são sugeridas a seguir diretrizes gerais que devem ser incorporados ao plano de conservação preventiva.

Foram utilizados como referência para estas diretrizes gerais o Guia de Boas Práticas em Conservação Preventiva (HERITAGECARE, 2019), o Manual de Conservação Preventiva para Edificações (KLUPPEL;CABRAL, 2000) e Madeira: Uso e Conservação (GONZAGA, 2006).

4.1 PLANEJAMENTO DAS INTERVENÇÕES ARQUITETÔNICAS

Como apresentado no capítulo de diagnóstico, de maneira geral, o edifício se encontra em estado regular de conservação, necessitando principalmente de adequação às normas vigentes de instalações elétricas e hidro sanitárias; acessibilidade; proteção contra incêndio, e recuperação de elementos danificados pela ação da água e de xilófagos.

Para sistematizar a execução destas adequações, elas foram separadas de acordo com sua prioridade: alta (adequação às respectivas normas vigentes prevenindo riscos para o usuário e para o edifício, devendo ser implementadas em até um ano); média (aquelas capazes de melhorar significativamente o funcionamento da Basílica mas que não são de vital importância, devendo ser implementadas em até cinco anos); e baixa (itens que trarão algum benefício para a Basílica, porém, não são fundamentais para seu funcionamento, devendo ser implementadas nos próximos dez anos).

4.1.1 Prioridade alta:

Recuperar as instalações elétricas e adequá-las às normas vigentes para diminuir o risco de incêndio e curto-circuito. Solicitar que a RIOLUZ remova a fiação elétrica que

divide espaço com a tubulação de águas pluviais, proporcionando local e passagem adequado.

Rever o sistema de proteção contra descargas atmosféricas (SPDA). A Basílica, por ser o ponto mais alta da região, recebe grande volume de descargas atmosféricas, danificando equipamentos.

Recuperar as escadas e lajes de acesso às torres sineiras e instalar nova porta para o alçapão de acesso à cobertura, garantindo a estanqueidade dele e evitando novos danos estruturais pela ação da água das chuvas.

Contratar empresa especializada para fazer a descupinização dos elementos de madeira da edificação, em especial os do coro, dos quais, alguns são estruturais e já apresentam risco para a segurança dos usuários. Em seguida, recuperar estes elementos estruturais para garantir a segurança dos usuários.

Atualmente já existe inspeção regular (embora não programada) na cobertura. Para garantir ao funcionário responsável por estas inspeções condições seguras de realizá-las, recuperar o passadiço da cobertura e instalar elemento de segurança (linha de vida ou similar).

Quanto ao combate a incêndio, no momento conta-se apenas com a presença de extintores para o combate ao fogo, sendo necessário desenvolver e instalar sistema de detecção e combate a incêndio, desenvolver plano de segurança contra incêndio e pânico e promover formação e treinamento periódico de brigada de incêndio para os funcionários.

Adequar os efluentes de gordura e o sistema de despejo de águas pluviais às normas vigentes para evitar que sejam descartados de maneira irregular, diretamente sobre a pedra, contribuindo para a poluição do ecossistema local.

4.1.2 Prioridade média:

Desenvolver e instalar circuito fechado de TV (CFTV) para monitorar as dependências da edificação, aumentando assim a segurança para usuários, edificação e acervo.

Desenvolver o plano de conservação preventiva para o qual este trabalho reúne subsídios contemplando, além da edificação, o complexo como um todo, dando especial atenção à escadaria, por este ser um elemento de destaque do complexo.

No alto da pedra, a Igreja da Penha se configura como um marco do bairro, sendo necessário desenvolver projeto de luminotécnica para a área externa da Basílica incluindo

gradil, onde são dispostas as letras em grande escala que, quando iluminadas transmitem mensagens para a região.

A área do cruzeiro na frente da Basílica configura mais um atrativo turístico, para sua abertura ao público é necessária sua restauração e projeto paisagístico para o jardim contíguo.

Para melhor atender aos fiéis e turistas, aplicar as normas vigentes de acessibilidade à edificação.

Contratar profissionais especializados para restaurar todo o estuque que compõe o forro da nave, inclusive os lustres e seus sistemas de roldanas.

Remover, com a presença de profissional especializado, os azulejos que apresentam salinização para verificar sua causa. Substituir aqueles cujo vidro foi completamente perdido. Reconstituir aqueles que perderam parte do vidro. Remover o material incompatível e substituí-lo por material compatível. Recompôr o rejunte.

Substituir as madeiras das esquadrias que apresentam decomposição, remover as camadas excessivas de pintura e aplicar nova camada.

Promover a limpeza e remoção da ferrugem dos gradis externos do pavimento térreo e da porta de ferro do pavimento superior e aplicar nova camada protetiva.

Restaurar a pintura decorativa e imagem do batistério (Batismo de Jesus por São João Batista) para permitir a leitura completa da cena.

4.1.3 Prioridade baixa:

Os moradores do bairro já estão acostumados a ouvir os sinos que tocam a cada meia hora, estes, porém, poderiam passar por um processo de automatização para facilitar sua operação.

Além dos sinos, o sistema de som poderia passar por um aprimoramento para reproduzir com maior qualidade as missas, músicas católicas, orações e mensagens do reitor que já fazem parte da rotina do bairro. Esse aprimoramento permitirá também que ambiente católica seja reproduzida durante o horário de funcionamento da Basílica para que os visitantes possam desfrutar de um ambiente propício para a oração.

Preencher as lacunas das pedras que compõem o embasamento exterior, do mármore que compõe o embasamento no interior e do piso no interior da nave com material compatível.

Remover o piso cerâmico que substituiu a madeira no segundo pavimento e instalar novamente piso madeira.

Refazer e instalar as balaustradas de mármore (presbitério) e madeira (nave) e recolocar o portão de ferro que dava acesso ao presbitério para que a configuração do interior se aproxime mais daquela existente no momento do tombamento.

4.2 DIRETRIZES GERIAS PARA A EDIFICAÇÃO

Para evitar que o edifício sofra maiores desgastes até a conclusão das obras de restauração e o desenvolvimento e a implementação do plano de conservação preventiva, sugere-se uma série de diretrizes para a manutenção do edifício partindo da avaliação das práticas existentes na Igreja atualmente e propondo melhorias.

No Apêndice II do presente trabalho, será apresentado um cronograma de atividades programadas para sistematizar e facilitar a manutenção existente. Sua elaboração se baseou na análise das práticas de manutenção existentes atualmente na Igreja e nas recomendações da NBR 5674:2012 - Manutenção de edificações - Requisitos para o sistema de gestão de manutenção (ABNT, 2012), bem como de outros materiais de referência.

Manter as inspeções periódicas à cobertura (sobretudo antes do período de chuvas e depois de fortes tempestades) para verificar a presença de telhas faltantes ou danificadas, de vegetação e de outros detritos que possam obstruir as calhas, além do estado de conservação delas.

Sob a cobertura, é preciso verificar a existência de ninhos de aves ou outros animais e insetos e providenciar sua remoção e limpeza do local. É necessário que o funcionário responsável por esta atividade conheça o local para evitar uma queda ao pisar sobre o forro. Verificar também e remover, quando possível (por ser local muito alto e de difícil acesso ou porque no momento da inspeção já existem ovos ou filhotes nos ninhos), os ninhos de aves (em geral urubus) nas torres sineiras.

Verificar também a existência de ninhos nas sancas do forro em gesso no exterior da edificação. As fezes dos pássaros podem manchar a pintura.

É bom ressaltar a necessidade de uso de máscara pelo funcionário responsável pela limpeza destes lugares uma vez que fezes de animais e insetos podem ser prejudiciais à saúde.

Observar as trincas e rachaduras existentes nas paredes para verificar se há evolução delas. No caso de edifícios históricos, o solo já se encontra assentado, porém mudanças no ambiente ao redor do edifício (como obras, tráfego intenso de veículos) podem acarretar novo assentamento do solo.

Diversos pisos em madeira apresentam perda de camada protetiva, sendo necessário remover os resíduos existentes e aplicar nova camada para proteção e maior durabilidade do piso.

Quanto aos forros em madeira, remover as peças degradadas que não possam ser reaproveitadas, substituir por novas com as mesmas características, tratar todo o forro existente para aumentar a resistência à água e aplicar nova camada de pintura.

Evitar a substituição de elementos faltantes, reformas e acréscimos sem critério para que não haja descaracterização do edifício.

Evitar a utilização de materiais abrasivos para a limpeza, dando preferência, de acordo com a situação, a panos secos, ou panos umedecidos, ou detergentes neutros, ou solventes específicos.

A Basílica da Penha é um ponto turístico que recebe diversos visitantes, entende-se, portanto, a necessidade de sinalização. Deve-se preferir a utilização de totens apoiados no piso, evitando o uso de adesivos, pois estes deixam resíduos sobre a superfície que, muitas vezes, são difíceis de remover, necessitando de solvente específico. No caso dos locais onde já foi utilizado adesivo para a sinalização, removê-lo, bem como seus resíduos, com solvente específico.

Repintar a edificação como um todo para eliminar as diversas manchas existentes. Posteriormente, apenas manter a pintura. Remover, pelo menos em parte, a camada de pintura lisa que se encontra sobre a pintura decorativa no presbitério.

A existência de vegetação nas fachadas costuma estar relacionada a presença de umidade (infiltração). Remover a vegetação existente nas fachadas e verificar a existência de umidade nessas regiões.

Verificar o aparecimento de novas lacunas no embasamento em pedra do exterior, em mármore do interior e no piso também em mármore do interior da nave.

Verificar a estanqueidade das esquadrias antes e depois das chuvas. Substituir vidros quebrados quando necessário.

Promover, diariamente, a limpeza e remoção dos insetos que são atraídos pela luz.

4.3 DIRETRIZES GERAIS PARA OS BENS INTEGRADOS

Limpar periodicamente com material não abrasivo.

Alguns elementos (como parte dos estuques e peças de madeira) já foram completamente perdidos. Para estes, contratar profissional especializado para execução instalação de novo elemento.

É bom ressaltar que, no caso de elementos faltantes, é necessário evitar sua substituição sem critério, contratando profissional especializado para produzir novo elemento com base em registros anteriores e buscando, na medida do possível, armazenar itens quebrados para que possam ser restaurados também por profissional especializado.

Definir profissional capacitado para recompor os douramentos dos elementos de madeira.

4.4 DIRETRIZES GERAIS PARA OS BENS MÓVEIS

A Igreja da Penha conta com grande variedade de acervo de bens móveis: documentos, plantas arquitetônicas, livros de tombo, livros caixa, atas de reunião, cartas, fotografias, pinturas, gravuras, tapeçarias, vestes litúrgicas, objetos litúrgicos, mobiliário, arte sacra, entre outros. De maneira geral, estes itens não se encontram em situação ideal de acondicionamento, sendo necessária uma série de ações para a sua melhoria.

Sugere-se, primeiramente, contratar pessoal para ampliar a equipe de acervo (uma vez que o volume de trabalho é muito grande para a única funcionária, contratada para trabalhar apenas duas vezes por semana) capacitando-os para que possam melhor lidar com as necessidades do acervo, das quais, as mais urgentes são inventário e catalogação, permitindo assim, maior facilidade de acesso.

Uma vez inventariado e catalogado, contratar especialista para realizar diagnóstico e definir orientações específicas para conservação de cada item, evitando assim que haja maior deterioração. Para as peças que necessitem de restauração, contratar profissional especializado para executar o serviço.

Com o intuito de garantir que as informações contidas no acervo cheguem às gerações futuras, faz-se necessário contratar empresa especializada para digitalização do

acervo e tratamento das imagens digitalizadas. Em seguida, para garantir o acesso à informação, propõe-se a disponibilização desses arquivos digitalizados para o público.

Um acervo tão numeroso e diverso necessita de um lugar adequado para sua guarda, sendo necessário disponibilizar salas do prédio da administração (onde o acervo já se encontra atualmente, porém, de maneira dispersa) para sua guarda. Depois de definidas as salas, adequá-las para que possam ser utilizadas como reserva técnica, arquivo e mapoteca, permitindo o correto acondicionamento dos itens. Contratar especialista para avaliar a necessidade de instalar equipamento para controle de temperatura e umidade do ar, proporcionando maior segurança para o acervo.

Manter o acervo limpo (utilizando materiais não abrasivos), organizado e bem acondicionado.

Quanto ao mobiliário que, de maneira geral, se encontra em bom estado de conservação, limpar periodicamente com material não abrasivo. Apenas o altar do rito ordinário presente na nave e o altar da ermida original presente na sacristia necessitam de atenção diferenciada. O primeiro carece de preenchimento das trincas e restauração da pintura. Já o segundo, de remoção de sujidade, restauração do douramento e da pintura.

4.5 SEGURANÇA

Embora diversos participantes das entrevistas tenham mencionado que se sentem seguros na Igreja da Penha, esta encontra-se situada em uma comunidade com presença de criminalidade e conflitos armados.

Para que visitantes e funcionários tenham maior segurança e possam buscar abrigo com rapidez no caso de um conflito armado, faz-se necessário desenvolver um plano de emergência identificando abrigos e rotas seguras para eles, além de treinar funcionários para orientar o direcionamento para esses locais.

Por ser um local que recebe grande número de público, é importante promover treinamento periódico de primeiros socorros e de brigada de incêndio para a equipe de segurança patrimonial e voluntários.

Uma vez que ainda não existe sistema de detecção e combate a incêndio (salvo pelos extintores), é necessário desenvolver plano de emergência para caso de incêndio e manter este treinamento atualizado, inclusive depois da instalação do referido sistema.

Para melhor informar os visitantes, instalar sinalização visual sobre procedimentos de segurança, principalmente para indicar as áreas de abrigo em caso de conflitos armados, utilizando totens apoiados no chão e não adesivos.

4.6 DIRETRIZES GERAIS PARA AÇÕES SOCIAIS

Cada Igreja tem, pelo fato de ser Igreja, uma responsabilidade com a comunidade que a circunda. A Igreja da Penha já conta com uma série de ações sociais para melhoria das condições de vida e dignidade das pessoas que moram no entorno do complexo da Igreja da Penha.

Para potencializar essas melhorias, sugere-se promover oficinas de geração de renda através de cursos de artesanato voltados para moradores da comunidade local com o intuito de capacitá-los em atividades que possam gerar renda para garantir ou complementar o sustento próprio ou da família.

Promover workshops voltados para a comunidade local, em especial para os participantes dos cursos, abordando os temas de economia e empreendedorismo com o objetivo de continuar a capacitação dos participantes dos cursos.

Promover economia circular disponibilizando para venda na loja de lembranças da Igreja e/ou em feiras promovidas na área pertencente à Irmandade, os produtos desenvolvidos pelos alunos nos cursos de artesanatos promovidos, revertendo parte da renda para a administração da Igreja para que seja reinvestida em novas turmas.

Promover parcerias com os comerciantes da região (exposição de produtos/serviços em feiras, cupons de descontos, programas de fidelidade), incluindo o centenário Parque Shangai, visando o desenvolvimento do comércio local.

Estabelecer um ponto de venda de artigos religiosos e lanches na Rua dos Romeiros – rua de pedestres onde se encontra o principal centro comercial do bairro, com a intenção de e promover a Basílica além das diversas ações que nela acontecem.

Estabelecer na Basílica um grupamento de escoteiros católicos com o objetivo de oferecer para as crianças e jovens da região uma opção educativa e recreativa.

4.7 DIRETRIZES GERAIS PARA A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

A Igreja da Penha, por ser um bem tombado, agrega às suas responsabilidades paroquiais com a comunidade, a responsabilidade de sensibilizar sobre a importância do patrimônio cultural.

Para este fim, sugere-se promover treinamento das equipes de funcionários e voluntários para sensibilizá-los quanto a importância do patrimônio cultural e da Igreja da Penha enquanto patrimônio, estimulando-os a transmitirem estas informações para os visitantes.

Reforçar, durante as visitas guiadas, a importância da Igreja da Penha enquanto patrimônio cultural além da importância do patrimônio em geral e de sua preservação para que gerações futuras tenham a oportunidade de conhecê-la.

Dar maior destaque à visita ao Museu da Venerável Irmandade; treinar a equipe para guiar os visitantes durante o percurso do museu; utilizar placas explicativas ou QR codes; dar maior ênfase às ações de preservação do patrimônio.

Estabelecer parcerias com instituição que promovam ações de capacitação e oferecer cursos profissionalizantes no campo do restauro de livros, madeira (voltada para arte sacra) e têxteis – elementos presentes em maior quantidade no acervo na Igreja, voltados principalmente para a comunidade local com o objetivo de formar mão de obra capacitada para trabalhar nas áreas citadas acima e, em especial, no restauro dos objetos pertencentes ao acervo da Igreja.

Ressaltar a condição de patrimônio cultural tombado da Igreja da Penha durante festas e atividades culturais e promover sensibilização dos espectadores e participantes quanto à importância da preservação do patrimônio cultural.

Promover oficinas artísticas para as crianças da comunidade local, catequese e Colégio Nossa Senhora da Penha com foco na importância do patrimônio.

Preservar e promover a memória local através de:

- Projeto Memórias da Penha, onde serão coletados relatos de moradores antigos sobre suas memórias da Igreja da Penha e do bairro;
- Projeto Penha de Outrora, onde visitantes e moradores serão estimulados a enviar suas fotografias digitalizadas para e-mail exclusivo;
- Concursos culturais anuais (fotografia; desenho e pintura; escultura; poesia) com temas relacionados ao bairro e sua história.

4.8 DIRETRIZES GERAIS PARA O TURISMO

Com localização privilegiada no alto da rocha e vasta história, a Igreja da Penha se configura como um dos principais pontos turísticos da Zona Norte do Rio de Janeiro, no entanto, carece de ações que poderiam potencializar o turismo.

Em entrevistas, os participantes mencionaram a falta de informações disponíveis para o visitante. Propõem-se, portanto, a instalação de placas informativas ou QR codes nos pontos considerados de maior valor na Igreja.

Inserir a Basílica da Penha no circuito de turismo do Rio de Janeiro por meio de propaganda e articulação com outros atores e instituições locais.

Divulgar o tour virtual existente no site da Basílica (<https://www.basilicasantuariopenhario.org.br/>) e adicionar informações escritas e narradas sobre os elementos e espaços que a compõem, democratizando, assim, o acesso.

Promover a acessibilidade física, visual e auditiva por meio da instalação de elevadores e rampas; QR codes com áudios explicativos e áudio descrição; placas com informações em português, inglês, espanhol e braile.

Divulgar as visitas guiadas que já são oferecidas com agendamento prévio em dias específicos da semana e promover e divulgar visitas guiadas no primeiro domingo do mês (dia dedicado à devoção à N. S. da Penha, quando a Basílica recebe um número maior de fiéis), em horário pré-determinado, sem necessidade de agendamento.

Definir novo horário de funcionamento para a cantina para atender os novos visitantes.

Para que os visitantes possam tirar maior proveito do Museu e Sala de Milagres da Venerável Irmandade de N. S. da Penha de França, recomenda-se a sua revitalização e promoção de um percurso coeso com início, meio e fim além de um espaço organizado e acessível física, auditiva e visualmente.

Para tanto, faz-se necessário, além da instalação de elementos que permitam a acessibilidade citada acima, a capacitação dos voluntários da Equipe de Museu e Sala de Milagres para acompanhar o visitante pelo percurso proposto oferecendo informações sobre os itens em exposição, sua história e contexto, além de prestar o suporte necessário para pessoas com necessidades especiais.

O rico acervo da Igreja da Penha não cabe por inteiro no espaço dedicado ao museu. Para que os visitantes tenham acesso às demais peças que não se encontram em exposição

permanente, propõe-se desenvolver e instalar, em salas contíguas à concha acústica, exposições temporárias com duração de um ano inauguradas durante a Festa da Penha, permitindo assim que peregrinos anuais tenham a oportunidade de visitar estas exposições, que serão compostas por itens do acervo pertencentes a um mesmo conjunto – mantos de N. S. da Penha; objetos e vestes litúrgicas, quadros, tapeçarias e estandartes; imagens sacras; entre outros.

Após o encerramento de cada uma das exposições temporárias, sugere-se torná-las exposições itinerantes a serem montadas em outras Igrejas do Rio de Janeiro com o intuito de promover a devoção à N. S. da Penha, padroeira mariana do Rio de Janeiro, e estimular a visitação da Basílica dedicada a ela.

4.9 DIRETRIZES GERAIS PARA A CONSERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE

Mesmo situada em uma área densa do subúrbio carioca, a Igreja da Penha conta com significativa área verde. Para preservá-la e promovê-la, sugere-se consolidar a Pastoral do Meio Ambiente para coordenar as ações ligadas à sustentabilidade ambiental para o complexo da Basílica da Penha com base, sobretudo, na Carta Encíclica *Laudato Si'* (PAPA FRANCISCO, 2015), em português, *Louvado Sejas*, sobre o cuidado da Casa Comum, publicada pelo Papa Francisco.

Promover workshops para a comunidade e, em especial, membros da Pastoral do Meio Ambiente, abordando a importância da preservação do meio ambiente e métodos para tal.

Identificar as espécies nativas da região através de estudo feito por profissional capacitado e reflorestar a área de mata presente no sítio, promovendo a participação ativa da sociedade no plantio das mudas.

Conclusão

Ao pesquisar a história da Igreja da Penha em fontes primárias – atas de reunião, livros de tombo, livros de contas etc., pertencentes à Venerável Irmandade – percebe-se uma série de detalhes que a tornam ainda mais rica. Analisando a influência da Igreja no bairro da Penha e sua importância para a cidade e para a história do Rio de Janeiro, ficam evidentes o prestígio e o reconhecimento que a Igreja da Penha merece. Sua história é ímpar. Sua localização singular.

Ao longo do desenvolvimento do trabalho foram identificadas e sistematizadas informações sobre a história da edificação e as principais reformas pelas quais passou; história do bairro; características arquitetônicas e materiais construtivos; bens móveis e integrados; instalações prediais; eventos culturais e sociais; papel social; grupos de atores que interagem com o bem. Estas informações, além de demonstrarem a importância da Igreja da Penha para o bairro e para a cidade do Rio de Janeiro, mostraram-se fundamentais para a compreensão do edifício e de suas principais vulnerabilidades que, por sua vez, foram essenciais para o desenvolvimento dos subsídios para o plano de conservação preventiva e programada, objetivo deste trabalho.

O diagnóstico de conservação da centenária edificação demonstrou que seu estado geral de conservação é regular. Estes danos, em sua maioria, são resultado da falta de conhecimento da administração e dos funcionários sobre quais seriam as melhores estratégias de conservação. Muitas vezes a praticidade e a necessidade de atender melhor aos fiéis tiveram um grande peso na tomada de decisão e, por isso, em alguns momentos o edifício acabou prejudicado. Outras vezes, a falta de verbas fez com que a manutenção da rede elétrica tivesse preferência sobre a restauração de douramentos.

Atualmente a Venerável Irmandade compreende a importância da Igreja da Penha e de sua manutenção, dando um grande passo nesta direção ao contratar empresa especializada para desenvolver o projeto de restauro que, espera-se, possa ser implementado em breve.

Pretende-se com este trabalho instruir os responsáveis pela manutenção da Igreja sobre os conceitos de conservação preventiva e programada, que podem ser aplicadas imediatamente; propor diretrizes para a conservação preventiva e programada para evitar que a manutenção continue acontecendo em um sistema de resposta a demanda e para adaptar as já existentes estratégias de conservação às normas vigentes e considerando aquilo

que é mais adequado ao edifício; e implementar ações de educação patrimonial para que, com mais conhecimento, as decisões a respeito da manutenção e conservação sejam melhor tomadas, equilibrando a necessidades da edificação com as necessidades dos fiéis e visitantes.

Através das entrevistas semiestruturadas observou-se que o valor atribuído à edificação está relacionado, principalmente, à fé de seus frequentadores. Os testemunhos de milagres são frequentes – todos têm uma história para contar. Já os agradecimentos, também. Eles estão visíveis nos devotos que durante todo o ano sobem a escadaria de joelhos e na quantidade ex-votos (objetos que simbolizam a graça pedida e que são entregues para a Igreja quando ela é alcançada) encontrada no Museu da Venerável Irmandade.

Já na edificação, três objetos foram mais frequentemente apontados como os de maior valor: o altar mor da nave, a imagem de Nossa Senhora da Penha presente nele e o púlpito.

A Igreja da Penha é um lugar de muita devoção, diversos são os relatos de milagres e as demonstrações de fé. O amor pela Igreja da Penha e pela Igreja Católica como um todo, e a devoção mariana transparecem em cada ação: no voluntariado, na subida da escadaria, nas missas, nas festas. Fica claro que a Igreja da Penha é a casa da comunidade que a frequenta e que esta comunidade é uma família.

Ao observar esta relação do usuário com a Igreja percebe-se que aquilo que se encontra deteriorado não chegou neste estágio por descaso, mas por falta de verba e conhecimento.

Por tudo que foi dito até aqui, desenvolver este trabalho foi ao mesmo tempo uma grande emoção e uma grande responsabilidade. Espera-se que seja útil para a administração da Igreja da Penha e que dê frutos para os fiéis que a visitam.

Referências

ABNT. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 5674: Manutenção de Edificações: Requisitos para o sistema de gestão de manutenção**. Rio de Janeiro. 2012.

ABREU, Mauricio de Almeida. **A Evolução Urbana no Rio de Janeiro**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Pereira Passos, 2013.

ARQUIVO DISTRITAL DE FARO. **Livro de Batismos do ano de 1867**. Paróquia de São Pedro (Faro). Disponível em: <<https://digitarq.adfar.arquivos.pt/viewer?id=988328>>. Acesso em: 12 de janeiro 2020.

ARAÚJO, José de Souza Azevedo Pizarro. **Memórias Históricas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional do Rio de Janeiro, 1945.

ASTORGA ARQUITETURA E RESTAURAÇÃO. **Inventários de Materiais Nobres**. Rio de Janeiro, 2019.

ASTORGA, Jorge. Entrevista concedida a Carla dos Santos Feltmann. Rio de Janeiro, maio. 2021.

BARATA, Cau. **Primeiras famílias lusitanas do Rio de Janeiro**. Geneall, 2004. Disponível em: <<https://geneall.net/pt/forum/65518/primeiras-familias-lusitanas-do-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 22 de setembro 2020.

BASÍLICA SANTUÁRIO MARIANO ARQUIDIOCESANO DE NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA. **Livro de Atas de Mesas Ordinárias e Termos de Eleição III, 1859-1876**.

BASÍLICA SANTUÁRIO MARIANO ARQUIDIOCESANO DE NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA. **Livro de Atas de Mesas Ordinárias e Termos de Eleição III, 1906-1916**.

BASÍLICA SANTUÁRIO MARIANO ARQUIDIOCESANO DE NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA. **Livro de Atas da Meza Administrativa**, 1934-1942.

BASÍLICA SÃO PAULO. **Informações sobre a Basílica e o Santuário de Nossa Senhora da Penha em São Paulo, SP**. Disponível em: <<http://www.basilicadapenha.com.br/>>. Acesso em 23 de abril 2020.

BECK, Ingrid. **Associação de Arquivistas de São Paulo**. Disponível em: <<https://arqsp.org.br/cpba/>>. Acesso em 19 de fevereiro 2022.

BENCHIMOL, Jaime L. **Manguinhos do sonho à vida: a ciência na belle époque**. Rio de Janeiro. Casa de Oswaldo Cruz: Fiocruz, 1990.

BRANDI, Cesare. **Teoria da Restauração**. 4ª ed. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2017.

CARMO, Ricardo do; BICALHO, Eduardo Barbuto. MIRANDA, Maria Geralda. A Festa da Penha e o samba: patrimônios do Rio de Janeiro. **Revista Augustos**. v. 44, n. 22, p. 160-174, 2017.

CARNEIRO, Júlia Dias. **Em Igreja histórica próxima ao conflito, Padre reza missas normalmente**. Estadão 2010. Disponível em <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,em-igreja-historica-proxima-ao-conflito-padre-reza-missas-normalmente,646236>>. Acesso em: 28 mai. 2020.

CARVALHO, Claudia S. Rodrigues. Conservação preventiva de edifícios e sítios históricos: pesquisa e prática. **Revista CPC**. n. 18, p. 141-153, 2015.

CARVALHO, Claudia S. Rodrigues. **Plano de Conservação Preventiva do Museu Casa de Rui Barbosa: Documento para Preservação**. Rio de Janeiro: Edição de Website, 2017.

CARVALHO, Claudia S. Rodrigues. **O projeto de conservação preventiva do Museu Casa de Rui Barbosa.** Rio de Janeiro, s/d.

CARVALHO, Claudia S. Rodrigues. **Site do Plano de Conservação Preventiva da Fundação Casa de Rui Barbosa,** s/d. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/conservacaopreventiva/>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

CARVALHO, Gilberto de Abreu Sodré. **Ensaio sobre “Sodré”, desde o Rio de Janeiro, século 16 e 17, e antes, em Santarém, séculos 14-16, até minha mãe Lia e irmãos,** s/d. Disponível em: <https://www.parentesco.com.br/pdf/14_SODRE2.pdf>. Acesso em 22 set. 2020.

CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA CONSERVAÇÃO INTEGRADA. **A Instituição.** Disponível em: <<http://www.ceci-br.org/ceci/br/ceci.html>>. Acesso em set. 2021.

CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA CONSERVAÇÃO INTEGRADA. **Acompanhamento de obras.** Disponível em: <<http://www.ceci-br.org/obras/penha.htm>>. Acesso em set. 2021.

CESTARI, Jussara. **História da Igreja da Penha.** Documento interno. Rio de Janeiro, s/d.

CGE ENGENHARIA. **Relatório técnico Igreja da Penha.** Rio de Janeiro, 2019.

COELHO, Carla Maria T, et al. **Plano de conservação preventiva para o Pavilhão Mourisco da Fiocruz.** 3º Simpósio Científico do ICOMOS Brasil, Belo Horizonte, 2019.

COLUNGA, Padre Alberto. **Santuario de la Peña de Francia.** Salamanca, 1990.

CONVENTO DA PENHA. **454 anos de história.** Disponível em: <<https://conventodapenha.org.br/historico/>>. Acesso em: 23 abr. 2020.

COSTA, Renato Gama Rosa. **100 anos do Castelo da Fiocruz: criador e criatura**, 2018. Disponível em: <<http://brasilianafotografica.bn.br/?p=11758>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

COSTA, Renato da Gama Rosa; ANDRADE, Inês. **Pavilhão Mourisco no contexto do ecletismo carioca. História, Ciências, Saúde-Manguinhos**. História, Ciência e Saúde – Manguinhos. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 2020.

EFEGÊ, Jota. **Figuras e Coisas da Música Popular Brasileira**. Rio de Janeiro: Funarte, 2007

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Política de Preservação e Gestão de Acervos Culturais das Ciências e da Saúde**. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 2017.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Fiocruz lembra os 150 anos de Luiz Moraes Júnior, 2018**. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-lembra-os-150-anos-de-luiz-moraes-junior>>. Acesso em 17 jan. 2020.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Fiocruz lembra os 150 anos de Luiz Moraes Júnior, 2018**. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-lembra-os-150-anos-de-luiz-moraes-junior>>. Acesso em out. 2020.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **Plano de Conservação preventiva**. Disponível em: <http://casaruibarbosa.gov.br/conservacaopreventiva/interna.php?ID_S=16>. Acesso em: 26 mai. 2020.

GABLER, Louise. **Estrada de Ferro D. Pedro II. MAPA – Memória da Administração Pública Brasileira, 2015**. Disponível em: <<http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/317-estrada-de-ferro-d-pedro-ii>>. Acesso em: 17 abr. 2020.

GONZAGA, Armando Luiz. Madeira: Uso e Conservação. **Cadernos Técnicos**. vol. 6. Brasília, DF.: IPHAN/MONUMENTA, 2006.

GUICHEN, Gaël de. **Preventive conservation: a mere fad or far-reaching change?** Museum International. v.51, p. 4-6. Janeiro – Março, 1999.

_____. **Conservación preventiva: ¿en qué punto nos encontramos en 2013?** Patrimonio cultural de España. N°. 7, p. 15-24. Madri: Ministerio de Educación Cultura y Deporte: Subdirección General de Documentación y Publicaciones, 2013.

HERITAGECARE. **Guia de Boas Práticas em Conservação Preventiva.** 2019.

ICOM. International Council of Museums. **Terminology to characterize the conservations of tangible cultural heritage.** 15° Triennial Conference. New Delhi, 2008.

INTERNATIONAL COUNCIL ON MONUMENT AND SITES. **International Charter for the Conservation and Restoration of Monuments and Sites (The Venice Charter), 1964.** Disponível em: <https://www.icomos.org/charters/venice_e.pdf>. Acesso em: 10 maio, 2020.

_____. **The Nara Document on Authenticity.** Disponível em: <<https://www.icomos.org/charters/nara-e.pdf>>. Acesso em: 10 maio. 2020.

ICOMOS AUSTRÁLIA. **The Australia ICOMOS Charter for the Conservation of Places of Cultural Significance - (The Burra Charter), 1980.** Disponível em: <<https://australia.icomos.org/wp-content/uploads/The-Burra-Charter-2013-Adopted-31.10.2013.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2020.

IPHAN. **Manual de elaboração de projetos de preservação do patrimônio cultural.** Brasília: Ministério da Cultura, Instituto do Programa Monumenta, 2005.

IPHAN. **Carta de Atenas, 1931.** Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201931.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

INSTITUTO PEREIRA PASSOS. **Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) Municipal, por ordem de IDH, segundo os Bairros ou grupo de Bairros, no Município do Rio de Janeiro em 1991/2000.** Disponível em: <<https://www.data.rio/documents/PCRJ::%C3%ADndice-de-desenvolvimento-humano-idh-municipal-por-ordem-de-idh-segundo-os-bairros-ou-grupo-de-bairros-no-munic%C3%ADpio-do-rio-de-janeiro-em-1991-2000-/about>> . Acesso em 14 set. 2021.

INSTITUTO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Unidades de Polícia Pacificadora – O que são.** Disponível em: <<http://www.isp.rj.gov.br/Conteudo.asp?ident=62>>. Acesso em 02 jul. 2020.

KLUPPEL, Griselda; CABRAL, Mariely. **Manual de conservação preventiva para edificações.** Brasília: Ministério da Cultura, Instituto Programa Monumenta, 2000.

MAGALHÃES, Luis Carlos. **Memória da Folia: Uma festa carioca muito maior que o carnaval.** Jornal O Dia. Rio de Janeiro, 2007.

MARTINS, Marli Assis. Histórico do Santuário – parte 1. **Revista Santuário.** n. 1. mai., 2005.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.** Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=penha>>. Acesso em: 27 mar. 2020.

MORAES JR., Luiz de. **Livro de Obras da Igreja.** Basílica Santuário Mariano Arquidiocesano de Nossa Senhora da Penha de França. Rio de Janeiro, 1900.

MUNIZ, Sodré. **Samba, o dono do corpo.** 2ª ed. Rio de Janeiro: MAUAD, 1998.

PAPA FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato Si', sobre o cuidado com a casa comum, 2015.** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: ago. 2021.

PINHEIRO, Marcos José de Araújo, et al. **Metodologia e tecnologia na área de manutenção e conservação de bens edificados – O caso do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos**. Rio de Janeiro: Fiocruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2009.

PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL. **Diretoria de Fiscalização de Obras e Instalações**. Modificação da fachada da Igreja de N. S. da Penha. Distrito Federal, 1938.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Secretaria Municipal de Cultura**. Departamento Geral de Patrimônio Cultural. Divisão de Cadastro e Pesquisa. Cadastro de Bens móveis com Valor Individual. Rio de Janeiro, 1990.

RUSKIN, John. **A lâmpada da memória**. Tradução de Maria Lucia Bressan Pinheiro. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2008.

PARQUE SHANGHAI. **Nossa História**. Disponível em: <<https://www.parqueshanghai.com.br/historia>>. Acesso em: 24 nov. 2020.

SOUZA, Tárík de. **Tem Mais Samba, das raízes à eletrônica**. São Paulo: Editora 34, 2003.

TINHORÃO, José Ramos. **Música Popular de Índios, Negros e Mestiços**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

UNESCO. **A UNESCO no mundo e no Brasil**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/agencia/unesco/>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

VAN BALEN, Koenraad. **Preventive Conservation in the International context of the PRECOM3OS network**. PRECOM³OS UNESCO Chair. Leuven, Bélgica. 2011.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. **Restauração**. 4ª ed. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2013.

Apêndice I

Entrevistas

As entrevistas contaram com o seguinte roteiro aprovado pelo Comitê de Ética:

Roteiro de entrevista para a pesquisa Igreja da Penha: subsídios para o plano de conservação preventiva

Onde você mora?

Qual a sua relação com a Igreja da Penha?

Quais atividades você realiza lá?

Desde quando você frequenta a Igreja da Penha?

Você conhece a história da Igreja da Penha? Pode contar para mim?

Quais mudanças aconteceram na Igreja desde que você começou a frequentá-la?

Já visitou os outros espaços do lugar onde fica a Igreja da Penha? Gostaria de visitar?

Você enfrenta alguma dificuldade para chegar até lá?

Você se sente seguro na Igreja?

Quando você pensa na Igreja da Penha, de quais memórias você lembra?

O que torna a Igreja da Penha importante?

Se tivesse que descrever a Igreja da Penha para uma pessoa que nunca a visitou, como faria?

Já participou de outros eventos culturais na Igreja da Penha? Qual você acha que é o mais importante? Por quê? Você costuma participar desses eventos? De quê maneira?

Na sua opinião, o que a Igreja da Penha representa para a cidade do Rio de Janeiro?

Qual é a parte que você mais gosta na Igreja da Penha? E qual parte você menos gosta?

Você pode dizer qual parte da Igreja da Penha você acha mais importante e que deveria ser preservada?

Quando você vai à Igreja da Penha, sente falta do quê?

Você sabia que a Igreja da Penha é patrimônio cultural?

Você sabia que a Igreja da Penha vai ser restaurada? O que você acha? Quais melhorias isso traria para você e para a Igreja? Quais melhorias gostaria de sugerir?

Você se sente participante na Igreja? Gostaria de participar mais?

Quem é o responsável por conservar este lugar?

Você se sente bem na Igreja da Penha?
O que você acha que poderia melhorar?

Inserir subtítulo

A Igreja da Penha conta com diversos grupos de atores formados por visitantes (não necessariamente são católicos e não frequentam a Igreja da Penha ao menos uma vez por semana), frequentadores ou fiéis (frequentam a igreja da Penha ao menos uma vez por semana, normalmente são católicos), membros da administração (tomam decisões acerca da Igreja da Penha, não necessariamente possuem vínculo empregatício), funcionários (possuem vínculo empregatício, não participam da tomada de decisões), voluntários (não possuem vínculo empregatício, não participam da tomada de decisões), sacerdotes (membros do clero, são ou já foram capelães da Igreja da Penha).

Inserir subtítulo

Pelo menos um membro de cada grupo foi convidado para participar das entrevistas semiestruturadas, totalizando 27 entrevistas realizadas, das quais cinco foram feitas com visitantes, sete com frequentadores ou fiéis, duas com membros da administração, três com funcionários, oito com voluntários e duas com sacerdotes.

Percebeu-se que, de um modo geral, as pessoas têm conhecimento da história do milagre que levou à construção da Igreja no alto da Pedra. Dentre os entrevistados, 88,9% mencionam o homem que, no alto da Pedra, ao ser atacado por uma cobra, foi salvo pela distração causada por um lagarto depois de rogar proteção à Nossa Senhora. Dos entrevistados, 66,7% sabiam que este homem era Baltazar de Abreu.

Quanto a história da escadaria, 96,3% conhecem apenas a versão da devota Maria Barbosa, que teria mandado talhar os degraus na pedra em agradecimento pelo filho gerado.

Dos entrevistados, 70,4% dizem ter percebido uma grande mudança na gestão da Igreja da Penha desde que o Padre Thiago Sardinha assumiu como reitor em 2016. Foram mencionadas, principalmente, maior divulgação – principalmente nas redes sociais – e maior frequência de missas e eventos culturais. Os participantes relatam também sentirem-se mais acolhidos desde então.

Destacam ainda obras e reformas: ampliação da cantina; reforma da cozinha do Colégio e da casa paroquial; reforma e inauguração do salão de festas e do bazar da caridade; aquisição de tendas e cadeiras plásticas para eventos ao ar livre (muito utilizadas durante a pandemia de COVID-19, quando as missas foram celebradas na concha acústica); instalação da cobertura em frente à capela (esta divide opiniões, enquanto alguns concordam por permitir que os fiéis do lado de fora da capela participem das missas sem estarem expostos às chuvas, outros reclamam do calor sob a cobertura transparente – que recentemente recebeu uma proteção térmica – e do impacto visual desagradável que gerou)

Já na Basílica, não foram percebidas grandes alterações pelos participantes, dos quais, 88,9% mencionaram que o edifício se encontra sempre em ótimas condições.

Não foram relatadas dificuldades de acesso, principalmente depois da instalação dos planos inclinados, os famosos bondinhos, de responsabilidade da Prefeitura. Quanto à segurança, 85,2% dos participantes diz sentir-se seguro dentro dos limites da Igreja, alguns, porém, 11,1% mencionaram que, durante uma troca de tiros, só se sentem seguros dentro de alguma das construções do complexo.

A fé, a devoção, os milagres e as conversões foram mencionados por todos os participantes. A devoção mariana foi considerada muito presente entre os fiéis cariocas por um participante de outro estado. Uma das entrevistadas que visitou a Basílica e subiu a escadaria de joelhos em agradecimento pela cura, relatou que via a escadaria da Penha enquanto estava em um coma causado por COVID-19.

Como ela, outros tantos fiéis sobem os degraus de joelhos e foram mencionados em entrevistas por 66,7% dos participantes como algo frequente. Um, em particular, contou ter tido sua fé fortificada ao ver o grande número de pessoas que subiam de joelhos a escadaria durante a Festa da Penha, imaginava quais graças aquelas pessoas teriam recebido que justificariam tamanho sacrifício. Como frequentadora da Basílica aos domingos, diria que vejo alguém subindo a escadaria de joelhos duas vezes por mês, já vi em dias úteis, com menos frequência.

Dentre as diversas festas e eventos culturais, 92,6% dos participantes destacaram a Festa da Penha como a mais importante. Mencionaram, além dos devotos que sobem a escadaria de joelhos, as barraquinhas com comidas diversas e as atrações culturais. Sobre a Festa da Penha e o samba, 59,3% disseram conhecer a ligação entre ambos porque o atual reitor promove este vínculo com frequência.

A beleza da Basílica e da vista que se tem a partir dela, além da sensação de paz que proporciona, estão presentes em todos os relatos dos entrevistados. A importância do edifício é reconhecida, em geral, mais pela devoção do que pela história. Muitos disseram que as memórias que têm do local estão repletas de bons momentos com pessoas queridas e, principalmente, um sentimento forte de gratidão pelo amor de Deus e pelas graças alcançadas.

A Igreja é reconhecida como ponto turístico, porém, 77,8% dizem que o que mais sentem falta é de ações voltadas para o turismo, como totens explicativos e visitas guiadas.

Dos participantes, 74,1% sabem que a Igreja é bem tombada através da divulgação feita pelo pároco. Quanto às opiniões sobre o tombamento, 22,2% dizem ser benéfico, já os demais (77,8%), entendem como algo bom e ruim ao mesmo tempo: bom pois ajudaria a preservar a Igreja e, ao mesmo tempo ruim pois dificultaria e atrasaria a execução de obras necessárias. Um dos participantes citou, como exemplo, a demora para a substituição do forro que havia caído por aquele ser um edifício tombado. Esta ação talvez não fosse necessária se houvesse conservação preventiva.

Quanto ao projeto de restauração, apenas um participante disse ter ressalvas pois temia que a edificação pudesse ser descaracterizada (uma vez que diversos acréscimos sem critério já aconteceram em outras edificações do complexo).

Perguntados sobre o que teria mais valor ou seria mais importante, 88,9% mencionaram o altar mor ou a imagem de Nossa Senhora da Penha. Dois (7,4%) participantes destacaram os raios de sol que ganham cor dentro da Basílica depois de atravessar o vitral e, apenas um (3,7%), mencionou o Santíssimo Sacramento do Altar – a hóstia consagrada que é o próprio Cristo.

Frequentadores mais assíduos e voluntários veem uns aos outros como parte da mesma família e percebem a Igreja da Penha como sua própria casa, tendo por ela grande carinho e zelo. Apesar disso, 88,9% não se considera responsável pela conservação do local, apontando como responsáveis o pároco ou a própria Irmandade.

Apêndice II - Conservação programada

Local	Elemento	Atividade	Periodicidade	Responsável
Fundações e estrutura	Alvenarias	Observar se há evolução das trincas existentes. Fotografar e arquivar. Identificar a causa.	Uma vez por mês.	Equipe de manutenção local (servente)
		Realizar inspeção para verificar dano estrutural.	Sempre que houver evolução nas trincas	Empresa/profissional especializado
	Lajes em concreto (acesso às torres sineiras)	Observar se há evolução nas trincas existentes. Fotografar. Arquivar fotografias.	Uma vez por mês.	Equipe de manutenção local (servente)
		Realizar inspeção para verificar dano estrutural.	Sempre que houver evolução nas trincas	Empresa/profissional especializado
	Elementos em madeira (estrutura da cobertura, escadas)	Observar se há evolução nos danos existentes. Fotografar e arquivar. Identificar a causa.	Uma vez por mês.	Equipe de manutenção local (servente)
		Remover camada protetiva desgastada lixando a superfície com cuidado para não chegar à madeira, limpar com pano seco, aplicar nova camada protetiva.	Sempre que necessário.	
		Consolidar e recompor.		Empresa/profissional especializado
		Substituir elementos faltantes.		

		Dedetizar.	A cada três meses	
		Realizar inspeção para verificar se há dano estrutural.	Sempre houver evolução nos danos existentes.	
Cobertura	Telhas	Verificar se existem telhas danificadas. Fotografar e arquivar. Identificar causa.	Uma vez por mês, ou sempre que houver previsão de tempestade, ou após tempestade	Equipe de manutenção local
		Remover folhas, vegetação, fezes e ninhos de animais e demais detritos.		
		Limpeza/escovação das telhas com escova de cerdas macias, água e detergente neutro. Lavagem com água corrente à baixa pressão.	Uma vez ao ano	
		Substituição de telhas quebradas por outras do mesmo modelo, coloração, textura e dimensões. Se necessário, recorrer a depósitos de demolição ou mandar fazer sob medida.	Sempre que necessário	
		Recompor telhas danificadas		
	Calhas e condutores	Reformar passadiço	Evento único	Empresa/profissional especializado
		Instalar linha de vida		
		Acompanhar o estado de conservação do passadiço e da linha de vida.	Uma vez por mês	Equipe de manutenção local
		Limpeza/varredura de canais das telhas para evitar o seu entupimento e o das calhas.	Uma vez por mês, ou sempre que houver previsão de tempestade, ou após tempestade	
		Verificar se as calhas estão danificadas ou obstruídas (jogando bande d'água).		
Remover folhas, vegetação e demais detritos.				

	Sótão	Observar se há evolução dos danos existentes. Fotografar e arquivar. Identificar a causa.	Uma vez por mês.	Equipe de manutenção local (servente)
		Verificar a presença de ninhos e/ou animais e insetos, removê-los quando possível.		
		Limpeza / varredura	Depois de chuvas	
		Verificar se existem indícios de infiltração.		
		Dedetizar	A cada três meses	Empresa/profissional especializado
	Torres sineiras	Verificar a presença de ninhos e/ou animais e insetos, removê-los quando possível.	Uma vez a cada seis meses	Equipe de manutenção local (servente)
Limpeza				
Área externa	Pátio	Limpeza / varredura	Uma vez ao dia	Equipe de manutenção local
		Remover poças d'água	Sempre que houver acúmulo de água	
	Jardins	Desenvolver projeto paisagístico	Evento único	Empresa/profissional especializado
		Regar	Diariamente	Equipe de manutenção local (jardineiro)
		Aubar a terra	Uma vez a cada 3 meses	
		Remover ervas daninhas	Sempre que necessário, especialmente antes de grandes eventos	
		Podar		
	Plantar novas mudas			

Revestimentos externos	Fachadas	Remover vegetação existente.	Sempre que necessário	Equipe de manutenção local (servente)
		Limpar elementos	Uma vez a cada três anos.	Empresa/profissional especializado
	Pintura	Observar a existência de danos. Fotografar e arquivar. Identificar a causa.	Uma vez por mês.	Equipe de manutenção local (servente)
		Remover a pintura em descolamento ou manchada e aplicar nova camada.	Sempre que for identificado dano pontual	Equipe de manutenção local (pintor)
		Remover o reboco existente, aplicar novo reboco e nova pintura.	Sempre que for identificada perda de reboco	
		Repintura geral da edificação	Uma vez a cada três anos, preferencialmente antes da Festa da Penha.	
	Forros em gesso	Verificar se há perda de elemento. Fotografar e arquivar. Identificar a causa.	Uma vez por mês.	Equipe de manutenção local (servente / pintor)
		Remover pintura em descolamento com espátula, lixar a superfície, limpar com pano seco, pintar.	Sempre que necessário.	
		Remover ninhos de animais.		
		Limpar as fezes de aves com esponja macia, água e sabão neutro.		
		Recompor elementos faltantes com material compatível, respeitando as características do forro.	Empresa/profissional especializado	
	Embasamento em pedra	Limpeza com aspirador, trincha ou escova macia ou sopro de ar a baixa pressão.	Uma vez por mês	Equipe de manutenção local (servente)
		Remover vegetação	Sempre que necessário.	

		Lavar com água, preferencialmente de Ph neutro, a baixa pressão para remover sujidade superficial; pode-se utilizar detergente neutro.	Sempre que houver sujidade impregnada	Empresa/profissional especializado
		Umedecer a área e utilizar lâminas para a remoção da sujidade, tomando o cuidado e não danificar ou riscar a pedra.		
		Recompor lacunas	Sempre que necessário	
		Remover material incompatível		
Revestimentos internos	Forro em madeira	Acompanhar evolução das manchas de umidade e trincas. Fotografar e arquivar. Identificar a causa.	Uma vez por mês	Equipe de manutenção local
		Remover camada de pintura em descolamento com espátula, lixar a superfície com lixa média, limpar com pano seco, aplicar camada protetiva, pintar.	Sempre que necessário	
		Repintura geral	Uma vez a cada três anos	
		Dedetizar	Uma vez a cada três meses	Empresa/profissional especializado
		Recompor lacunas	Sempre que necessário	
		Substituir elementos faltantes		
	Forro em gesso	Verificar se há perda de elemento. Fotografar e arquivar. Identificar a causa.	Uma vez por mês	Equipe de manutenção local
		Remover pintura em descolamento com espátula, lixar a superfície, limpar com pano seco, pintar.	Sempre que necessário	
		Recompor elementos faltantes com material compatível, respeitando as características do forro.		Empresa/profissional especializado

	Pintura	Observar a existência de danos. Fotografar e arquivar. Identificar a causa.	Uma vez por mês.	Equipe de manutenção local (servente)
		Remover vegetação	Sempre que for necessário	Equipe de manutenção local (servente / pintor)
		Remover a pintura em descolamento ou manchada e aplicar nova camada.	Sempre que for identificado dano pontual	
		Remover o reboco existente, aplicar novo reboco e nova pintura.	Sempre que for identificada perda de reboco	
		Repintura geral do edifício	Uma vez a cada três anos, preferencialmente antes da Festa da Penha.	
		Borrifar solução de 10% de detergente neutro e água, esfregar com estopa, esponja ou escova de cerdas macias (não utilizar material abrasivo), borrifar a superfície com solução de água e álcool e secar com pano limpo.	Sempre que houver manchas, vestígios de tinta e vernizes e poeira impregnada ou durante a repintura geral do edifício.	
		Remover, pelo menos em parte, a pintura que cobre a pintura decorativa do presbitério	Evento único	Empresa/profissional especializado
	Remover o material em descolamento, escovar para remover o pó com escova de cerdas macias, aplicar adesivo a base de resina acrílica, preencher o sulco com argamassa compatível.	Sempre que houver fissuras ou trincas		
	Embasamento em mármore	Remover instalações elétricas irregulares	Evento único	Empresa/profissional especializado
		Remover preenchimentos em material incompatível	Sempre que necessário	
Recompor lacunas				

		Limpeza com aspirador, trincha ou escova macia ou sopro de ar a baixa pressão.	Uma vez por mês	Equipe de manutenção local (servente)
		Lavar com água, preferencialmente de Ph neutro, a baixa pressão para remover sujeira superficial; pode-se utilizar detergente neutro.	Sempre que houver sujeira impregnada	
		Umedecer a área e utilizar lâminas para a remoção da sujeira, tomando o cuidado e não danificar ou riscar a pedra.		Empresa/profissional especializado
	Piso em mármore/líoz	Limpeza com aspirador, trincha ou escova macia ou sopro de ar a baixa pressão.	Diariamente	Equipe de manutenção local
		Remover adesivos	Sempre que necessário	
		Lavar com água, preferencialmente de Ph neutro, a baixa pressão para remover sujeira superficial; pode-se utilizar detergente neutro.	Sempre que houver sujeira impregnada	
		Umedecer a área e utilizar lâminas para a remoção da sujeira, tomando o cuidado e não danificar ou riscar a pedra.		Empresa/profissional especializado
		Remover preenchimentos em material incompatível	Sempre que necessário	
		Recompor lacunas e peças quebradas		
		Substituir peças perdidas		
Azulejaria	Limpeza com pano limpo umedecido em água e álcool.	Uma vez por mês	Equipe de manutenção local	

		Acompanhar processo de salinização. Fotografar e arquivar. Identificar a causa.			
		Borrifar solução de água e detergente neutro a 10% esfregando com estopa, esponja ou escova de cerdas macias. Em seguida, borrifar a superfície com solução de água e álcool e secar com pano limpo. Caso o elemento persista, utilizar solvente apropriado.	Sempre que houver sujidade impregnada, adesivos, respingos de tinta ou vernizes		
		Remover material incompatível	Sempre que necessário		Empresa/profissional especializado
		Reconstituir peças danificadas			
		Substituir peças que perderam mais de 70% do vidrado			
		Substituir peças com perda de tardo			
	Remover / reconstituir rejunte				
	Ladrilhos hidráulicos	Varrer a superfície e limpar com pano limpo umedecido com água.	Diariamente	Equipe de manutenção local (servente)	
		Utilizar solução de água e 10% de detergente neutro, esfregar com estopa, esponja ou escova de cerdas macias. Se a mancha persistir, utilizar solvente próprio.	Sempre que houver sujidade impregnada ou manchas de tinta ou verniz		
		Recompôr as fissuras.	Sempre que necessário		Empresa/profissional especializado
	Piso em madeira	Limpeza	Diariamente	Equipe de manutenção local (servente)	
		Remover camada protetiva desgastada lixando a superfície com cuidado para não chegar à madeira, limpar com pano seco, aplicar nova camada protetiva.	Sempre que necessário	Equipe de manutenção local (marceneiro)	

		Fixar peças soltas	Sempre que necessário		
		Recompor lacunas			
		Substituir peças danificadas			
	Esquadrias em madeira		Dedetizar	Uma vez a cada três meses	Empresa/profissional especializado
			Limpeza	Uma vez por mês	Equipe de manutenção local (servente / marceneiro / pintor)
			Verificar estanqueidade	Depois de chuvas	
			Substituir vidros quebrados	Sempre que necessário	
			Remover pintura em descolamento com espátula, lixar a superfície com lixa média, limpar com pano seco, aplicar camada protetiva, pintar.		
			Decapagem de peças com camadas excessivas de tinta.		
			Recompor lacunas		
			Substituir elementos faltantes		
			Restaurar douramentos		
			Dedetizar	Uma vez a cada três meses	Empresa/profissional especializado
	Repintura geral das equadrias		Uma vez a cada três anos	Equipe de manutenção local (pintor)	
	Esquadrias em ferro	Limpeza	Uma vez por mês	Equipe de manutenção local (servente / serralheiro / pintor)	
		Verificar estanqueidade	Depois de chuvas		
		Substituir vidros quebrados	Sempre que necessário		
		Remover pintura em descolamento, remover ferrugem, recompor lacuna, aplicar camada protetiva, pintar.			
		Substituir elementos faltantes.			
Repintura geral das esquadrias		Uma vez a cada três anos			
Estuques ornamentais	Limpeza com aspirador de pó e/ou trincha macia e seca	Uma vez por mês	Equipe de manutenção local (servente)		

		Limpeza com solução de água e detergente neutro (5% a 10%) com pano de algodão ou estopa umedecidos em água	Sempre que houver sujidade impregnada.	Empresa / profissional especializado (restaurador)
		Remover manchas de gordura com detergente; se persistirem, utilizar outros solventes, neutralizando posteriormente a superfície com detergente neutro e limpando-a com solução de água e álcool.	Sempre que houver mancha de gordura	
		Remover crosta de sujeira inicialmente com e, em seguida, com solução de água e detergente neutro (5% a 10%).	Sempre que houver crosta de sujeira	
		Remover camadas excessivas de pintura, pintura danificada ou pintura incompatível com relevo.	Sempre que necessário	
		Recompôr lacunas cromáticas		
		Recuperar os douramentos oxidados		
		Recompôr elementos danificados		
		Substituir elementos faltantes		
	Altars	Limpeza com aspirador de pó e/ou trincha macia e seca	Uma vez por mês	Equipe de manutenção local (servente)
		Retocar pintura	Sempre que necessário	Empresa / profissional especializado
		Remover crosta de sujeira inicialmente com e, em seguida, com solução de água e detergente neutro (5% a 10%).		
		Recompôr lacunas cromáticas		
		Recuperar os douramentos oxidados		
		Recompôr elementos danificados		
Substituir elementos faltantes				

	Imagens sacras	Limpeza com aspirador de pó e/ou trincha macia e seca	Uma vez por mês	Equipe de manutenção local (servente)
		Retocar pintura	Sempre que for necessário	Empresa / profissional especializado
		Remover crosta de sujeira inicialmente com e, em seguida, com solução de água e detergente neutro (5% a 10%).		
		Recompor lacunas cromáticas e / ou volumétricas		
	Mobiliário	Limpeza com aspirador de pó ou pano seco.	Uma vez por semana	Equipe de manutenção local (servente)
		No caso de sujidade impregnada utilizar escova seca. Se persistente, utilizar detergente neutro ou solvente próprio ao tipo de matéria a ser removida.	Sempre que necessário	
		Remover camada protetiva desgastada lixando a superfície com cuidado para não chegar à madeira, limpar com pano seco, aplicar nova camada protetiva.		
		Recompor lacunas		
	Púlpito	Limpeza com aspirador de pó e/ou trincha macia e seca	Uma vez por semana	Equipe de manutenção local (servente)
		Recompor lacunas	Sempre que necessário	Empresa / profissional especializado (restaurador)
		Substituir elementos faltantes		
		Substituição de elos oxidados		

	Lustres	Limpeza com pano seco e ou trincha macia e seca	Uma vez por mês	Equipe de manutenção local (servente)
		Substituição dos elos oxidados	Sempre que necessário	Empresa / profissional especializado (restaurador)
		Recomposição de elementos danificados		
		Substituição de elementos perdidos		
		Manutenção das roldanas	Uma vez por ano	
	Bancos	Limpeza com pano seco	Uma vez por semana	
		Remover camada protetiva desgastada lixando a superfície com cuidado para não chegar à madeira, limpar com pano seco, aplicar nova camada protetiva.	Sempre que necessário	
		Preencher de lacunas		
		Aplicar nova camada protetiva		
		Substituir tela de palha		
		Dedetizar	Uma vez a cada três meses	Empresa / profissional especializado
	Balaustrada	Fabricar e instalar novas balaustradas	Evento único	Empresa / profissional especializado
Limpeza com pano seco e / ou trincha seca e macia		Uma vez por semana	Equipe de manutenção local (servente)	
Instalações	Hidrossanitárias	Desenvolver projeto para instalações hidrossanitárias que atenda às normas vigentes e as necessidades da Igreja.	Evento único	Empresa / profissional especializado
		Adequar às normas vigentes		

		Limpar caixas de passagem	A cada seis meses	Equipe de manutenção local (servente)
		Inspeccionar sistema.	Sempre que for observado recalque na estrutura (recalque estrutural pode significar movimentação de terreno, o que pode danificar o sistema hidrossanitário)	
	Elétricas	Desenvolver projeto para instalações elétricas que atenda às normas vigentes e as necessidades da Igreja.	Evento único	Empresa / profissional especializado
		Adequar às normas vigentes		
		Atualizar os sistemas de proteção dos quadros de distribuição secundários utilizando fusíveis e disjuntores tipo NEMA, barramentos de fase e neutro, aterramento e adequação de cabos de acordo com circuitos e disjuntores.		
		Aterrar partes metálicas (gradil).		

		Verificar o funcionamento das lâmpadas	Uma vez por mês	Equipe de manutenção local
		Providenciar caixas de entrada específicas para as instalações elétricas que passam por dentro da tubulação de águas pluviais.	Evento único	RIOLUZ
		Realizar inspeção / manutenção	Uma vez a cada seis meses	Equipe de manutenção local / RIOLUZ
	Sistema de Proteção Contra descargas elétricas (SPDA)	Desenvolver projeto para instalações elétricas que atenda às normas vigentes e as necessidades da Igreja.	Evento único	Empresa / profissional especializado
		Adequar às normas vigentes		
		Manutenção / revisão	A cada seis meses	

Apêndice III

Breve histórico – parte 1

Construção, reformas e títulos

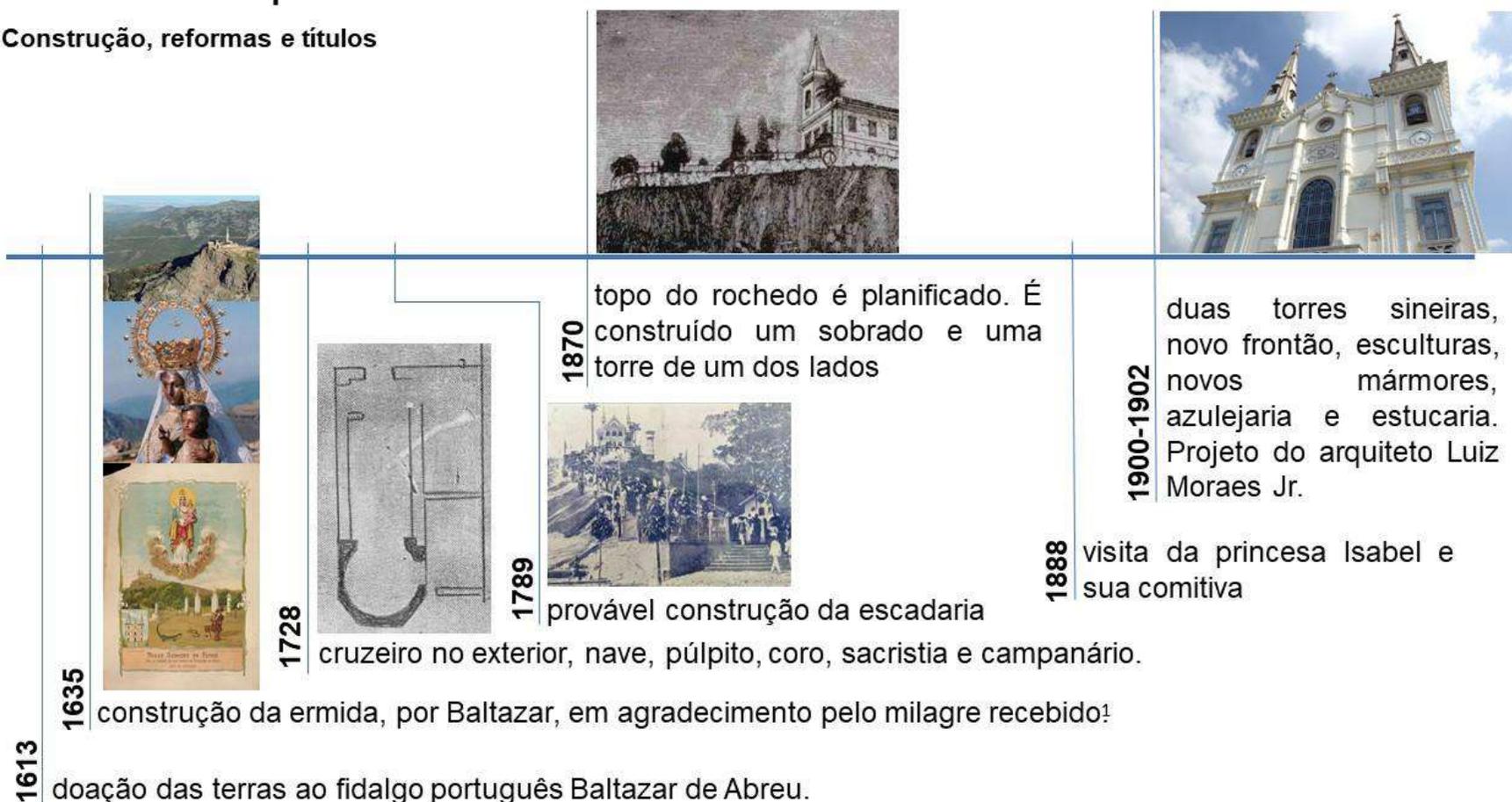


Figura 210 - Breve histórico da Igreja da Penha, parte 1 de 2.
Fonte: acervo pessoal da autora.

Breve histórico – parte 2

Construção, reformas e títulos

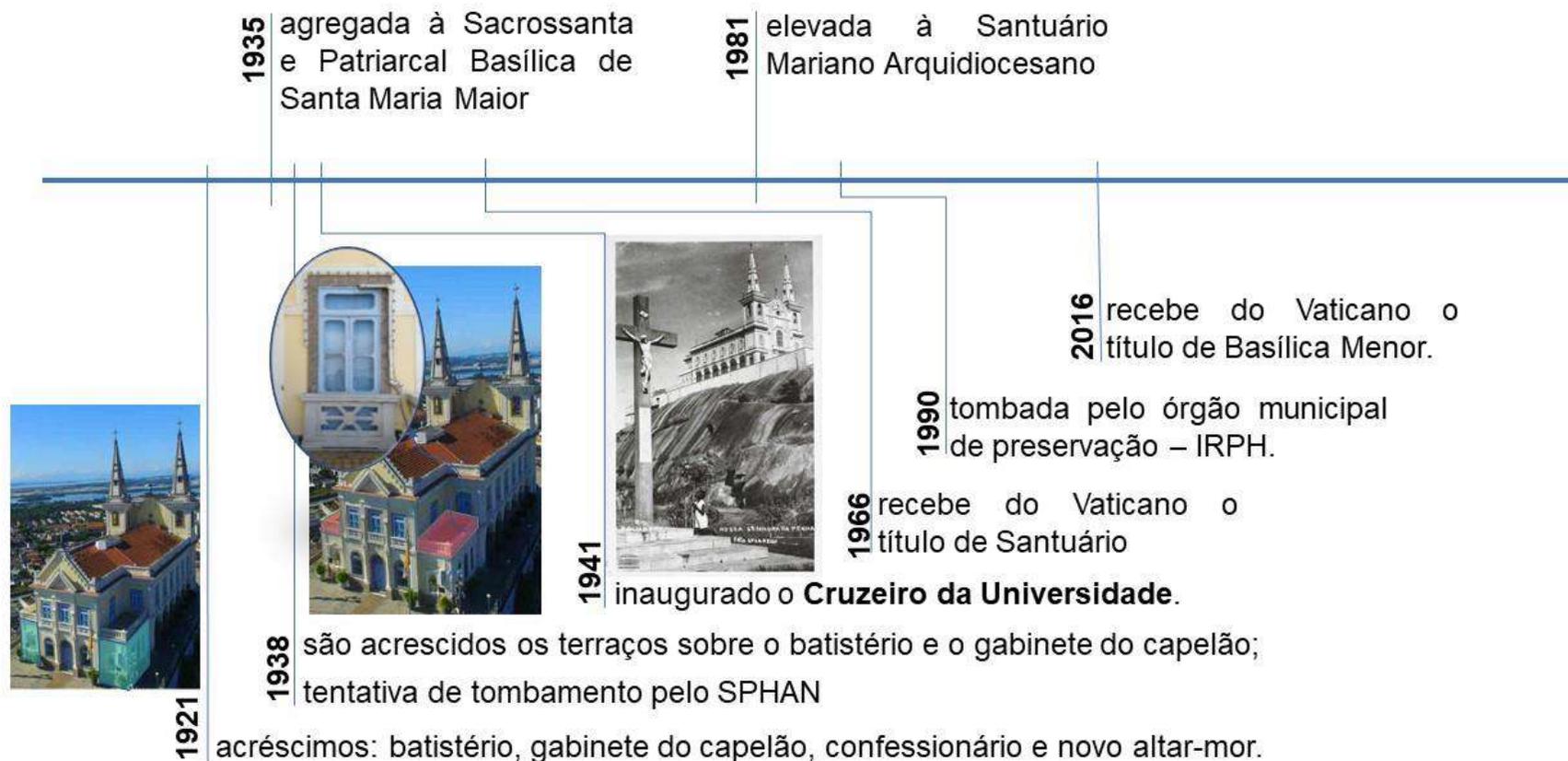


Figura 211 - Breve histórico da Igreja da Penha, parte 2 de 2.

Fonte: acervo pessoal da autora.

Apêndice IV

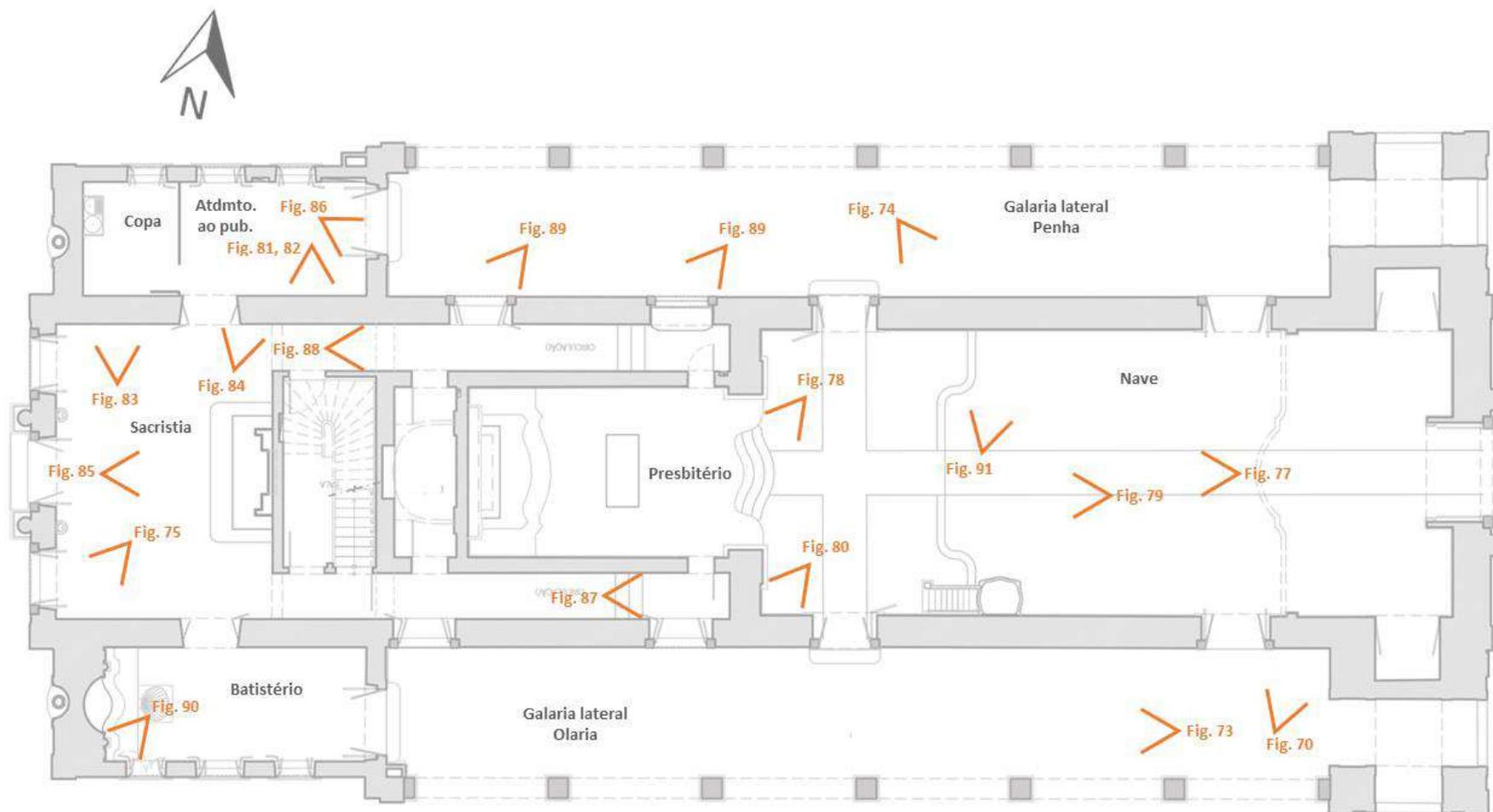


Figura 212 – Localização das figuras presentes do subitem de materiais e sistemas construtivos, pavimento térreo.
Fonte: acervo pessoal da autora.

Apêndice V

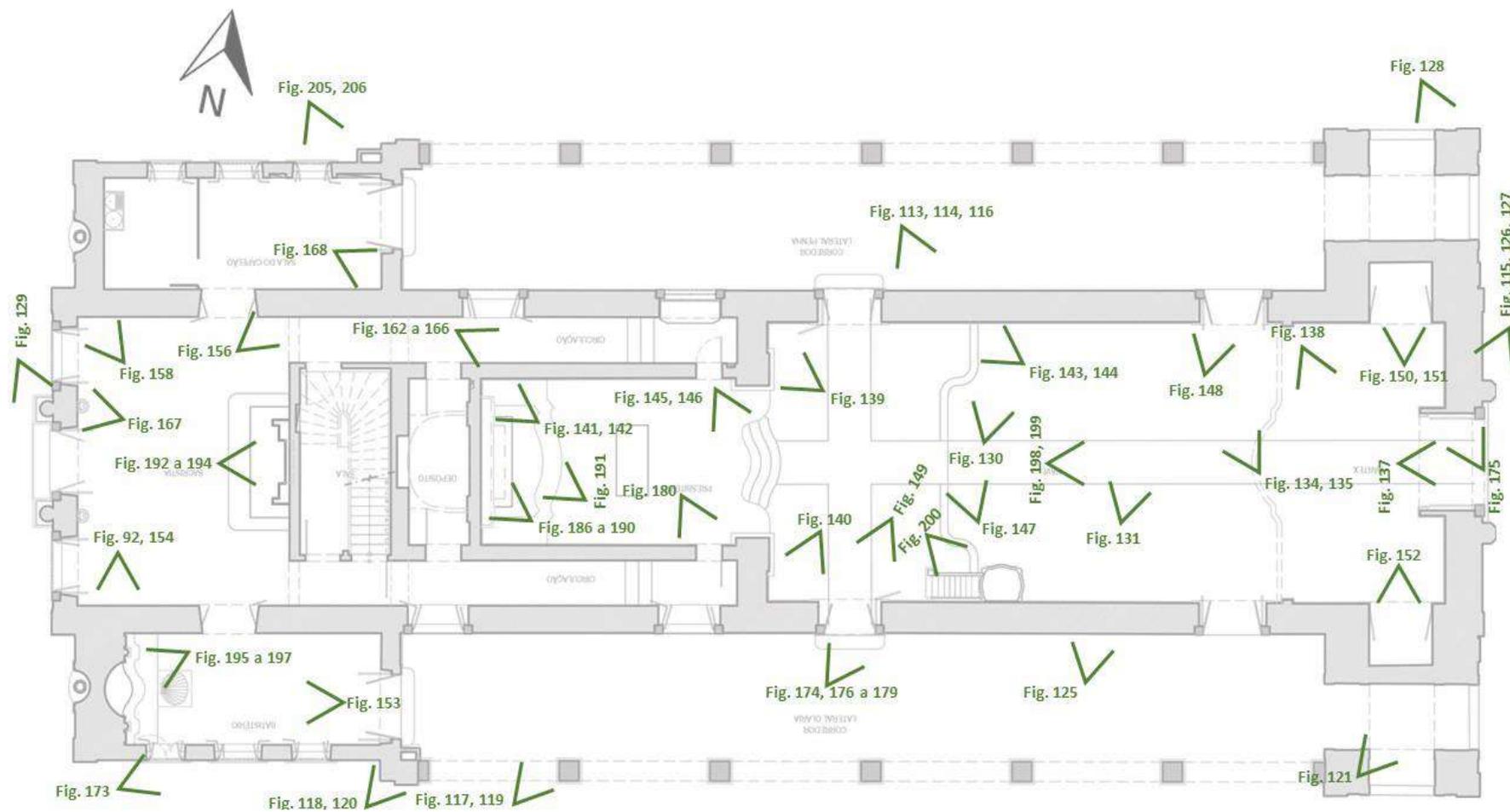


Figura 213 – localização das figuras presentes no capítulo Diagnóstico de Conservação, pavimento térreo.
Fonte: acervo pessoal da autora

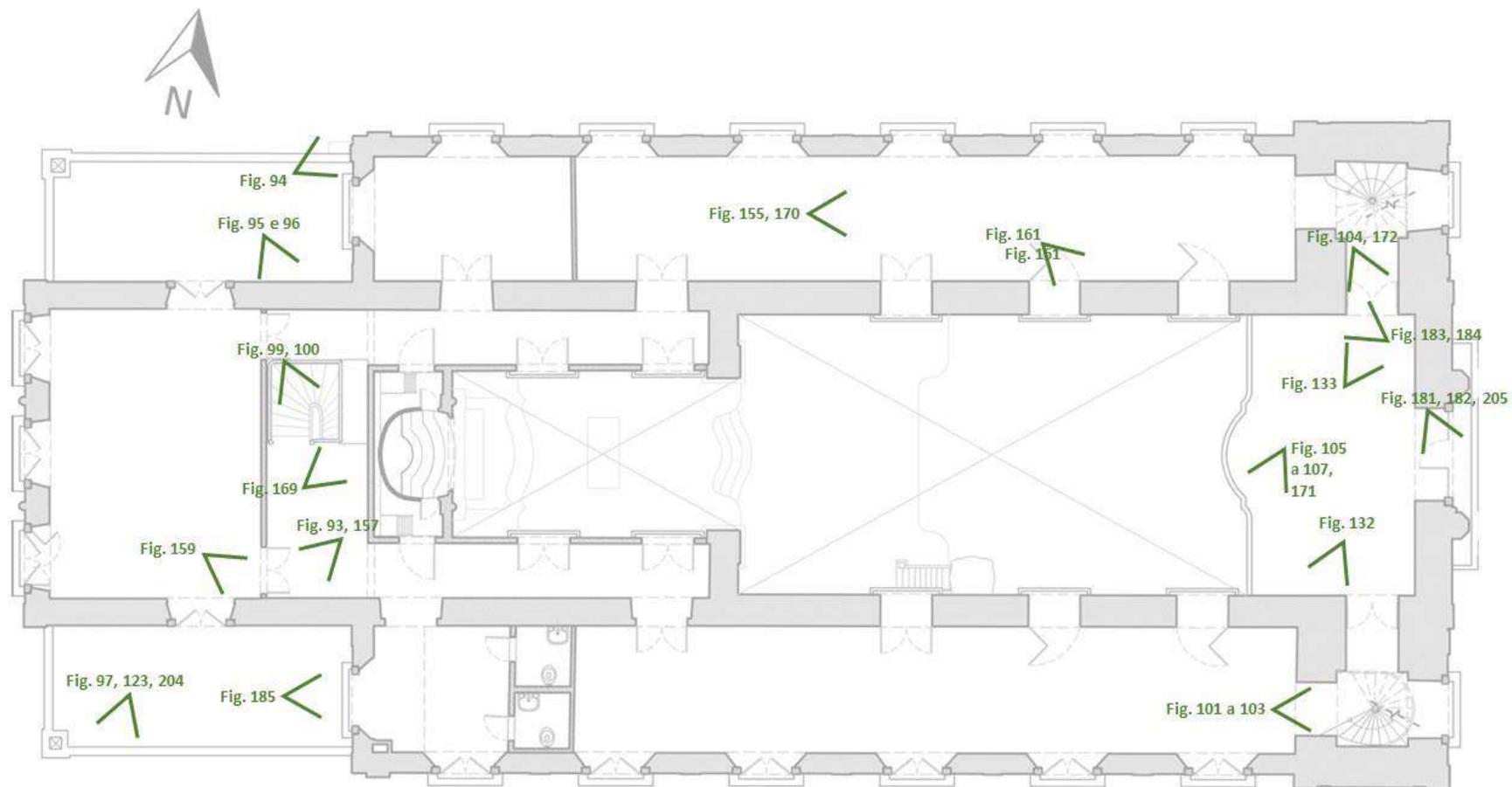


Figura 214 – localização das figuras presentes no capítulo Diagnóstico de Conservação, pavimento superior.
Fonte: acervo pessoal da autora

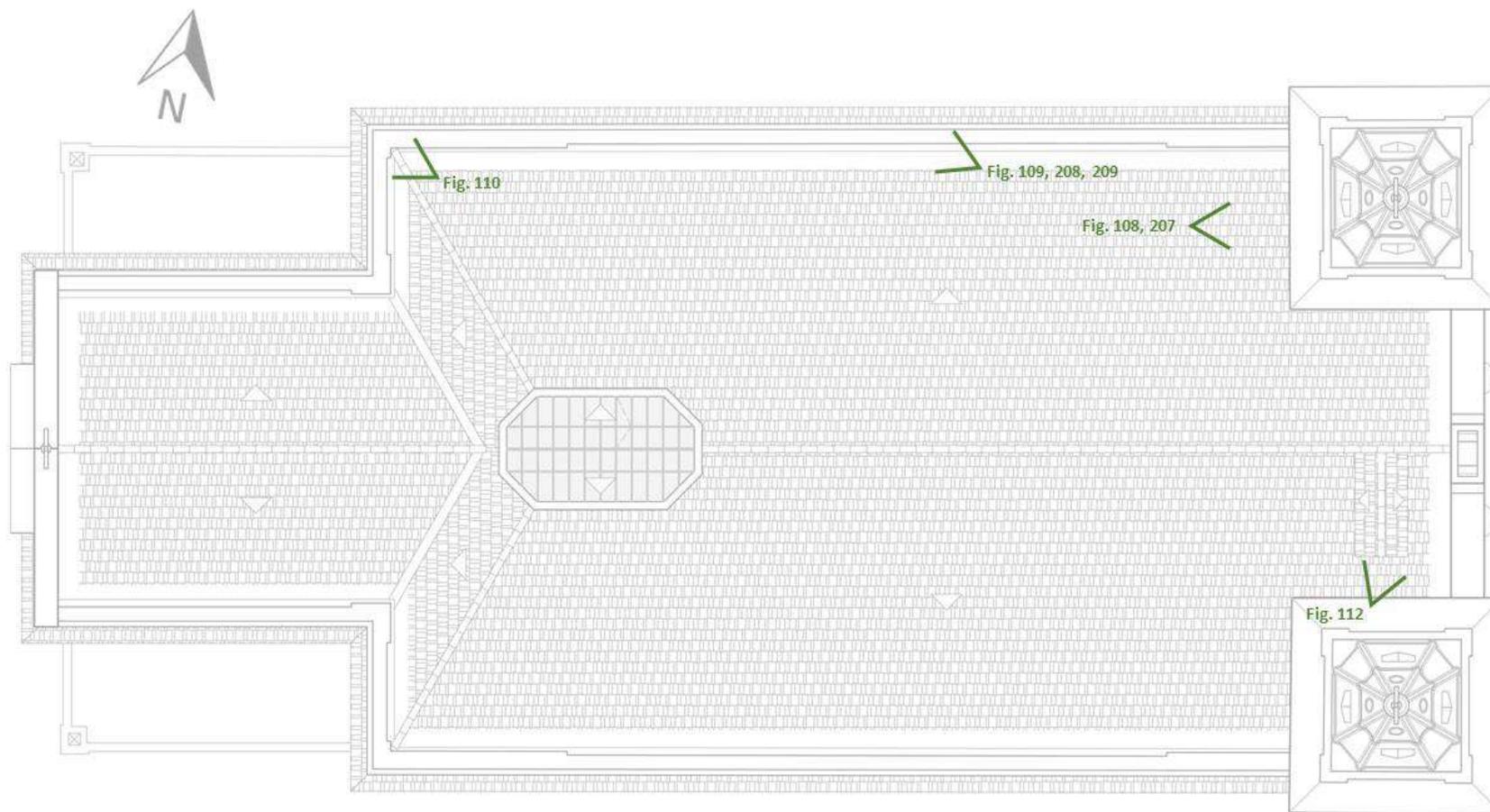


Figura 215 – localização das figuras presentes no capítulo Diagnóstico de Conservação, cobertura.
Fonte: acervo pessoal da autora

Anexo 1 – Imagens do Livro de Obras da Igreja da Penha de 1900 - 1902

1

Penha, 20 Julho 1900

Ex^{mo} Am. Presidente da Comp.^o
Edificadora Capital

Incluo tenho a honra de remat-
tar a V. Ex^{ma} copia do desenho do
monuo a fazer em frente à Igre-
ja e na qual esta representada
a tinta azul o augmento a cons-
truir (além do já contractado) e
que segundo a medição offerece
este excesso, um resultado de trin-
ta e sete metros cubicos, quatro cen-
tos e cincoenta e um decimetros -
(37.451) que ao preço de trinta e cinco
e mil reis (35,000) o metro cubico,
conforme foi apurado com o Sr.
Dr. Durham, perfaz a quantia
de Reis 1.316.5785 que serão cre-
ditados a sua Comp.^o logo que o
referido serviço estiver prompto.
Pedindo o favor d'acurar a
percepção da presente, sou com de-
vida consideração

De V. Ex.^{ma}
M^{te}. Alt. Ven.
Luiz Moraes &
engenheiro

Figura 216 – Registro do Livro de Obras da Igreja do ano de 1900 onde é possível identificar a assinatura de Luiz Moraes.

Fonte: Acervo da Basílica da Penha, 2021.

Folha do pessoal empregado nas diferentes obras da Igreja

Nomes	emprego	Dezembro												Total dias	Jornal	Total	
		1	2	3	4	5	6	7	10	11	12	13	14				15
José Barbosa	pedreiro	1													1	600	6000
José Pinheiro	"	1													1	550	5500
José Pinto	"	1	1/2	1	1	1	1		1	1	1	1	1	1	10 1/2	4500	47500
Franç. Coimbra	Carouquin	1													1	4300	4300
J.º Alvaro	"	1	1/2	1	1	1	1		1	1	1	1	1	1	10 1/2	4300	45150
Ant.º Joaq.º	"	1													1	4300	4300
Ant.º Carlos	"	1													1	4300	4300
Ortiz	servente	1	1/2	1	1/2	1	1	1/2	1	1	1	1	1	1	11	4000	44000
João de Sousa	Carouquin		1/2	1	1	1	1		1	1	1	1	1	1	9 1/2	4300	40850
Ant.º Barbosa	"			1	1	1	1		1	1	1	1	1	1	9	4300	38700
Ant.º Raimundo	"			1	1	1	1		1	1	1	1	1	1	9	4300	38700
Ant.º Neves	Capiteiro								1	1	-	1	1	1	5	6000	30000
João Marques	Pedreiro														1	5000	5000

Total reis 314300
 Pagos em Dezembro 1900

23

Figura 217 – Registro do pagamento de funcionários presente no Livro de Obras da Igreja (1900).
 Fonte: acervo da Basílica

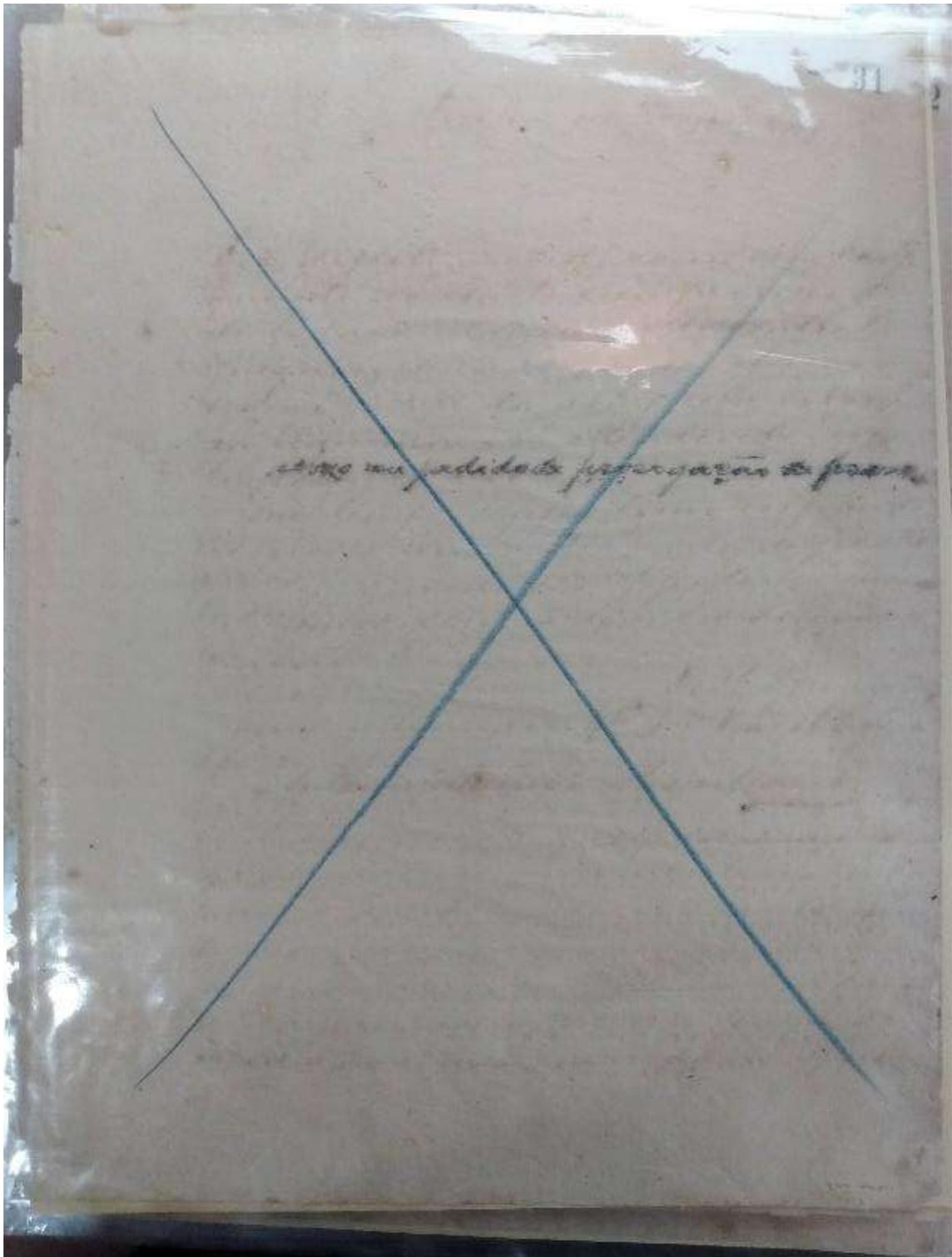


Figura 218 – Danos identificados no Livro de Obras da Igreja (1900)

Fonte: Acervo da Basílica.



Figura 219 – Danos identificados no Livro de Obras da Igreja (1900)

Fonte: Acervo da Basílica.